



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS

NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

**O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA:
O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILMES” E SUA
INTERATIVIDADE COM O LEITOR**

FEIRA DE SANTANA
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletras.uefs.com.br

NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

**O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA:
O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILMES” E SUA
INTERATIVIDADE COM O LEITOR**

**FEIRA DE SANTANA
2017**

NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

**O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA:
O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILMES” E SUA
INTERATIVIDADE COM O LEITOR**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS – da Universidade Estadual de
Feira de Santana, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cledson Novaes

**FEIRA DE SANTANA
2017**

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

S236c Santos, Najane Aparecida dos
O cinema brasileiro na aula de língua portuguesa: o gênero discursivo “indicação de filmes” e sua interatividade com o leitor./ Najane Aparecida dos Santos. Feira de Santana, 2016.
157f.: il.

Orientador: Claudio Cledson Novaes
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras.
2016.

1. Cinema brasileiro. 2. Letramento literário e filmico.
3. Indicação. de filme. I. Novaes, Claudio Cledson, (orient.)
II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU : 806.90:791.43

TERMO DE APROVAÇÃO

NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

**O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA:
O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILMES” E SUA
INTERATIVIDADE COM O LEITOR**

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cledson Novaes
Orientador, Departamento de Letras e Artes, UEFS

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Examinador Interno, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

Profa. Dra. Miriam Sumica Carneiro Reis
Examinadora Externa, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Feira de Santana, 28 de novembro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus! Todas as honras e Glórias sejam dadas sempre a Ele: Nosso Pai Eterno Amoroso. Em todos os momentos das viagens que fiz, com chuva, frio, ou quando a terra estava seca, o solo queimava, a paisagem mostrava-se assolada e incomodava-me olhar a longa distância do caminho no percurso Jequié – Feira de Santana, Deus renovava as minhas forças. Quando, em determinados momentos da jornada, a força era pouca, o cansaço comprimia a minha mente, Ele sempre esteve presente, dando-me forças e discernimento para não desistir no meio do caminho. A Ele o meu maior agradecimento e Amor.

A todas as pessoas que Deus colocou nesta jornada para contribuir na construção dos meus conhecimentos e que souberam agir com sinceridade para o meu crescimento nesta etapa:

Aos meus Pais, que sempre me protegeram e me amaram, por todos os cuidados. Mesmo diante de todas as dificuldades da vida pelas quais eles passaram, lutaram e dedicaram a vida com amor para que eu fosse além daquela situação; trabalharam e me criaram de forma digna e honrada. A eles, o meu Amor e reconhecimento.

Aos meus filhos, que ficavam em Jequié, distantes de mim, quase todas as semanas e me apoiavam, encorajando-me a prosseguir.

À minha família de Feira de Santana, em especial, a minha prima Joseane Souza, que me acolheu em sua casa durante todo o período deste curso com todo apoio e amor.

À Direção, Coordenação e Professores do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, em especial à Coordenadora Tânia Amorim, que contribuiu, acreditou em mim e apoiou-me em diversos momentos. À Professora Adriana Abreu (Muitas contribuições na época do PIBID).

Ao Professor Cláudio, orientador deste projeto, que me deu autonomia para seguir os estudos de acordo com as minhas expectativas, mas que, com toda sensibilidade e sutileza, apontava caminhos adequados a seguir.

Ao Professor Patrício Nunes Barreiros que se dedicou totalmente ao PROFLETRAS, primando sempre pela excelência do curso, para que pudéssemos ter êxito e reconhecimento.

A todos os Professores que ministraram aulas no projeto e trouxeram valorosas contribuições: Antonilma Santos Almeida Castro, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, Girlene Lima Portela, Mariana Fagundes de Oliveira, Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Flávia Aninger de Barros Rocha, Humberto Luiz Lima de Oliveira, Claudio Cledson Novaes e aos outros professores colaboradores do Profletras.

Aos funcionários da UEFS que auxiliavam no Profletras.

Aos meus colegas da Primeira Turma do PROFLETRAS, pelo apoio em diversos momentos! Trabalho em equipe, almoço e conversas. A Base e a União em diversos momentos. Nunca esquecerei!

A fantasia é uma espécie de máquina eletrônica que leva em conta todas as combinações possíveis e escolhe as que obedecem a um fim, ou que simplesmente são as mais interessantes, agradáveis ou divertidas. (Calvino, 1990, p. 107).

RESUMO

Iniciamos esta pesquisa com uma pergunta: é possível potencializar o envolvimento dos alunos na aula de língua materna através do componente curricular complementar “Filme brasileiro”, para que haja o desenvolvimento da capacidade comunicativa, promovendo maior interatividade, através da construção oral e escrita do gênero discursivo “Indicação de filme”? Buscando responder a esse questionamento, elaboramos uma proposta de sequência didática para promover uma reflexão por meio do gênero discursivo “Indicação de filme brasileiro”, a fim de criar estratégias para que os alunos tenham autonomia para se expressarem nas formas padrão oral e escrita, tendo o cinema brasileiro como estímulo para o gosto literário e o aprimoramento da língua portuguesa. Outro propósito é promover o letramento literário e fílmico de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, por meio de atividades interdisciplinares e comparativas entre a obra literária *A Máquina* e a obra fílmica homônima, promovendo a construção discursiva para além dos sentidos didáticos do gênero discursivo “Indicação de filme”. O presente trabalho ancora-se principalmente na proposta enunciativo-discursiva, de Bakhtin (1997); na abordagem cinematográfica de Aumont e Marie (2013), Xavier (1984) e Napolitano (2013); de letramento literário, de Cosson (2014), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); de modalidade do gênero, de Marcuschi (2008); além das contribuições de Barbosa e Rovai (2012) e Machado (2009). O trabalho justifica-se relevante, porque trazer o cinema para auxiliar nesse contexto poderá produzir um exercício prático de cidadania e interação crítica, visto que, entre as várias possibilidades de fruição fílmica, a de trabalhar com o gênero discursivo “Indicação de filme” permitirá aos alunos participar de práticas sociais efetivas e valorizar o cinema brasileiro. Os estudos realizados no ProfLetras (Mestrado Profissional em Letras), modalidade de curso *stricto sensu*, concretizam a elaboração de material didático para assessorar professores do Ensino Fundamental II e trazem direcionamentos que auxiliam no desenvolvimento das competências discursivas do aluno, de acordo com os eixos propostos nos PCNs e de metodologias de ensino que tornem as aulas mais dinâmicas, complementando as necessidades do aluno contemporâneo, visto que a complexidade de ingredientes, como literatura e filme, é necessária para compor um conhecimento que seja plausível de indicação, pois não há o que indicar quando se desconhecem os componentes.

Palavras-chave: Cinema brasileiro. Indicação de filme. Letramento literário e fílmico.

ABSTRACT

We began this research with a question: is it possible to enhance the involvement of students in the maternal language through complementary curricular component: Brazilian film, so there is the development of communication skills, promoting greater interactivity through oral construction and writing discursive genre movie indicating? Seeking to answer this question, we prepared a proposal of didactic sequence to promote reflection through the discursive genre "Brazilian film indicating" in order to create strategies so that students have autonomy to express themselves in oral patterns forms and writing, with Brazilian cinema as a stimulus to the literary taste and the improvement of the Portuguese language. Another purpose is to promote literary literacy and filmic of the students, of the 9th grade of elementary school II, through interdisciplinary and comparative activities of the literary work "The Machine" with the filmic homonymous work, promoting the discursive construction beyond the didactic sense of the discursive genre "movie indicating". This work was anchored mainly in the enunciative-discursive proposal, of Bakhtin (1997); the cinematic approach of Aumont; Marie (2013), Xavier (1984) and Napolitano (2013); literary literacy Cosson (2014); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); gender mode in Marcuschi (2008); by contributions from Barbosa and Rovai (2012) and Machado (2009). The work is justified because bringing the film to assist in this context can produce a practical exercise of citizenship and critical interaction as between the various possibilities of filmic enjoyment, to work with the discursive genre: Movie indication will allow students to participate in effective social practices and enhance the Brazilian cinema. And these studies in ProfLetras – Professional Masters in Literature – Course mode *Stricto Sensu* embodies the development of teaching materials to assist elementary school teachers II and brings directions that assist in the development of discursive skills of the student, according to the proposed axes in PCN and teaching methodologies that make the classes more dynamic, complementing the needs of the modern student, as the complexity of ingredients such as literature and film is necessary to compose a knowledge that is plausible indicating, because there is nothing to indicate when unknown components.

Keywords: Brazilian Cinema. Movie indicating. Literacy literary and filmic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema da sequência didática	43
Figura 2 – Avaliação da atividade	70
Figura 3 – Avaliação da atividade	71
Figura 4 – Primeira Produção do gênero indicação de filme	73
Figura 5 – Primeira Produção do gênero indicação de filme	74
Figura 6 – Hipótese sobre o título do livro <i>A Máquina</i>	76
Figura 7 – Hipótese sobre o título do livro <i>A Máquina</i>	76
Figura 8 – Hipótese sobre o título do livro <i>A Máquina</i>	77
Figura 9 – Hipótese sobre o título do livro <i>A Máquina</i>	77
Figura 10 – Capas do livro <i>A Máquina</i>	78
Figura 11 – Impressões sobre o romance <i>A Máquina</i>	80
Figura 12 – Impressões sobre o romance <i>A Máquina</i>	81
Figura 13 – Impressões sobre o romance <i>A Máquina</i>	82
Figura 14 - Momento da exibição do filme <i>A Máquina</i>	83
Figura 15 – Indicação de filme	92
Figura 16 – Indicação de filme	94
Figura 17 – O Blog: Indicação de Filme Brasileiro.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características do gênero indicação de filme.....	47
Quadro 2 – Número de gêneros discursivos trabalhados pelos professores do CELVF....	53

LISTA DE FOTOGRAMAS

Fotograma 1 – Plano detalhe	85
Fotograma 2 – Ângulo baixo	85
Fotograma 3 – Plano de conjunto	86
Fotograma 4 – Plano de conjunto,.....	87
Fotograma 5 – Ângulo alto	88
Fotograma 6 – Plano geral	88
Fotograma 7 – Plano médio	89
Fotograma 8 – Close up	89
Fotograma 9 – Plano Próximo	90
Fotograma 10 – Plano médio	91
Fotograma 11 – Plano Geral	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Índices dos suportes de leitura	57
Gráfico 2– Índices de quem incentiva a leitura	58
Gráfico 3 – Índices de formas para ampliar a bagagem cultural	59
Gráfico 4– Índices de trabalhos com filmes	59
Gráfico 5 – Identificação do gênero indicação de filme	97
Gráfico 6 – Justificativa do nome do gênero	98
Gráfico 7– Índices de características do gênero	99
Gráfico 8 – Sequências linguísticas dirigidas ao leitor	99
Gráfico 9 – Índices de leitura do romance	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O CINEMA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	18
2.1	BREVE HISTÓRICO DO CINEMA NO BRASIL	19
2.2	O CINEMA EM CENA EDUCACIONAL	22
2.3	O CINEMA NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA	25
2.3.1	A linguagem cinematográfica	26
2.3.2	O letramento fílmico e a obra literária	28
2.3.3	A Máquina – Imagens em palavras – Palavras em imagens	30
3	OS GÊNEROS DISCURSIVOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	37
3.1	O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILME”, UM GÊNERO EMERGENTE?.....	41
3.2	IDENTIFICANDO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DISCURSIVO INDICAÇÃO DE FILME	45
4	METODOLOGIA DA PESQUISA	49
4.1	A INSTITUIÇÃO ESCOLAR DE APLICAÇÃO	49
4.2	O MÉTODO: PESQUISA-AÇÃO	50
4.3	SEQUÊNCIA DIDÁTICA	52
4.3.1	Percepção do docente sobre letramento literário e fílmico	52
4.3.2	Letramento literário e fílmico na concepção do discente	57
4.3.3	Proposta metodológica para se trabalhar com o gênero discursivo indicação de filme brasileiro	60
4.3.4	Desenvolvendo a sequência didática – Relato de experiência.....	69
4.3.5	Análise dos gráficos referentes ao caderno de atividades	96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	104
	APÊNDICE	108
	CADERNO DE ATIVIDADES	113
	ANEXOS	132

1 INTRODUÇÃO

A inserção do cinema por meio da exibição de filmes para complementar a proposta pedagógica de uma escola, no Brasil, possui um processo histórico que foi iniciado no começo do século XX e traz experiências de projetos que se empenharam na busca por uma formação educacional do ser humano em diferentes anseios, políticos e sociais.

Com o passar do tempo, através do desenvolvimento da tecnologia, houve cada vez mais a democratização do cinema. Das salas de exibição fílmica, o cinema evoluiu para outros suportes, que facilitaram cada vez mais o acesso a filmes.

No entanto, o que se percebe ainda é a pouca valorização da produção fílmica brasileira justificada por discursos que expressam impressões e pouco conhecimento da nossa produção fílmica. Nesse sentido, trazer o filme brasileiro para compor as práticas pedagógicas nas diversas áreas do conhecimento e, especificamente, para a aula de Língua Portuguesa pode ser uma das formas de tornar o ensino mais enriquecedor e, ao mesmo tempo, mais integrado, mais abrangente e menos fragmentado, visto que articula outras linguagens que se complementam.

O gênero discursivo “Indicação de filme”, em estudo, engloba o filme brasileiro e outros gêneros discursivos, atingindo o ponto de desconstruir estereótipos sobre o cinema brasileiro e, conseqüentemente, sobre a nossa realidade.

Algumas práticas tradicionais adotadas no ensino de Língua Portuguesa são pouco interativas para a formação de leitores críticos, e o cinema, como arte, pode ampliar o estudo no campo das linguagens, visto que, em muitas situações, impera o silêncio na aula de língua materna, quando apenas a voz autorizada do professor faz valer a gramática normativa. O gênero discursivo “filme” pode ser o ponto de diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, tendo em vista o sujeito mais importante no processo de ensino e aprendizagem, o aluno, o qual vive imerso no mundo imagético produzido pela tecnologia, o que vem produzindo efeitos que muitas vezes tiram o foco das relações humanas, precisando de mediação adequada para compreender a linguagem tecnológica.

Nessa perspectiva, esta pesquisa envolveu professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, localizado em Jequié, município do estado da Bahia, verificando se existe a possibilidade do componente curricular complementar “Filme nacional” ser

inserido nas aulas de Língua Portuguesa através do estudo do gênero discursivo “Indicação de filme”, para promover o desenvolvimento da leitura, da escrita e da oralidade, através das imagens literárias e da câmera, levando-se em consideração a obra literária da autora Adriana Falcão, intitulada *A Máquina*¹ (2006), a qual inspirou a produção da peça teatral de João Falcão e o roteiro do filme nacional homônimo. Esse filme contém um composto de linguagens que o fazem ser repleto de possibilidades temáticas, desde o código oral, com uma linguagem criativa, como também o código das imagens, luz, som, montagem, próprios do cinema, que revelam, em forma de poesia e prosa, a realidade daqueles que saem dos seus lares para tentar a sorte nos grandes centros urbanos. Aborda também o progresso tecnológico, enfatizando o uso maciço da mídia como instrumento de poder, a beleza e a força da construção das palavras em níveis diversos, tocando com atualidade o ensino de língua materna.

Além disso, esse filme encontra-se de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei nº 13006², quanto à exibição do cinema nacional na escola, observando-se também as matrizes curriculares nacionais, e estudos passados e recentes que amparam e fundamentam o componente curricular complementar “Filme nacional”. Concretiza-se um dos objetivos do Profletras: indicar os meios adequados para trabalhar diferentes gêneros discursivos e tipos textuais nas práticas de ensino e da aprendizagem da leitura e da produção textual em suportes digitais e não digitais. Nesse sentido, esta sequência didática sobre o gênero discursivo “Indicação de filme” engloba cinema e literatura, visto que o filme baseou-se em uma obra literária e possibilitou a integração de diversos planos de conhecimento e a utilização de outras mídias.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) indicam, entre outros objetivos do Ensino Fundamental, que os alunos sejam capazes de utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal –, como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos

¹ *A Máquina* (2006) Classificação: 12 anos, Gênero: Romance e Drama, Direção: João Falcão, Roteiro: João Falcão, Elenco: Aramis Trindade, Edmilson Barros, Gustavo Falcão, Lázaro Ramos, Mariana Ximenes, Paulo Autran, Wagner Moura, Produção: Diler Trindade, Fotografia: Walter Carvalho, Trilha Sonora: Chico Buarque de Hollanda, DJ Dolores, Robertinho de Recife, Duração: 95 min. indicado para o Festival do Rio 2005 Melhor Filme - Júri Popular.

² Acrescenta § 8o ao art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Este parágrafo traz a redação seguinte: § 8o A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.”

públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos.

No entanto, esses objetivos são pouco explorados, pois ainda ocorre o exercício predominante da metalinguagem da gramática normativa, e há pouca exploração das capacidades comunicativas dos alunos, envolvendo outros letramentos que estejam de acordo com a realidade social e tecnológica atual.

Trazer o cinema para auxiliar nesse contexto pode produzir um exercício prático de cidadania e interação crítica, visto que, entre as várias possibilidades de fruição fílmica, a de trabalhar com o gênero discursivo “Indicação de filme” permite aos alunos a participação em práticas sociais efetivas³, visto que os alunos precisam estar inseridos em usos reais da língua, pois geralmente o trabalho com gêneros ocorre de forma mecânica com a repetição de modelos. Assim, o gênero discursivo “Indicação de filme” contrapõe-se a essa situação, permitindo ao aluno uma interatividade contextualizada, com a finalidade de alcançar um público real: os cinéfilos-internautas, a fim de valorizar a nossa cultura nacional no tocante à produção fílmica brasileira, favorecendo a interatividade social através dos celulares ou outros dispositivos tecnológicos a que eles tenham acesso, pois, com a democratização do cinema, as câmeras de vídeos estão nos celulares e os alunos estão envolvidos em todas as novidades que a tecnologia desenvolve nesses suportes tecnológicos, o que vem tirando o foco das práticas de ensino e aprendizagem tradicionais.

Nesse sentido, na seção 2, apresentamos inicialmente algumas concepções sobre o sentido que a palavra “cinema” suscita no espectador: quer seja arte, quer seja mercadoria, o cinema pode provocar compreensões diversas a partir da democratização dos suportes fílmicos.

Nessa seção, serão ressaltados alguns pontos sobre a história do cinema brasileiro, os esforços individuais, no século XX, para a construção dessa história, na qual observamos produções fílmicas significativas que vão constituir um universo plausível de indicação pelos cinéfilos e uma perspectiva de estudo em escolas, em meio à forte produção fílmica americana. Nesse período, ocorreu a didatização de determinadas produções fílmicas. Mediante o manifesto dos pioneiros da educação, o cinema brasileiro passa a ser visto como

³ Normalmente, as atividades de comunicação desenvolvidas na escola são artificiais. A ação sociocomunicativa precisa encontrar um interlocutor real.

possibilidade de ensino. Dessa forma, durante o período da Escola Nova, o cinema brasileiro passou a produzir filmes didáticos para a formação do cidadão dentro dos parâmetros nacionais de uma raça forte e de valores morais e religiosos.

Ainda nessa seção, sugerimos uma perspectiva de trabalho na aula de Língua Portuguesa, sem a pretensão de expor as inúmeras possibilidades de estudo com os filmes brasileiros, visto que o enfoque em nosso projeto foi experimentarmos o uso do gênero discursivo “Indicação de filmes”, levando-se em consideração as obras filmicas ficcionais, que foram produzidas para o entretenimento e não produzidas exclusivamente para a atividade pedagógica em sala de aula, como pressuposto para o fortalecimento do uso da língua oral e escrita pelos estudantes envolvidos no ensino do componente curricular Língua Portuguesa.

Na seção 3, apresentamos um esboço sobre o trabalho com os gêneros discursivos que partem da filosofia bakhtiniana e que se ampliam em outras vertentes de estudo da língua materna em instituições educacionais: Machado (2009), Marcuschi (2009), Barbosa e Rovai (2012), Cosson (2014), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), entre outros, cujas teorias serão utilizadas, em alguns pontos, para organizar a Sequência Didática (SD), no intuito de concretizar a produção dos gêneros discursivos de uma forma mais efetiva na escola. Há, neste estudo, destaque para o gênero discursivo “Indicação de filme”, considerado emergente, já que tem ocorrido ultimamente em sites, no YouTube, em revistas, com a finalidade de facilitar o acesso a filmes de interesse do cinéfilo.

Na interatividade social, vários gêneros discursivos aparecem para atender às demandas comunicativas. Bakhtin (1997) afirma que todas as atividades da vida do ser humano estão relacionadas ao uso da língua. E o caráter e o uso da língua são diversos. Nessa diversidade comunicativa, os gêneros discursivos surgem e desaparecem, ou se transformam. Dentre os vários gêneros discursivos, “Indicação de filme” é mais um gênero que aparece no dia a dia, na fala das pessoas, quando elas recomendam aos seus interlocutores que assistam a determinados filmes, inclusive através das mídias sociais. Nesse gênero discursivo, elas enfatizam determinadas características que as atraíram nos filmes assistidos e influenciam as demais pessoas a os conhecerem também.

Com o advento da tecnologia, a indicação de filme aparece bastante no mundo virtual em blogs, sites, como o da Netflix, em revistas impressas e eletrônicas, como Veja, Bula, entre outras; na forma de expressão escrita; na oralidade e imagem de vídeos.

Dessa forma, trabalhar o gênero “Indicação de filme” como ferramenta oral ou escrita para fomentar o senso crítico permite que os alunos tenham a oportunidade de expor as suas opiniões sobre o cinema nacional, e pode provocar reflexões sobre as construções das mídias referentes à nossa cultura, desfazendo discursos preconceituosos e mitos sobre a nossa realidade social.

Na seção 4, há a exposição geral do trabalho metodológico que foi concretizado neste estudo, detalhando o lócus da pesquisa, a metodologia, a coleta dos dados e os instrumentos utilizados para alcançar os resultados do estágio de aprendizagem dos alunos envolvidos no projeto durante a execução da sequência didática proposta, bem como o relato da experiência obtida com a aplicação da referida sequência.

Assim, desenvolvemos uma sequência didática sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”, visando criar estratégias para que os alunos se expressem, tendo o cinema brasileiro como estímulo para o gosto literário e o aprimoramento do uso oral e escrito da língua portuguesa. O produto final foi a produção do gênero discursivo escrito “Indicação de filme” brasileiro, o qual está disponível em: <https://indicacaodefimenacional.wordpress.com/>, dando autonomia aos alunos, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Na seção 5, apresentamos os resultados das atividades que foram desenvolvidas, as análises de dois blocos de atividades do caderno de atividades que foram agregadas à Sequência Didática ora experimentadas no estudo e que trouxeram resultados positivos, expressos em gráficos, as análises e as considerações finais.

Por fim, além dos anexos, no apêndice, encontram-se questionários da pesquisa inicial e o Caderno de Atividades sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”, o qual contém sugestões de atividades que podem ser utilizadas em sala de aula.

Esta experiência no campo educacional trouxe para a prática pedagógica uma sugestão de trabalho para o professor de Língua Portuguesa que inclui o componente curricular complementar “Filme brasileiro”, incorporando avanços tecnológicos aos professores que precisam atualizar-se sobre o conhecimento científico e a inserção de novas propostas pedagógicas, e proporcionando formas de aprendizagem de acordo com os interesses atuais dos discentes.

2 O CINEMA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O cinema é considerado a sétima arte. Apesar de sua finalidade inicial ser científica, o cinema se fez arte e foi se constituindo como tal com o passar do tempo. As concepções que se tem sobre o cinema decorrem de um percurso histórico e da visão do espectador, pois o cinema pode ser o espaço onde se exhibe o filme, para uns; pode ser o filme, para outros. O cinema pode envolver diversos elementos, numa relação de complexidade:

Tudo isso constitui um complexo ritual a que chamamos de cinema e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores que não falam a língua original. (BERNADETH, 1980, p. 4).

O cinema envolve uma multiplicidade de engrenagens, constituindo uma máquina, nesse sentido, como mercadoria abstrata, uma força de dominação tecnológica e comercial na qual o interesse gira fortemente em torno dos lucros financeiros.

Com o aparecimento da TV, e depois dos DVDs, CDs players, celulares, internet e o YouTube, gradativamente, o cinema foi ocupando espaços e suportes diferenciados, até atingir a democratização, pois, com as câmeras atuais acopladas aos celulares, podem-se produzir vídeos em todos os lugares. Com todas as inovações e canais de filmes da TV aberta e por assinatura, há várias possibilidades de se assistir a filmes sem necessariamente estar em uma sala de cinema.

Por outro lado, como arte, no cinema há um conjunto de códigos que produzem sua linguagem múltipla, que leva o espectador a participar da narrativa fílmica, fazendo parte do filme. Pode-se, assim, compreender o cinema como possibilidade de efeitos sensíveis no ser humano:

O cinema como veículo de comunicação é linguagem artística capaz de simbolizar desejos, expressar efeitos, espaço de encontros que possibilita alternativas novas e mais plenas de interação social, pela sensibilização do homem [...] interferindo no comportamento da sociedade contemporânea, em

modos de pensamentos, na capacidade de sonhar e refletir. (FRESQUET; XAVIER, 2008, p. 49).

A intenção até aqui não foi discorrer sobre todas as possíveis concepções e efeitos que o cinema já teve ou que venha a ter, mas perceber os sentidos possíveis do cinema em tempos e contextos diversos. Essas reflexões precisam se reverter na sensibilização do ser humano e na prática pedagógica em diversas áreas do conhecimento ou, especificamente, no ensino de língua pela riqueza das linguagens.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO CINEMA NO BRASIL

Historicamente, o cinema nasce no Grand Café do Boulevard des Capucines, Paris, em 28 de dezembro de 1895, porém sabe-se que há uma linha extensiva anterior, desde o aparecimento de imagens no período Paleolítico, em que já havia o registro das atividades do homem primitivo. Há também evidências de outros aparatos, além do cinematógrafo, dos irmãos Lumière, usado em outros países, como Estados Unidos e Alemanha.

No Brasil, o cinema chega seis meses depois de sua primeira exibição em Paris, em 8 de julho de 1896, no centro do Rio de Janeiro. O Brasil também teve a sua cena da chegada do trem à estação: os primeiros filmes eram curtos e simples.

Entretanto, o público queria mais, o que geraria inovações na técnica cinematográfica, buscando a linguagem do cinema. De acordo com Cunha (1980), Thomas Edison mostrou-se favorável às primeiras inovações nas quais haveria uma aproximação entre Teatro e a História. Na França, George Méliés perseguia, desde 1897, o melhor caminho para o cinema, adaptou o livro de Jules Verne de forma cômica, criou uma ficção científica, *Le Voyage dans La Lune*, e obteve sucesso.

Esse sucesso deu origem ao primeiro cinema permanente em Los Angeles, onde mais tarde surgiria o maior centro de produção cinematográfica do mundo: Hollywood, no qual se instala o cinema-indústria. Antes, as primeiras exibições eram itinerantes⁴, modalidade que ainda hoje existe em vários projetos que levam o cinema a diversas regiões do Brasil.

⁴ Inicialmente, não existiam salas de exibição fixas e o cinema era levado ao seu público.

O desenvolvimento do cinema seguia com o aparecimento das primeiras salas de exibição, nas quais grandes filas de operários se aglomeravam para assistir *The Great Train Robbery* (*O grande assalto de Trem*), produzido em 1903.

O Brasil buscava acompanhar os padrões internacionais. Na Cinelândia carioca, Francisco Serrador produziu uma série de filmes falantes, em que os artistas eram filmados e depois ficavam atrás da tela cantando, para dar a impressão de que as suas vozes partiam da imagem. O cinema falante só surgiria em 1927.

Em 1915, Antônio Leal realizava as primeiras tentativas de industrializar o cinema brasileiro, levando à tela filmes baseados em romances da nossa literatura: *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, e *Lucíola*, de José de Alencar. Na época, Antônio Leal construiu um estúdio de vidro, no qual se aproveitava a luz solar, o que conquistou sucesso.

O cinema prosseguia com explosões de sucesso europeu. Enquanto o cinema americano consolidava posições, o Brasil vivia esforços isolados, como o de José Medina: *Quando Deus Castiga* (1919), *Perversidades* (1920); e, no comércio das importações, era um dos grandes importadores a enriquecer fábricas estrangeiras. O que faltava ao cinema brasileiro ou ainda falta?

Os esforços individuais persistiam no Brasil. O cineasta Humberto Mauro, mineiro de Cataguases, realizou vários filmes, dentre os quais: *Primavera da Vida* (1926), *Tesouro Perdido* (1926/1927); *Brasa Dormida* (1927/1928). O cinema brasileiro encontrava resistência entre os distribuidores amarrados ao monopólio estrangeiro.

O cinema sonoro seguia com muitas produções nos Estados Unidos. No Brasil, coube ao pioneiro Luis de Barros produzir o primeiro filme completamente sonorizado, *Acabaram-se os Otários* (São Paulo, 1929), e *Coisas Nossas* (1930), nosso primeiro filmusical.

Na década de 40 do século passado, surgiram os dois melhores estúdios brasileiros: Brasil Vita Filme, de Carmem Santos; e a Cinédia, de Ademar de Barros Gonzaga, que produziu *Barro Humano*, sob a direção de Paulo Benedetti, em 1928. Em 1933, iniciavam-se os filmes musicarnavalescos, com *A Voz do Carnaval* (1933), marcando a estreia de Carmem Miranda no cinema.

Em 1941, era divulgado o manifesto de lançamento de um novo estúdio: a Atlântida. Esse manifesto afirmava que, no Brasil, o cinema ainda representa muito menos do que deveria ser. O começo desse estúdio foi auspicioso, produzindo três ou quatro filmes ao ano,

porém, com a entrada de Luís Severiano Ribeiro, a Atlântida mudaria seu rumo com o ciclo da *chanchada*, um termo pejorativo para a comédia.

Em 4 de novembro de 1949, houve a tentativa de implantar a indústria cinematográfica no Brasil, com a fundação de Vera Cruz pelo italiano Franco Zampari, importando diretores italianos. A empreitada não deu certo, e foram perdidos milhões de cruzeiros no cinema. Já em 1950, surgiram outros filmes e o primeiro de repercussão internacional: *O Cangaceiro* (1953). Apesar disso, a Vera Cruz entrava em crise, um fracasso que poderia levar o cinema brasileiro ao descrédito.

Com o aparecimento da TV, várias salas de cinema foram fechadas, mas o cinema reagiu, aumentando o tamanho da tela de uma forma que a televisão não poderia oferecer. Nos primeiros anos da década de 60, desenvolvia-se o chamado Cinema Novo, em que os cineastas voltaram-se para os problemas sociais. Glauber Rocha destacou-se com os filmes *Barravento* (1961) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963); Anselmo Duarte conquista a Palma de Ouro em Cannes pelo filme *O Pagador de Promessas* (1962). Nesse período, vários outros filmes instigantes foram produzidos.

Em 1969, o governo criava a Embrafilme⁵, e surge uma série de leis protegendo o produtor brasileiro. Um dos benefícios dessas leis foi o aumento do número de dias de exibição obrigatória dos filmes brasileiros. Para aproveitar a obrigatoriedade da exibição, o cinema brasileiro da década de 70 foi marcado pelas pornochanchadas, devido a seu baixo custo de produção.

Com a chegada de Fernando Collor de Mello ao poder, determinou-se o fim, em 1990, de vários mecanismos de incentivo à cultura no Brasil, inclusive da Embrafilme, o que provocou a maior crise já vivida pelo cinema nacional.

A retomada do cinema só aconteceria cinco anos depois:

Em primeiro lugar, porque foi a partir de 1995 que a indústria cinematográfica brasileira começou a se recuperar da crise econômica que atingiu o país no início dos anos 90. No ano de 1995, por exemplo, 13 filmes nacionais foram lançados nas salas de cinema, enquanto que, em 1994, haviam sido lançados apenas sete. (BORGES, 2007, p. 5).

⁵ A Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes S/A) foi criada pela Ditadura Militar, em 1969, como órgão de cooperação do Instituto Nacional de Cinema (INC) com o objetivo de distribuir e promover filmes nacionais no exterior. Em 1975, a empresa sofreu um redirecionamento, tornando-se mais ágil para a disputa no mercado cinematográfico, começando a produzir e distribuir filmes brasileiros.

O cinema brasileiro segue um ritmo de progressiva recuperação. Assim, considerando as legislações que protegem o cinema brasileiro, a Lei nº 13.006, que foi agregada à LDB 9394/96, pode atuar tanto no sentido econômico quanto no educacional.

Aqui, a intenção não foi apresentar todos os acontecimentos históricos referentes ao cinema brasileiro, mas apenas aqueles que podem tocar o gênero discursivo “Indicação de filme”, pois os discursos que são reproduzidos historicamente podem produzir efeitos diferenciados na sociedade.

2.2 CINEMA BRASILEIRO EM CENA EDUCACIONAL

O cinema nasce e ultrapassa os seus objetivos iniciais de diversão, vai além dessa proposição de seus inventores, pois sempre houve também a preocupação de utilizar as imagens em movimento como instrumentos de conhecimento, de acordo com Pires (2011).

Em 1920, a frequência dos intelectuais aos cinemas despertou o interesse sobre o uso e o papel dos filmes nas sociedades pós Primeira Guerra Mundial. No Brasil, esse interesse ocorreu nos finais da década 20. Já em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova buscava novas diretrizes para a educação brasileira, que romperiam com a educação tradicional e trariam novos recursos, “como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia acudiu à obra de educação e cultura e que assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital” (PIRES, 2011, p. 15). Dentre esses recursos, o cinema seria uma maneira inovadora de proporcionar o processo de ensino e aprendizagem.

A partir da constatação de que os filmes poderiam influenciar o comportamento das pessoas no seu cotidiano, os intelectuais (professores, jornalistas, católicos) indicavam o uso da cinematografia como um instrumento auxiliar na educação, na higienização, na formação de uma raça forte, e na divulgação de valores nacionais; reivindicavam uma produção de filmes condizentes com uma moral social e católica e apontavam o fato de que esta nova postura cinematográfica somente seria possível com a intervenção do Estado. (PIRES, 2011, p. 1).

Essas propostas tinham uma visão objetiva da realidade e estavam de acordo com os interesses políticos da época, como se o cinema fosse uma ilustração da sociedade almejada pelo poder. O Estado deveria se responsabilizar pelo dever de educar o povo, responsabilidade que era, a princípio, atribuída à família.

Quanto às escolas, deveriam ter salas destinadas à projeção de filmes, com aparelhos de projeção fixa, com finalidade educativa, facilitadora da ação do mestre. O cinema seria usado para o ensino científico, geográfico, histórico e artístico. Nesse sentido, buscavam-se padrões adequados para os filmes educativos. Em conformidade com essa normatização, a linguagem produzida nos filmes deveria ser nítida, clara, lógica, sem ambiguidade, essencialmente racional, expositiva, sequencial, explicativa (PIRES, 2011). Havia a intenção moralizadora sobre os fatos da vida nacional.

O tempo passou, mas parece que não houve muitos avanços na inserção de filmes na sala de aula, permanecendo, nos nossos sistemas escolares, as formas tradicionais que reduzem os códigos imagéticos ao universo verbal e às fórmulas do clássico cinema documentário. É como se as imagens fossem uma representação da realidade, documento da verdade, sem direito às controvérsias.

Segundo Napolitano (2013), a escola descobriu o cinema tardiamente, apesar de o cinema já ser centenário. Descobriu, mas parece que as experiências favoráveis ao uso do cinema não se ampliaram. A exploração da linguagem fílmica no processo educacional ainda é pouca, não se leva em consideração as ricas possibilidades que o conjunto fílmico pode oferecer aos sujeitos participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, no Brasil, rompendo com a situação anterior, já existem pesquisas interessantes nesse sentido: o projeto de pesquisa e extensão Cinema para Aprender e Desaprender (CINEAD), do Laboratório do Imaginário Social de Educação (LISE) da Faculdade de Educação (FE) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CCFCH) da Universidade do Rio de Janeiro traz uma proposta de aproximação com o cinema, que tem como objetivo “ver, re-ver as vivências entre o eu e o mundo através da tela grande”. De acordo com Rosália Duarte, que foi pioneira nos estudos sobre o cinema, o CINEAD assenta-se num tripé orgânico: pesquisa, análise e prática. Tais processos são interligados por uma retroalimentação que já traz contribuições educacionais.

Há também um grupo de estudo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Sétima Arte: Grupo de Educação, Cinema e Audiovisual, com objetivos interessantes

como: elaborar sinopses e roteiros de discussão de filmes, contendo dados e informações sobre o filme e reflexões relacionadas a temas e conceitos do programa das disciplinas, bem como ficha técnica, resumo, análise dos principais momentos, comentário e seleção bibliográfica; analisar a relação entre Cinema e Educação, entre o cinema como forma de linguagem alternativa para a Educação, sistematizando-se conhecimentos sobre o cinema e as produções audiovisuais como forma de compreensão de conceitos e elaboração de um pensamento crítico, e analisando noções sobre cinema, tais como “conceito-imagem”; selecionar e classificar fontes documentais e bibliográficas sobre o tema pesquisado; selecionar cenas e editá-las com fins didático-pedagógicos para permitir as análises em consonância com a abordagem de temas e conceitos estudados.

Há ainda o projeto Cine CCH: aprendizagens com o cinema da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que, a cada mês, exhibe um filme de valor estético reconhecido em diferentes gêneros, culturas, países, temáticas, entendendo o cinema como linguagem que contribui para a formação dos sujeitos. A cada encontro é promovido um debate mediado por convidados ou pelos organizadores e parceiros do projeto. O cineclubes tem seções gratuitas.

Na Bahia, há o Programa de Formação e Qualificação em Cinema e Educação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com seminário aberto aos interessados em geral, oferecendo curso e oficinas, esses últimos especificamente para professores escolhidos pelos Núcleos Regionais de Educação (NREs) e Secretarias de Educação dos municípios envolvidos. O Programa produz e distribui kits (guia do professor, guia de criação de cineclubes, vídeos educativos e equipamentos) que servem de infraestrutura para a continuidade de trabalhos em cinema e educação nas escolas e cineclubes. Os professores que participam possuem a missão de passar os conhecimentos adquiridos para os demais professores e estudantes.

Portanto, já existem no Brasil esses e outros estudos, aqui não mencionados, que viabilizam o encontro entre cinema e educação. Porém, diante da realidade das inúmeras escolas brasileiras, percebe-se que ainda é preciso que esses conhecimentos cheguem aos professores e, conseqüentemente, aos alunos, pois a riqueza polissêmica dos códigos audiovisuais e das diferentes formas de interpretação faz do cinema um composto de linguagens heterogêneas que buscam interagir. Mônica Fantin (2004) reflete sobre o conhecimento referente ao cinema que é necessário ao professor:

O cinema é um organismo altamente sensível com confluência de várias áreas. Quanto mais o professor conhecer a respeito do filme e do cinema como um todo mais capacitado estará para chamar atenção de determinados aspectos que enriquecerão a fruição: a música, o estilo, os elementos da linguagem cinematográfica, a história do cinema e outras informações para avaliar o peso da propaganda e do marketing e a submissão à grande indústria cinematográfica para formar e educar um público crítico consumidor. (FANTIM, 2003 apud SIRINO, 2004, p. 94).

Dessa forma, a inclusão de filmes nas aulas, quando o professor está bem preparado, pode ter efeitos satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem, a depender da forma como foi conduzida a aula, das estratégias usadas, das finalidades, porquanto as linguagens que constituem o cinema possuem elementos interessantes a serem agregados às diversas áreas do conhecimento. No caso do componente curricular de Língua Portuguesa, todas essas combinações do cinema estão relacionadas ao uso da língua, mesmo que sejam em última instância. O filme, produto da indústria cultural, constitui-se um dos gêneros do discurso predominantes no século XXI, que pode ter efeitos positivos no espectador. Contudo, contrapondo-se a todas essas expectativas, deve-se atentar também para o questionamento de Calvino (1990, p. 109): “que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar a ‘civilização da imagem’”?

2.3 O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

O cinema, como veículo de comunicação, possui inúmeras possibilidades para se trabalhar na aula de Língua Portuguesa. Tradicionalmente, costuma-se exibir o filme e fazer um debate sobre o tema ou o levantamento dos elementos da narrativa que estão presentes na obra fílmica, pedindo um resumo. Entretanto, sabe-se que o filme também é um gênero discursivo que possui estrutura composicional própria, o suporte, o gênero, o perfil do interlocutor, e que precisa do cinéfilo para ganhar sentido ou de outras ações pedagógicas em sala de aula.

Dentre as inúmeras possibilidades, o filme pode ser visto através de uma leitura semiótica que amplie a compreensão dos subtendidos que geram os possíveis significados na

obra fílmica. Assim, seguem-se algumas possibilidades de compreensão da linguagem cinematográfica, a exemplo dos enquadramentos e ângulos que ajudam a contar o filme. Nesse sentido, a seguir, apresentam-se alguns pontos sobre o discurso cinematográfico que podem aparecer no discurso do cinéfilo quando faz uma indicação de filme, a depender de sua percepção.

2.3.1 A linguagem cinematográfica

A grande novidade do cinema é a imagem em movimento e a técnica na produção da imagem. Logo que surgiu, não havia ainda todos os outros elementos que com o passar do tempo foram constituindo a narratividade fílmica. A arte de narrar por meio da imagem comunica, mas há diferença entre as imagens que foram forjadas com a mão humana e as imagens formadas com o processo fotográfico, impressão luminosa na película. O “olho mecânico”, como alguns chamaram o cinema, não sofre a intervenção da mão do pintor, de acordo com Bernadeth (1980). As imagens do cinema são diferentes em processos de produção e percepções, mas são signos. Deren (1960 apud Xavier, 1984, p. 11) formula uma explicação inicial sobre a imagem:

O termo imagem (originalmente baseado em imitação) significa, em sua primeira acepção, algo visualmente semelhante a um objeto ou pessoa real: no próprio ato de especificar a semelhança, tal termo distingue e estabelece um tipo de experiência visual que não é a experiência de um objeto ou pessoa real. (DEREN, 1960 apud XAVIER, 1984, p. 11).

Dentro do conjunto dos elementos que compõem a linguagem cinematográfica, a imagem é o elemento central. Ela expressa aquilo para o que seriam necessárias várias palavras, criando a ilusão de que se trata de uma experiência real, por conta do movimento.

Sobre as imagens, tecnologicamente falando, um filme de 90 minutos pode projetar 24 imagens por segundo, totalizando 129.600 imagens diferentes não notadas pelo espectador, entretanto nem sempre foi assim. Em princípio, Xavier (1984) afirma que as fotografias

impressas na película são nitidamente separadas e o processo de representação não impunha nenhum vínculo entre elas.

No passado, nos primeiros filmes, que ainda não eram sonoros, havia o enquadramento plástico e o enquadramento do signo linguístico; não havia muitos recursos nessas representações, mesmo assim os espectadores se assustavam ao ver as imagens em movimento, como ainda se assustam hoje os cinéfilos em determinadas cenas de filmes que são bem editadas e causam efeitos no espectador.

Se, no início, os recursos eram primitivos, com o passar do tempo outros recursos foram aparecendo e fazendo parte da construção do discurso cinematográfico. No movimento da câmera abre-se um novo campo de visão. Xavier (1984) chama a atenção para os elementos fundadores da arte do cinema: a expressividade da câmera e a montagem, que hoje é chamada de edição. Na primeira, há possibilidades de mobilidade da câmera e, na outra, descontinuidade. O retângulo da imagem cinematográfica cria uma noção de janela, às vezes de espelho, às vezes uma espécie de olho de um observador astuto.

Na decupagem clássica, processo de decomposição do filme, de acordo com Xavier (1984), um filme é constituído de sequências. Cada sequência é constituída de cenas, com vários planos e ângulos. Duarte (2009) afirma que recortar o espaço é um elemento linguístico característico do cinema que permite filmar em planos:

- Plano Geral – cenas localizadas nos exteriores ou interiores amplos.
- Plano Médio ou de Conjunto – conjunto de elementos envolvidos na ação, grupo de personagens.
- Plano Americano – figuras humanas mostradas até a cintura ou altura da coxa.
- Primeiro Plano (*close up*) – A câmera próxima da figura humana, apenas um rosto.

As opções de filmagens também podem produzir significados e efeitos diferentes. Tomadas elevadas, feitas de um helicóptero ou de uma grua dão às imagens um caráter estimulante. Os ângulos de filmagem constituem um importante sistema de significação:

Filmar uma pessoa de baixo para cima contribui para acentuar sua posição de poder na trama, ao passo que as tomadas feitas de baixo para cima para baixo podem produzir uma impressão de submissão e amesquinamento. (DUARTE, 2009, p. 37).

Tomadas de perspectiva obrigam o espectador a ver o ponto de vista do personagem. O movimento da câmera para cima e para baixo ou lateralmente sob trilhos, o zoom são elementos constitutivos de significação e impressão da realidade.

A iluminação também constrói sentidos, em relação ao estado emocional. A iluminação participa diretamente da composição da atmosfera da trama do filme. Ao contrário, luz e cor podem sugerir fantasia.

A trilha sonora também participa intrinsecamente da configuração do ambiente emocional do filme e interfere nos momentos dramáticos da história que está sendo contada. A música acentua a força da imagem. Esse recurso pode ser manipulado para forçar a emoção.

No cinema, esses recursos não funcionam isoladamente. Assim, a montagem e a edição oferecem um conjunto de técnicas para articular esses sistemas, a depender do tipo de cinema que se quer fazer.

Todos esses elementos da linguagem cinematográfica podem ser analisados e o objetivo de se analisar uma obra fílmica pode ser a busca pela compreensão e apreciação, sempre com o pressuposto de valorizá-la; entretanto, existe uma visão idealizada sobre a análise fílmica. As conotações técnicas parecem sugerir uma operação científica que envolve processos objetivos, os quais podem ser descritos objetivamente. No entanto, Aumont e Marie (2013) afirmam que não existe um método universal para análise ou mesmo para instrumentos de análise. Assim, há diversos elementos que podem entrar em jogo no discurso fílmico.

2.3.2 O letramento fílmico e a obra literária

A linguagem cinematográfica pode se constituir como uma perspectiva de letramento em que a leitura desses códigos seja um princípio fundamental para a construção ampliada de conhecimentos, oportunizando ao discente a construção de outros significados em suas práticas sociais. Quando o filme é originário de uma obra literária, ampliam-se as possibilidades da leitura e da fantasia, e de promover a leitura em vários níveis – um dos grandes desafios das instituições educacionais.

A palavra “leitura” foi se ampliando em outras vertentes, como a do “letramento”, tradução da palavra inglesa “literacy”, originária etimologicamente da forma latina “littera”, a

qual significa “letra”. A palavra “letramento” já era dicionarizada em obras mais antigas, mas ultimamente vem sendo muito utilizada, visto que passa a representar, em estudos atuais, o entendimento do processo de leitura de uma forma mais ampla, processo anteriormente limitado ao ato de decodificar as palavras. A capacidade leitora estava ligada apenas ao processo de alfabetização. Em estudos mais atuais, de acordo com Soares (2003), letrar vai além da alfabetização, pois envolve a leitura e a escrita dentro de um contexto que tenha sentido e faça parte da vida do aluno.

Dessa forma, a decodificação pode ser um dos níveis de leitura, no entanto o processo de leitura amplia-se em outras perspectivas, levando em consideração as relações sociais dos indivíduos. Ainda mesmo uma pessoa que não saiba decodificar pode ter uma experiência de letramento ao ouvir a leitura de um texto, assistir a um filme ou por outras relações sociais diversas que envolvam as práticas de leituras ou escrituras de textos e construir sentidos que reflitam em sua vida, porque a língua acontece na vida diária, dentro das necessidades reais de comunicação. Todos os sistemas do conhecimento que estão interligados para ampliar a capacidade da oralidade, da leitura (percepção de vários sentidos dos signos verbais e imagéticos, entre outros) e da escrita são bem vindos ao rol das estratégias de potencialização do ensino e aprendizagem nas aulas de língua materna.

Quando o letramento literário é ampliado para o letramento fílmico, são criadas diferentes formas de recepção no leitor. Com a palavra, o leitor constrói todos os sentidos possíveis de acordo com suas experiências de vida, como leitor de mundo e de palavra. Entra em jogo a capacidade imaginativa: cada detalhe da obra que foi percebido, quando não houve lapso, ou distorção na visão periférica ou desconhecimento das referências a outros textos e problemas de ordem interpretativa. As condições adequadas contribuem para a constituição de sentidos. Já na obra fílmica, as imagens são dadas, as cores, os sons, as sequências, as rupturas, a montagem, o movimento. A imagem mostra o que quer mostrar. O olho da câmera enquadra e conduz em foco alguns pontos que estrategicamente se destacam, enquanto outros são desfocados. Assim, o que o olho vê, o cérebro humano constrói numa representação que muitas vezes não corresponde à realidade, pois, no mundo das imagens do cinema, todo o movimento criado com os fotogramas acontece pelas percepções visuais levadas ao cérebro. Muitos têm como verdade o que estão vendo no cinema e, nesse sentido, é preciso acontecer a educação do olhar:

A educação do olhar com a leitura cinematográfica envolve o leitor na aventura secreta e discreta entre literatura e cinema. O diálogo assume condição política, ao evidenciar conceitos e saberes novos, para o acesso ao texto, problematizando normas e disciplinas escolares tradicionais. Neste sentido, o cinema como instrumento educativo implica na exteriorização do pensamento do leitor através da intimidade com as imagens objetivas, como num ato de busca por significados para além dos visíveis, algo pouco exercitado na escola. Normalmente, o ensino da leitura se encerra na busca do significado dos códigos semânticos e sintáticos da língua no texto literário, reforçando as hierarquias entre linguagens. (NOVAIS; REIS, 2013, p. 72).

Essa educação do olhar realmente ainda não vem acontecendo nos espaços escolares. Muitas vezes os alunos estão agindo automaticamente diante das escolhas e das reflexões, agem de forma distraída, sem demonstrar interesse pelo desenrolar das aulas de Língua Portuguesa. Então, pensar em uma forma de aproximar o conhecimento dos interesses do aluno pode ter um efeito satisfatório. Agregar o componente curricular “Filme brasileiro” pode tornar a aula de Língua Portuguesa bastante enriquecedora pela multiplicidade de linguagens que compõem a obra fílmica, e, quando esse recurso promove um diálogo com o cinéfilo, pode resultar em efeitos muito positivos, pois a importância da leitura é indiscutível, tanto na obra fílmica, quanto na obra literária, para a compreensão de mundos. Dentro da perspectiva de um letramento mais amplo, o trabalho com filmes pode contribuir para desenvolver diversas competências no aluno, tocar a parte mais humana, tocar a parte sensível, provocar reações diante das estratégias que nos são apresentadas. O mundo, cada dia mais reprodutivo por conta das tecnologias, é constituído por diferentes linguagens, portanto, é preciso desenvolver em nossos alunos condições para perceber suas armadilhas.

2.3.3 A Máquina – Imagens em palavras – Palavras em imagens

Em uma perspectiva de letramento fílmico e literário, para se indicar um livro ou um filme é preciso conhecê-lo. No caso da obra *A Máquina*, da autora Adriana Falcão⁶, que

⁶ A carioca Adriana Falcão passou a juventude em Recife (PE). Formou-se em arquitetura, mas nunca exerceu essa profissão e foi redatora publicitária, ofício que tem como matéria sua verdadeira paixão: a palavra. Já adulta, voltou para o Rio de Janeiro, onde teve os seus textos utilizados pelo programa de TV: *A Comédia da vida privada*. A partir daí, foi convidada para colaborar em diversos roteiros, entre

deu origem ao roteiro do filme homônimo, escrito por ela e por João Falcão, há uma riqueza de possibilidades para desenvolver práticas de leitura, havendo ainda um diferencial na adaptação da obra literária para a obra fílmica. Nas palavras de Adriana Falcão:

Quando eu e João Falcão começamos a escrever o roteiro de *A Máquina*, foram surgindo novos personagens, situações, diálogos e aventuras, para que a história, desta vez contada em linguagem cinematográfica, mantivesse acelerados os corações. (FALCÃO, 2005, p. 100).

Nesse sentido, a obra que aparece nesta dissertação, em estudo na sequência didática, a fim de que os alunos façam a indicação de filme, não foi ao acaso, visto que há um conjunto de elementos plausíveis ao estudo do gênero “Indicação de filme”. Além disso, há uma situação não comum: a autora da obra literária também participa da escrita do roteiro fílmico, pois o cinema pede mais ação e na maioria das vezes o roteirista faz a adaptação da obra literária ou apenas a usa como inspiração para produzir o roteiro fílmico sem a interferência do autor da obra literária. No caso de *A Máquina*, há novas situações na obra, com o consentimento e participação da autora.

Em *A Máquina*, enquanto obras literária e fílmica, encontramos uma série de elementos que as tornam atrativas, principalmente pela contemporaneidade do romance, a estrutura composicional criativa e original, tanto na construção fílmica, quanto na literária. Tanto as palavras do romance são repletas de imagens, quanto as imagens do filme são repletas de significado.

O romance contemporâneo *A Máquina* (1999), ambientado em Nordestina, é marcado pela heterogeneidade temática e formal, de acordo com muitos estudiosos, pois vários estilos coabitam essa produção literária.

A narrativa acontece num lugarejo de fisionomia acanhada que vive o conflito da perda constante dos moradores, migrantes rumo aos centros urbanos, pois, em Nordestina, “às sete da manhã, cada vez menos bocas bocejavam. Cada vez menos vozes reclamavam da vida” (FALCÃO, 2005, p. 19), dada a quantidade dos que se deslocavam.

ele o do filme *O auto da compadecida*, baseado no livro de Ariano Suassuna, que foi um grande sucesso do cinema brasileiro. Adriana, uma das autoras do programa da TV Globo *A grande família*, estreou na literatura com a obra literária: *A máquina*, em 1999. Disponível em: <<http://www.agenciariff.com.br/site/AutorCliente/Autor/12>>. Acesso em: 20 out. 2016.

Nesse lugarejo, há as figuras dos protagonistas Antônio e Karina, que se entrelaçam numa história de amor. A narrativa gira principalmente pela voz do protagonista Antônio. Sua história começa por volta do ano 2000. Mas o tempo de Antônio começou há muito tempo, há vinte e três ou há bilhões de anos, quando Deus criou o mundo. Remonta à própria criação da humanidade, quando houve a invenção da palavra e muitas coisas foram criadas para corresponder ao verbo enquanto palavra.

O romance *A Máquina* não é dividido em capítulos, mas em pequenas partes iniciadas pelas seguintes expressões, em negrito: “Lá, de Onde” (FALCÃO, 2005, p. 7), “Não tinha terra” (FALCÃO, 2005, p. 9). “Lá de Onde” indica a origem das coisas, e é o ponto a partir do qual começa o romance. O narrador-personagem, Antônio, protagonista da história, narra um tempo longínquo. Os pedaços que constituem a história lembram a construção de um poema. A construção das coisas. Conforme Lima (2014, p. 2), “a novidade expressa em *A Máquina* de Adriana Falcão está na maneira diferente, nova mesmo, do procedimento da narratividade criada pela autora. Existe uma descontração do tempo verbal, consubstanciada na intertextualidade bíblica”. Assim, há a visão religiosa e a visão científica, de acordo com os elementos simbólicos presentes nas obras, marcando o começo de tudo.

O romance *A Máquina* apresenta intertextualidades quando busca um diálogo com o primeiro livro da bíblia, o Gênesis, mas não um diálogo equivalente, pois se trata de uma obra ficcional da literatura que, no entanto, mantém a ideia da criação das coisas pela invenção da palavra.

Inicialmente, há um *flashback*, com a narração dos acontecimentos ocorridos há bilhões de anos. Adriana Falcão lança mão de estratégias que desafiam o leitor a montar a história. Mudanças no tipo de discurso alternam-se. Há trechos em que aparecem anúncios: “Vendo urgente casa perto da bica. Quarto, Sla, quintal, banheiro dentro. Pechincha. Rua da Travessa, 38” (FALCÃO, 2005, p. 15); já em outros, manchetes de jornais: “Nordestino promete morrer de amor em frente das câmeras” (FALCÃO, 2005, p. 63). A variação da linguagem segue um ritmo de oralidade, e, em alguns trechos, discute a metalinguagem. Há um uso cuidadoso com a linguagem e o uso poético das palavras que lembra a voz dos cordelistas.

O tempo enreda o leitor de maneira não linear, apresenta saltos, antecipações, cortes e rupturas no espaço. Não há, assim, linearidade na ordem dos fatos. Rompe-se com a fórmula

tradicional de se construir uma narrativa e, com isso, o leitor ganha como participante ativo e reflexivo na leitura.

O espaço principal é universal em sua construção: “Não tinha terra, não tinha céu, não tinha bicho, não tinha gente, não tinha nada.” (FALCÃO, 2005, p. 9). Não tinha nada, mas Deus começa a criar tudo. Nesse universo criado por Deus, há Nordestina, onde os principais fatos da história acontecem. É cidade ficcional, com elementos do real e desconhecida do mundo. Quem estava fora de Nordestina não sabia da sua existência, mas quem estava em Nordestina sabia da existência do mundo, e Antônio vai buscar o mundo para Karina: “Em chegando no mundo, Antônio foi direto ao shopping comprar um paletó de preferência branco. [...] Com o mar não se admirou muito não, por bem dizer achou até menor do que tinha imaginado” (FALCÃO, 2005, p. 52). Há um contraste entre o desenvolvimento do mundo e as raízes nordestinas que estão fincadas nas vidas dos moradores de Nordestina, que obtêm notícias desse mundo através da televisão. Antônio, por causa do seu amor desmesurado por Karina, traz o mundo para dentro de Nordestina, representado pela chegada da mídia do mundo inteiro no lugarejo.

No filme, busca-se a atenção do cinéfilo iniciando a história pelo clímax, *flashforward*, cena que revela parcialmente algo que acontecerá após o tempo presente, momento no qual Antônio coloca a vida em risco com a possibilidade de ser morto por setecentas lâminas do carro que avança em direção a ele sob as luzes multicoloridas e os olhares de espanto dos demais personagens que compõem o cenário fílmico. Nesse ponto inicial, a adaptação cinematográfica mantém elementos do romance, mas desloca o momento para causar efeito imediato no espectador, levando-o a querer continuar a assistir ao filme.

O narrador do romance e do filme é Antônio, também protagonista do filme, já com idade avançada, narrando os acontecimentos. Nesse sentido, o tempo é um elemento muito importante na narrativa. Apesar de invisível, é marcado em vários momentos da história. Em uma das cenas do filme, aparece o desenho de um relógio e, no centro dele, uma imagem de explosão “*The big bang*”, que pode trazer implicitamente a teoria científica que representa a origem do mundo e das coisas, e que se transforma no desenho de um coração, símbolo sagrado, que pode representar o Amor de Jesus Cristo pela humanidade, doando a própria vida pela salvação de todos. Esse mesmo símbolo aparece bem visível na fantasia que Antônio usa para ir a um baile de máscaras. Tanto no romance quanto no filme, Antônio

promete dar a própria vida nessa ida ao futuro, quando traz o mundo para Karina, tamanha a força de seu amor por ela, capaz de mover o mundo no tempo.

O título *A Máquina* remete a vários sentidos, cria várias metáforas, constituindo possibilidades diversas. Inicialmente, uma possibilidade de sentido para o título, quando se refere à obra fílmica, seria relacionada ao cinema poder contar a evolução histórica do próprio cinema, ou seja, um metafilme.

No decorrer do filme, vemos em vários momentos as marcas desse sentido. Dona Nazaré tenta tirar uma fotografia com toda a família, no entanto Antônio, ainda criança, não para de chorar, e ela só consegue finalmente a fotografia quando Antônio já está adulto.

Em vários momentos, a câmera faz enquadramentos que expressam o movimento da câmera em um filme, como se estivesse narrando a arte da linguagem cinematográfica. Há o plano geral, quando Karina fica de costas, e o plano próximo, quando eles estão na janela, reforçando a própria ideia da janela do cinema. Igualmente, quando os dois veem a imagem refletida na água ao contrário faz lembrar o processo fotográfico da captura da imagem. Quando Antônio está no hospício, há diversos retratos antigos nas paredes.

Na praça, há uma cena em que a televisão (o aparelho de transmissão) e uma antena parabólica aparecem no centro, enquanto os personagens dançam hipnotizados pelas imagens e ao som de um clip. Outros personagens que estão no hospício assistem à cena mediante o relato do narrador-personagem, perplexos com o desenlace que o momento pode ter, pois Karina dança nos braços de outro e Antônio acompanha a cena. Nesse momento, a câmera subjetiva faz o espectador acompanhar como se fosse o próprio personagem, e isso é reforçado pela força da narrativa, que intercala a cena da dança ao ambiente do hospício, fazendo com que os outros personagens que lá estão visualizem a cena também.

Antônio e Karina encontravam-se diariamente para o ensaio, porque Karina queria se tornar atriz quando fosse embora de Nordestina. Ser atriz era o sonho de muitas moças naquela época. Antônio denominava esses ensaios de treinamento. Nesse caso, representavam uma cena de amor. O ato de representar constitui-se mais um elemento próprio do cinema. Assim, como os demais moradores de Nordestina, Karina também queria sair de Nordestina, entretanto Antônio fará tudo para que isso não aconteça.

Há diversos temas presentes tanto na obra literária quanto na fílmica, como o tema universal do amor desmensurado de Antônio por Karina, sentimento que o faz prometer e

trazer o mundo para ela, uma hipérbole, que representa trazer a evolução tecnológica, trazer a mídia para dentro de Nordestina, cidadezinha de Pernambuco que nem consta no mapa.

Todos os detalhes dessa história são narrados por Antônio, narrador-personagem protagonista, em duas diferentes fases de sua vida, tanto no filme quanto no romance. No entanto, no filme, há um momento em que Antônio velho e Antônio jovem intercalam a narratividade sobre o encontro com a morte, de forma hiperbólica:

E, só pra começar desfiei um versinho que fiz com a pouca literatura que tenho por Karina, verso ligeiro, coisa pouca, conversa pra três dias somente. O caso e que tomei gosto pelo moço, embalei-me no improviso e mês e meio depois ela abriu a boca num bocejo, mas só foi cochilar depois de dois anos. Conversa vai, conversa vem, 15 anos e me deu vontade de cantar. (FALCÃO, 2005, p. 69).

Em outros momentos do romance há sempre construções repletas de musicalidade e até rima e onomatopeias, como um poema: “toc, toc, toc” [...] E isso anda? Não andava. Voa? Não voava”. (FALCÃO, 2005, p.71). Ainda há repetições, aliterações e assonâncias:

Isso é conversa.
Isso é a fome.
Isso é a seca.
Isso é o cúmulo.
(FALCÃO, 2005, p. 63).

O romance de Adriana Falcão contém uma variedade de níveis de linguagem, como acontece em nossa língua portuguesa. Existe inclusive um enigma para matemático decifrar:

Pra dona Nazaré era seu filho mais velho. Toda a noite dona Nazaré pedia a Deus por um filho seu, de modo que a cada um cabiam dois pedidos por mês mais um terço de pedido. Na falta de pedido retalhado, deixava juntar três meses e então fazia mais um, inteiro, pra cada filho. (FALCÃO, 2005, p. 12).

No cinema, a solução para representar esse enigma parece ter sido encontrada pela iluminação desfocada em alguns pontos no fotograma (plano de conjunto dos personagens) que mostra o momento da fotografia da família. Família numerosa, representando a alta taxa de natalidade da região nordestina, que sofre com um agravante, a seca.

Dessa forma, essas obras em estudo estão repletas de possibilidades significativas de leituras que as fazem transbordar em diversas direções e não somente segundo as possibilidades apontadas até aqui.

3 OS GÊNEROS DISCURSIVOS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Antes de 1998, a prática pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa estava centrada em estudos gramaticais. A leitura de obras clássicas acontecia esporadicamente com a intenção, muitas vezes, de serem cobradas em fichas de leitura ou em provas. Havia também as interpretações textuais de fragmentos literários em livros didáticos, a escrita das composições escolares com uma excessiva preocupação com o uso da ortografia padrão, sem levar em conta outras questões também pertinentes ao processo de leitura e escritura de textos.

Buscando outras perspectivas, embasados em estudos de concepção bakhtiniana e de teóricos como Dolz, Bronckart, Schneuwly e de várias outras vozes teóricas que se preocupam com o ensino de língua, entram em cena educacional os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998), com diretrizes no sentido de apresentar propostas de ensino e aprendizagem de língua, norteadas pelo trabalho com os gêneros discursivos, os quais orientam um trabalho com textos que não vise apenas sua estrutura organizacional, mas que contemple também os gêneros, relacionando o texto com a sociedade, a fim de compreender o aspecto social, o momento histórico de produção, os aspectos ideológicos.

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua, conforme afirma Mikhail Bakhtin (1997). A língua acontece no uso de enunciados orais e escritos. Os enunciados refletem as condições específicas, as finalidades de uso e não só isso, mas fundem estilo, conteúdo temático e construção composicional. Eles são específicos de determinadas esferas da comunicação. Cada esfera da comunicação elabora seus enunciados estáveis, que são denominados gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997).

A variedade dos gêneros do discurso é imensa e se amplia de acordo com as esferas da atividade humana no momento social e histórico, que incluem desde a réplica do discurso cotidiano, carta, ordem militar padronizada, declarações públicas, romance, filme, resenha de filme, indicação de filme e tantas outras variedades, tornando-se complexo enumerar aqui todos os gêneros discursivos. Nesses modelos, a palavra-discurso que se refere à língua, de acordo Bakhtin (1997), seria o processo da fala, o enunciado, e uma sequência de enunciados que podem ser variáveis no tamanho, num termo definido e ter significação restrita. Nesse

caso, a atividade comunicativa irá delinear o discurso, de acordo com a funcionalidade de cada gênero. Esses discursos possuem traços comuns em seus enunciados, na variedade dos gêneros discursivos, porém

A diversidade funcional parece tornar os traços comuns a todos os gêneros do discurso abstratos e inoperantes. Provavelmente seja esta a explicação para que o problema geral dos gêneros do discurso nunca tenha sido colocado. Estudaram-se, mais do que tudo, os *gêneros literários*. Mas estes, tanto na Antiguidade como na época contemporânea, sempre foram estudados pelo ângulo artístico literário de sua especificidade, das distinções diferenciais intergenéricas (nos limites da literatura), e não enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais, contudo tem em comum a natureza *verbal* (linguística). (BAKHTIN, 1997, p. 281).

Os gêneros do discurso, em sua diversidade, possuem traços comuns. Parece que esses traços operam segundo a funcionalidade de cada gênero. No entanto, há gêneros que, para funcionarem, dependem de discursos ou de traços de outros gêneros. No caso dos gêneros indicação de filme, resenha de livro ou resenha de filme, é preciso assistir ao filme ou ler o livro para que seja possível escrevê-los. Há, portanto, uma interdependência entre esses gêneros.

Sempre houve um estudo particular dos gêneros literários, levando-se em consideração os aspectos artísticos nos limites literários. O estudo de língua ficou isolado do estudo literário, não se levou em consideração os tipos de enunciados que se diferenciam, mas que possuem a mesma natureza linguística e que podem estabelecer operações significativas nas inter-relações dos gêneros discursivos, visto que a natureza verbal linguística é a mesma, pois a literatura, de acordo com suas necessidades, recorre a camadas correspondentes (não literárias) da literatura popular ou recorre obrigatoriamente a outros gêneros do discurso, através dos quais essas camadas atualizam-se. Exemplo disso é o romance *Cinco Minutos* (1865), de José de Alencar, que é uma carta íntima. Marcuschi (2009, p. 165) denomina essa hibridização de gêneros de intergenericidade.

Observando-se a estilística nos gêneros artístico-literários, percebemos que o estilo é individual. Já nos demais gêneros do discurso, em grande parte, o estilo individual não entra na intenção do enunciado. Para compreender a questão dos estilos, é preciso observar que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero, e é necessário basear-se em seu estudo prévio e em sua diversidade para compreendê-los.

O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). (BAKHTIN, 1997, p. 284).

O estilo está vinculado aos temas e unidades composicionais. Cada esfera da comunicação possui os seus gêneros apropriados e seus estilos correspondentes, que estejam de acordo com o tema, e cuja estruturação seja adequada ao contexto, aos interlocutores e às demandas sociais. As estruturas composicionais estão vinculadas a uma relação entre os interlocutores. Porém como se materializa um gênero discursivo?

Possivelmente, nessa questão, pesquisadores de Genebra também desenvolveram, durante 20 anos, estudos que elaborassem um modelo coerente de estrutura de textos, os quais deram origem à arquitetura textual proposta por Bronckart em *Atividade de linguagem, textos e discursos* (1999). Esses estudiosos, no nível das mediações, desenvolveram o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), que é uma corrente das Ciências Humanas formada pela articulação entre as obras de Spinoza, Marx e Vygotsky, buscando uma compreensão mais ampla sobre o funcionamento psíquico e social dos seres humanos. Não se pode afirmar que essa seja uma teoria linguística ou psicológica, pois se constitui de forma transdisciplinar e não pode ser confinada a uma forma estanque, de acordo com Machado (2009, p. 47). Visa mostrar o papel fundador da linguagem e o funcionamento da atividade discursiva no desenvolvimento humano. No nível dos pré-construídos sociais, o objetivo do ISD é analisar as condições de funcionamento efetivo dos textos. Dentro desse posicionamento, o ISD interessa-se pelas mediações nos sistemas educativos, pois eles são local universal de formação nas sociedades contemporâneas. Nesse sentido, preocuparam-se com modelos didáticos para o ensino e a aprendizagem (BRONCKART, 2006).

O que Bronckart (2006) denomina “gêneros de textos” parece ser, de acordo com Lousada (2010), equivalente a “gêneros dos discursos”. No entanto, o uso dessas terminologias ainda rende várias discussões, pois, ao usar o termo “gênero discursivo” é preciso levar em consideração todos os componentes que contemplam o gênero, e não apenas sua arquitetura linguística. A figura textual pode estar presente em uma terminologia ou na outra. O nível de análise levará à opção por uma das terminologias.

Para Bronckart (2006), o agir languageiro seria constituído de práticas de linguagem situadas, por meio de textos. O texto corresponderia a uma unidade comunicativa ou interativa global e poderia ser definido como uma unidade de agir languageiro que veicula uma mensagem organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário, em um determinado espaço e num determinado tempo. Dessa forma, como existem diferentes formas de agir languageiro, ou de textos, o autor propõe o uso da terminologia “gêneros de textos”, e não “gêneros do discurso”.

Nesse sentido, afora as controvérsias terminológicas, esses estudos trouxeram mudanças nos paradigmas educacionais brasileiros quanto ao ensino de língua – pelo menos nos documentos oficiais, pois ainda faltam muitas estratégias e conhecimento para a efetiva mudança na prática pedagógica. Transpor a teoria para a prática não é tão simples, e, muitas vezes, pode ocorrer uma compreensão superficial ou uma distorção da teoria, ocasionando mudanças.

Os estudos linguísticos anteriores mais tradicionais não levavam em consideração a interatividade entre os interlocutores. Na perspectiva da interatividade, os estudos sobre modelos de gêneros discursivos vêm alcançando outras etapas direcionadas ao processo de ensino-aprendizagem, através da transposição didática dos gêneros, o que levou à construção da sequência didática (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) começaram a sugerir que os gêneros do discurso fossem tomados como objeto de ensino-aprendizagem, articulando práticas de leitura, escrita e produção de texto oral ou escrito e análise linguística.

Módulos didáticos são sequências de atividades e exercícios, organizados maneira gradual para permitir que os alunos possam, progressivamente, apropriar-se das características discursivas e linguísticas dos gêneros estudados, ao produzir seus próprios textos. (BRASIL, 1998, p. 88).

Assim, como trabalhar para que os alunos pudessem se apropriar de seus usos e participar das práticas sociais que envolvam a leitura, a escrita e a linguagem oral em contextos públicos? Significaria ir além da listagem das propriedades de cada gênero? (BARBOSA; ROVAI, 2012). Esses questionamentos apontam para uma atualização frequente do assunto, seja por conta das transformações tecnológicas, sociais ou políticas, seja em decorrência dos impactos das práticas pedagógicas em favor do aprendizado dos alunos.

Dessa forma, trabalhar com os gêneros do discurso permite capturar para além dos aspectos estruturais presentes em um texto, favorecendo a compreensão dos aspectos sociais, históricos e culturais necessários à produção dos gêneros discursivos.

A inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e das novas mídias nas práticas pedagógicas contribui também na escolha dos gêneros discursivos que devem ser trabalhados na escola. É preciso levar em conta os multiletramentos no sentido de práticas letradas que fazem uso de diferentes linguagens, para além da cultura valorizada.

Como uma das marcas indeníveis de grupos sociais, o uso das diferentes linguagens, ao mesmo tempo constitui e manifesta a diversidade cultural... contraposições entre o padrão e as variações, o culturalmente valorizado e o “marginal”, o hegemônico e o contra hegemônico, o tradicional e a vanguarda.” (BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 42-43).

No trabalho pedagógico, é preciso considerar as manifestações linguísticas e culturais dos alunos de uma forma dialógica e não impositiva, a fim de que haja expansão do universo cultural do aluno de uma forma atrativa, que não o afaste da escola e da construção do conhecimento.

Levar em conta os multiletramentos permite que o aluno se manifeste diante dos textos que circulam na internet, através das possibilidades que as novas tecnologias trazem, como gravar e editar vídeos ou arquivos de áudio. O que antes era feito apenas por profissionais da área, hoje está disponível nos celulares.

Uma progressão curricular possível consideraria não somente a complexidade dos parâmetros do que os alunos utilizaram para buscar os textos e fatos selecionados, mas levaria em conta também a complexidade da forma como os estudantes se posicionam diante do material escolhido, partindo da mera disponibilização, evoluindo para uma frase-comentário, até chegar à produção de trechos mais significativos e densos de análise e crítica. (BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 14).

Aproveitar as ferramentas digitais dos novos ambientes tecnológicos pode favorecer o trabalho com gêneros discursivos, promovendo a interatividade e a redistribuição de informações através de alguma manifestação, como contrariar, emocionar-se, complementar, questionar, surpreender-se ou até silenciar. Rotineiramente, na Web, os alunos que estão conectados interagem instantaneamente e, muitas vezes, sem reflexão.

Levando em conta a complexidade enunciativa e estrutural de cada gênero, as alternativas, as possibilidades de aprendizagem dos alunos e o currículo da escola, quais gêneros devem ser trabalhados?

Schneuwly e Dolz (apud BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 27) advertiram que, ao trazermos gêneros de outras esferas para a escola, necessariamente nos depararemos com a problemática da transposição didática, pois os gêneros circularão numa outra esfera que não a de sua origem e poderão apresentar os seguintes problemas: desconsideração das características da esfera de circulação ao estudo do gênero; tendência a estruturalizar o gênero, a considerar apenas os seus aspectos formais; tendência a cristalizar excessivamente o gênero, ou, o que é pior, tomá-lo numa perspectiva normativa; abandono do trabalho com os textos em função de um trabalho com as propriedades do gênero; falta de critérios para a seleção de gêneros e de princípios de organização e progressão curricular.

Esses equívocos desconsideram a vinculação dos gêneros com as atividades humanas, seus objetivos ou finalidades, autores, leitores e espectadores, os agentes das esferas, suas assimetrias, os diversos interesses em jogo, as atividades desenvolvidas, os modos de ler e escrever mais típicos da esfera sócio-histórica da origem do gênero. Se a exploração do gênero for apenas formal, haverá contradição em relação à proposta bakhtiniana do conceito, o que não contribuirá com as propostas curriculares que requerem um perfil de aluno reflexivo, crítico, autônomo, substituindo as regras gramaticais pelas regras das propriedades do gênero.

Alunos submetidos a um trabalho equivocado com gêneros produzirão, no máximo, textos hipotéticos adequados a várias situações sociais. Esse tipo de prática não dá voz ao aluno, nem aponta o nível cognitivo, mas apenas quer verificar o que ele aprendeu.

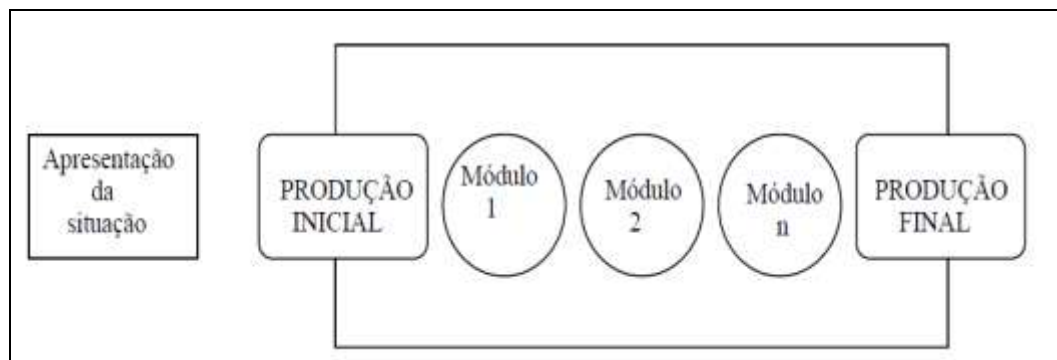
Muitas vezes, em práticas inadequadas, os professores usam o livro didático ou fornecem as características do gênero, em vez de promover uma reflexão sobre os textos, ou ainda propõem atividades que demandam apenas as características do gênero sem nenhuma relação com o conteúdo e a compreensão.

Um trabalho com foco em gêneros deve explorar os aspectos formais, como também as suas condições gerais de produção e da esfera. A exploração deve estar a serviço das práticas de leitura e produção de textos, mesmo quando o destaque for dado a seus aspectos mais formais. Nesse sentido, os problemas apresentados pela maioria dos alunos devem ser selecionados para um trabalho que englobe os componentes necessários para a expressão da

competência comunicativa, envolvendo a análise linguística. E, no movimento metodológico da reescrita, parte dos aspectos da esfera e das condições gerais de produção de um gênero, as propriedades formais, temáticas e estilísticas devem estar presentes durante todo o desenvolvimento do currículo, apresentando algum nível de progresso.

Para que esse trabalho com gêneros seja sistematizado, tomaremos os conceitos que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) propuseram como modelo de sequência didática em módulos, para ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo dominar, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

Figura 1 – Esquema da sequência didática



Fonte: (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98).

No primeiro momento, acontece a apresentação da situação. Os alunos precisam perceber a relevância comunicacional do gênero em estudo e construir uma representação do gênero na interação social.

Na produção inicial, os alunos devem produzir um texto oral ou escrito. A partir dos textos produzidos, será feito um diagnóstico sobre os conhecimentos dos alunos, para que eles percebam as dificuldades apresentadas e o professor tenha a visão sobre o que os alunos já sabem sobre o gênero e sobre o que eles ainda precisam aprender.

Os módulos serão organizados para trabalhar de acordo com as atividades pertinentes às dificuldades apresentadas na primeira produção textual.

A produção final será o momento de o aluno colocar em prática os conhecimentos construídos durante a execução dos módulos.

3.1 O GÊNERO DISCURSIVO “INDICAÇÃO DE FILME”, UM GÊNERO EMERGENTE?

Dentre os diversos gêneros discursivos existentes nas atividades comunicativas, a indicação de filme é um gênero que provavelmente surgiu na oralidade, com o aparecimento dos filmes, e que, ultimamente, vem se materializando em diversos suportes, como blogs, sites, YouTube.

É um gênero que apresenta os pontos positivos de uma obra fílmica com a finalidade de persuadir o interlocutor a assistir ao filme. Já que engloba outros gêneros em sua construção, tomá-lo como objeto de estudo, mediante uma sequência didática constituída por componentes como a literatura, o cinema e as ferramentas digitais, poderá trazer resultados proveitosos aos discentes.

A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua (BAKHTIN, 1997). Dessa forma, “Indicação de filme” é um gênero discursivo que pode ser transposto para a prática pedagógica, porque está na fala viva das pessoas e pode produzir vários efeitos em seus interlocutores ao incentivar o acesso a diversos filmes. Esses efeitos, a depender da obra fílmica ou literária na qual o filme foi baseado, poderá favorecer um pensamento mais integrado e complexo, pois o gênero “Indicação de filme” não se esgota em um modelo textual, visto que, para que seja constituído, precisa das experiências do cinéfilo com a obra fílmica, e, se essa obra fílmica for adaptação de uma obra literária, poderá ser enriquecedor também conhecê-la antes de construir a figura textual.

Essa interdependência é percebida pelos componentes discursivos que entram em jogo para se produzir esse gênero. Isso não inviabiliza, porém, que haja indicações de filmes sem os devidos conhecimentos, que são feitas com outras intenções e motivos. Assim, o objetivo de estudo do gênero discursivo não se esgota na arquitetura textual, aspectos enunciativos e análise linguística, pois, quando se envolve uma obra fílmica, o processo da educação ganha na competência do olhar, conforme afirmam Novaes e Reis (2013). Deve-se olhar em outras direções que apresentem novos sentidos ou sentidos mais próximos da realidade.

O que realmente atrai o cinéfilo e o leva a recomendar determinados filmes? Esse questionamento pode levar a várias direções. A experiência subjetiva do cinéfilo em relação ao filme e às questões psicológicas podem variar de cinéfilo para cinéfilo.

Esse questionamento também requer a análise dos enunciados discursivos desse gênero, pois sua figura textual engloba códigos de outras esferas e enunciados de diferentes tipos textuais. Além disso, analisar e produzir esse gênero discursivo pode ser uma das formas de atender à Lei nº 13006, que torna obrigatória a exibição de filmes nacionais na Educação Básica. Tratando-se de filmes brasileiros, há enunciados cristalizados em nossa sociedade que não valorizam a nossa produção fílmica.

Trabalhar com o gênero discursivo “Indicação de filme” torna-se complexo, por englobar outros componentes de forma interdisciplinar, como o cinema e literatura, no caso de filmes baseados em obras literárias, como no caso do filme brasileiro *A Máquina*. Ao mesmo tempo, esse trabalho possibilita o letramento literário e fílmico, permitindo a realização de leituras antes da escrita ou a produção de vídeos sobre o gênero “Indicação de filme” – uma forma mais próxima de se trabalhar o gênero na prática social do discente. Além disso, se as produções dos alunos forem disponibilizadas em um blog ou canal no YouTube, poderão encontrar possíveis leitores, proporcionando uma interação em diversos planos com as obras fílmicas brasileiras.

3.2 IDENTIFICANDO ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO GÊNERO DISCURSIVO INDICAÇÃO DE FILME

Marcuschi (2008) questiona sobre como se pode chegar à denominação dos gêneros e responde que as designações são constituídas histórica e socialmente. Não é apenas uma invenção social.

De acordo com Marcuschi (2008), damos nomes aos gêneros usando alguns critérios: 1 – Forma estrutural (gráficos, notas de rodapé); 2 – Propósito comunicativo (errata, endereço); 3 – Conteúdo (notas de compra, resumo de novela); 4 – Meio de transmissão (telefonema, telegrama); 5 – Papel dos interlocutores (autorização); 6 – Contexto situacional

(carta pessoal). Seguindo esses critérios, no caso do gênero discursivo “Indicação de filme”, o critério mais evidente é o conteúdo.

O gênero discursivo “Indicação de filme” é um gênero que possui a finalidade de atrair o cinéfilo para assistir a determinados filmes e, para tal, possui um composto de linguagens visual e verbal. Tudo isso engloba uma estratégia argumentativa. A visual destaca uma imagem fílmica, pensando-se no possível interlocutor ou na sequência de imagens que possivelmente atrairá o olhar desse interlocutor, além de um conjunto de sequências escritas ou orais que compõem esse gênero textual.

Se, a cada vez que fôssemos usar um gênero, tivéssemos de criá-lo pela primeira vez, teríamos muita dificuldade, adverte Bakhtin (1997). Dessa forma, ocorre um convencionalismo social que garante a previsibilidade das estruturas textuais, afirma Wachowicz (2012). Nesse sentido, percebe-se que no gênero “Indicação de filme”, as sequências que aparecem foram constituídas socialmente, possuem uma arquitetura convencional que busca atrair a atenção do interlocutor.

Como identificar essas sequências em um gênero discursivo? Em conformidade com Wachowicz (2012, p. 52), “as sequências são segmentos relativamente fixos que compõem os diferentes e vulneráveis gêneros da nossa sociedade.” Se são relativamente fixos, não são estáveis, dependem da bagagem cognitiva do interlocutor, e, se os gêneros são vulneráveis, sofrem modificações. Diante dessa situação, que envolve as sequências que compõem os gêneros, esses também podem cair em desuso ou sofrer alguma mudança em sua arquitetura.

Essas sequências também não existem de forma isolada e podem se apresentar com funções diferentes em determinados gêneros. Por exemplo: quando se narra uma parte do filme no gênero “Indicação de filme”, pretende-se despertar o interesse do interlocutor para assistir ao filme. A função da sequência narrativa, nesse caso, é argumentativa.

Percebe-se que nos gêneros discursivos, há uma tipologia das sequências textuais. Adam (2001 apud Wachowicz 2012) aponta as sequências que figuram na base dos textos prototípicos da nossa vida social: a narrativa, a descritiva, a argumentativa, a explicativa e a dialogal. Poderia se acrescentar ainda a essa lista a sequência injuntiva, levando em conta a afirmação de Bakhtin (1997) de que “as sequências podem ser variáveis no tamanho, num termo definido e de significação restrita”, visto que essas sequências injuntivas aparecem restritas em algumas indicações de filme e o locutor se dirige diretamente ao interlocutor: “Quero que após você ler minha ‘dica’, saia correndo para assistir ‘About Time’, que é o

título original do filme, mas que foi traduzido no Brasil como ‘Questão de Tempo’”. Levaremos em consideração também a sequência injuntiva.

Marcuschi (2008) denomina essas sequências como tipos textuais, caracterizados da seguinte forma:

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica (em geral uma sequência subjacente aos textos) definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados, a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Dessa forma, o tipo textual forma uma sequência e não um texto, e, nessa classificação, aparece também o tipo injuntivo. Se levarmos em conta a predominância da forma tipológica, o texto poderá ser argumentativo, narrativo, ou estar em outra categoria dessa classificação. Determinados gêneros apresentam categorias tipológicas diferenciadas em um mesmo gênero ou também apresentam a estrutura de um gênero e o conteúdo de outro gênero.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros se imbricam e se interpenetram para constituírem novos gêneros, isso se evidencia no resumo que aparece tanto na indicação de filme como na resenha. No entanto, na primeira ele serve como argumento, e, na segunda, segue-se avaliações negativas ou positivas.

A indicação de filme pode resumir alguma parte do filme, comentar algum elemento importante, como o roteiro, evidenciar o diretor, algum personagem interessante, roteiro, fotografia, dentre outros que forem positivos para convencer o interlocutor.

Buscando elencar algumas características do gênero “Indicação de filme” que podem figurar em textos escritos, teremos o seguinte quadro:

Quadro 1 – Características do gênero Indicação de Filme: aspectos figurativos

1 – Título do filme	Aparece em destaque
2 – Imagem após o título	Fotomontagem do filme, fotograma, capa de DVD, trailer do filme ou o vídeo de uma sequência do filme.
3 – Apresentação	Breve apresentação do filme.
4 – Sequência narrativa	Momento de resumo de uma parte do filme ou do enredo.
5 – Ficha técnica	Não apresenta essa ficha que acompanha normalmente a sinopse de filme.

6 – Comentários do locutor	Positivos, pois quer influenciar o interlocutor e são feitos em 1ª pessoa.
7 – Discurso	1ª ou 3ª pessoa. Interativo, com segmentos expositivo-argumentativo-injuntivo
8 – Motivos	Podem-se elencar alguns motivos para se assistir ao filme.
9 – Extensão do texto	Na maior parte das vezes, os textos são curtos, mas há modelos mais longos, nos quais o locutor se debruça em detalhes de sua experiência pessoal com o filme.
10 – Estilo linguístico	Formal, objetivo e claro, mas há modelos cuja expressão da subjetividade do locutor busca a persuasão e segue um tom informal.
11 – Marcas linguísticas	Recursos coesivos, adjetivos, tempos verbais do pretérito, modo imperativo afirmativo, uso dos sinais de pontuação e uso do ponto de exclamação para persuadir.
12 – Proximidade	Uso do pronome “você” em alguns modelos.
13 – Temas	O locutor pode no final enumerar os temas presentes no filme
14 – Forma estrutural Geral	Escrita ou falada (vídeos)
15 – Finalidade	Indicar filmes de acordo com os interesses do locutor ou atendendo aos interesses econômicos de alguém.

Fonte: Elaboração própria.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Nesta seção, será descrito o lócus da pesquisa, a metodologia, os instrumentos utilizados, a coleta dos dados e os instrumentos utilizados para avançar e alcançar os resultados de determinado estágio de aprendizagem ao final da execução da sequência didática, na qual se desenvolveu uma proposta didática com o gênero discursivo “Indicação de filme”.

4.1 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR DE APLICAÇÃO

O lócus da pesquisa, Colégio Estadual Luiz Viana Filho (CELVF), é uma instituição pública, fundada em 04 de outubro de 1970, integrante do Sistema Estadual de Educação da Bahia, tendo sua sede na Avenida Lions Club, 426, CEP: 45206-020, para funcionamento do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O Colégio Estadual Luiz Viana Filho, segundo dados do Projeto Político Pedagógico, possui Convênios celebrados entre o Estado da Bahia/SEC e a Prefeitura Municipal de Jequié, constituiu-se Posto de Extensão em março de 2006, com a implantação do Ensino Médio em 04 (quatro) Unidades Escolares municipais que funcionam nos referidos Distritos/Povoados que se seguem: Distrito Povoado de Itaibó; Distrito Povoado de Florestal; Distrito Povoado Nova Esperança; Distrito Povoado de Itajuru. Assim, o Colégio Estadual Luiz Viana Filho possui uma clientela heterogênea e uma perspectiva de ensino sociointeracionista.

A instituição atualmente conta na sua sede com um espaço físico amplo e moderno, projetado e construído para fins educacionais; no entanto, há uma carência de revitalização de equipamentos ou aquisição de novos equipamentos em quantidade suficiente, pertinentes ao trabalho pedagógico. A referida instituição dispõe de dezessete salas de aula, auditório para cento e cinquenta pessoas, biblioteca, sala de mídia, laboratórios (Ciências, Informática, Música e Humanas, que precisam ser reequipados), mecanografia, sala de coordenação pedagógica, sala de professores, diretoria, uma sala de vice-diretoria, um consultório de atendimento psicopedagógico, secretaria, sala do grêmio estudantil, sanitários femininos, masculinos e para portadores de necessidades especiais, cantina, refeitório, quadra poliesportiva, a qual necessita de cobertura, bancada, bebedouro e estacionamento. Já os anexos/extensões não possuem a estrutura oferecida na sede. Funcionam em prédios

pertencentes à rede municipal, alguns deles com estrutura inadequada quanto ao tamanho e à estrutura das salas e outros ambientes. O material audiovisual disponível para os anexos/extensões não satisfaz à demanda, algumas vezes sendo utilizado o da rede municipal.

Em 2015, a taxa de aprovação dessa unidade escolar foi de 64,26%; reprovação, 28,82% ; e abandono, 6,9%. Esses índices apontam para o desafio de buscar novas estratégias de ensino e aprendizagem que possam aumentar nossos índices de aprovação e, conseqüentemente, avançar no índice do Ideb.

A média da instituição no Ideb estacionou em 3,2. Na última Prova Brasil, da qual a instituição participou em 2011, o Ideb atingido foi de 3,2. Nesse resultado, houve um decréscimo em relação a 2009, quando o Ideb alcançado foi de 3,3, mas, ainda assim, foi obtido um ponto acima da meta, que era de 3,1. Em 2013, esta unidade de ensino não participou do referido exame. Em 2015, a meta proposta foi de 3,9. Houve a participação do CELVF e o resultado foi novamente 3,2.

Atualmente, o CELVF possui 1512 alunos matriculados, um corpo docente composto por 43 professores (efetivos e Reda) e 13 professores do CIEE (Centro de Integração Empresa Escola).

Nesse sentido, mesmo com diversos projetos inseridos nesta instituição, percebe-se que há problemas que persistem e que precisam ser identificados e contornados.

4.2 O MÉTODO: PESQUISA-AÇÃO

A metodologia adotada nesta pesquisa seguiu as etapas de observação, reflexão, planejamento e intervenção na realidade escolar. Conforme Gil (2002),

Diversamente das pesquisas elaboradas segundo o modelo clássico da investigação científica em que as técnicas se caracterizam pela padronização, a pesquisa-ação tende a adotar preferencialmente procedimentos flexíveis. Primeiramente porque ao longo do processo de pesquisa os objetos são constantemente redefinidos, sobretudo com base nas decisões do seminário. (GIL, 2002, p. 143).

Neste caso, não se utilizou o seminário para redefinir as ações, mas elas aconteceram de acordo com as necessidades que observamos na sequência didática durante o processo de

ensino e aprendizagem. Esse método possibilitou alterações nas propostas de acordo com as necessidades e os problemas enfrentados pelos alunos durante o estudo do gênero discursivo “Indicação de filme”, e, como consequência, houve mudanças na prática docente, o que se torna um pressuposto desta pesquisa.

Durante a aplicação da sequência didática, foram empreendidas modificações nas atividades, a partir da autocrítica, de avaliações que os alunos teciam a cada atividade realizada e de comentários e de posturas que eram observadas durante os encontros.

O universo desse trabalho constituiu-se de questionários que foram aplicados aos professores do Colégio Estadual Luiz Viana Filho, Jequié – BA, que já são pós-graduados, com nível de especialização, sendo que uma das professoras cursa Mestrado – Profletras na UESC, os quais ministram o componente curricular “Língua Portuguesa” no Ensino Fundamental e aos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, turma A. No caso dos docentes, foram coletados depoimentos sobre leitura e o uso do cinema na aula de Língua Portuguesa, e sobre como acontece a indicação de filmes brasileiros em suas aulas. Caso os sujeitos-pesquisados concordassem, seriam feitos vídeos filmados com os celulares dos próprios entrevistados, nos quais eles exporiam suas experiências didáticas referentes às indicações de filmes brasileiros. No caso dos alunos, foi aplicado também um questionário sobre letramento literário e fílmico, a fim de identificar como ocorre a indicação de filmes brasileiros em suas vidas cotidianas. Também seria feita a filmagem de um vídeo inicial, caso os sujeitos pesquisados concordassem.

A escolha desse universo de pesquisa justifica-se pelas experiências dos docentes com relação à prática pedagógica relacionada ao que propõe os PCNLP (1998) sobre o trabalho com gêneros textuais, suas experiências com o gênero discursivo “Indicação de filme” e pelo fato de agora haver a obrigatoriedade de o componente curricular “Filme nacional” ser inserido na Educação Básica. A escolha pela turma do 9º ano justifica-se por ser a etapa na qual o aluno conclui o Ensino Fundamental, quando se evidencia suas experiências de aprendizagem no campo da leitura literária e fílmica. Outro fator a se destacar foi o fato de a professora/pesquisadora atuar como profissional nesta turma e conhecer as demandas dos discentes, principalmente relacionadas à leitura e à escrita. Além desses pontos, o Ideb do Colégio Estadual Luiz Viana Filho continua estacionado em 3,2, mesmo que ocorram diversos projetos nesta instituição. Outro fator a ressaltar foi o fato de a

professora/pesquisadora não estar de licença para atuar em outras turmas, o que dificultaria ainda mais a aplicação da sequência didática e a análise dos resultados.

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: cinco questionários aplicados aos professores, trinta e cinco questionários aplicados aos alunos, e vídeos produzidos por uma professora e por um aluno.

Os dados desta pesquisa constituem-se também de atividades que constam no caderno de atividades construído durante a disciplina Produção de Material Didático, ministrada pelo professor Patrício Nunes Barreiros, no ProfLetras/UEFS e de outras atividades que foram aplicadas para que os alunos respondessem, devido ao fato de a turma apresentar determinadas dificuldades com o trabalho relacionado ao gênero “Indicação de filme.” Nessas atividades, houve o encaminhamento para a produção do gênero discursivo “Indicação de filme”. Assim, as produções das atividades do caderno e as produções textuais dos alunos avançam até um determinado estágio, pois a sequência foi condensada, devido ao tempo disponível, em decorrência do cumprimento de prazos da academia.

Os dados desta pesquisa foram construídos entre os meses de agosto e setembro do ano de 2016, com início em 1º de agosto, como estava previsto, e término em 12 de setembro, totalizando dez encontros de duas horas-aula; ou seja, 20 (vinte) horas-aula.

Foi um período com algumas complicações na aplicação de algumas atividades, pois os alunos estavam envolvidos com a Feira de Ciências do colégio, que acontece todos os anos. Em alguns momentos dos encontros com a turma, alunos que faziam parte dos ensaios da dança que aconteceria na abertura da referida Feira ausentavam-se. Esse fato, no entanto, não inviabilizou o bom andamento da sequência didática.

4.3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

4.3.1 Percepção do docente sobre letramento literário e fílmico

A coleta de dados sobre a percepção do docente foi feita com a participação de cinco professores que ministram aula de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental do Colégio Estadual Luiz Viana filho, mediante a aplicação de um questionário e a gravação de um vídeo em celular, quando o professor concordou. Entre os cinco professores, apenas uma professora

gravou o vídeo. Os demais professores responderam no próprio questionário. Para manter a privacidade dos sujeitos-pesquisados, atendendo à solicitação do comitê de ética, utilizou-se a letra P para indicar o termo “professor”, seguido de um número, a fim de manter o anonimato dos pesquisados.

A primeira pergunta do questionário versava sobre o trabalho com os gêneros discursivos. Todos concordaram que devem ser trabalhados em sala de aula, e, na compreensão desses professores, os gêneros discursivos e textuais são equivalentes. Apenas um professor afirmou trabalhar com outros conteúdos, evidenciando não trabalhar com os gêneros indicados. Veja o quadro:

Quadro 2 – Número de gêneros discursivos trabalhados pelos professores do CELVF

Professor	Carta	Resenha crítica	Requerimento	Ofício	Notícia	Poema	Outros Conteúdos
P1	X				X	X	
P2		X			X		X
P3	X	X			X		X
P4							X
P5		X			X	X	

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com as respostas, os professores do CELVF que responderam aos questionários, em sua maioria, já desenvolvem um trabalho com os gêneros discursivos voltados para as práticas sociais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. O gênero mais trabalhado é a notícia; os menos trabalhados são carta e poema e os gêneros não trabalhados são os oficiais. Diante desses dados, constata-se que é preciso ampliar a variedade de gêneros, contanto que haja tempo para o desenvolvimento das sequências didáticas.

Segundo as questões e alternativas do questionário, em relação ao desenvolvimento das competências leitoras, P1 afirma que desenvolve projetos de leitura, leva os alunos à biblioteca e indica livros atrativos; P2 afirma que desenvolve projetos de leitura, leva os alunos à biblioteca e faz trabalhos em grupo; P3 leva os alunos à biblioteca, indica livros e faz leitura coletiva; P4 desenvolve projetos de leitura, leva os alunos à biblioteca e indica livros; P5 desenvolve projetos de leitura e leva os seus alunos à biblioteca da escola.

Em relação à questão sobre como fazer para que os alunos progridam em níveis de leitura mais complexos, P1 e P4 optaram pela alternativa que indica utilizar estratégias

adequadas para o aluno ampliar o potencial de leitura; P2 e P3 optaram por utilizar estratégias adequadas para o aluno ampliar o potencial de leitura e dar autonomia ao aluno para ler; e P5 optou por desenvolver projetos de leitura e levar os alunos à biblioteca da escola.

As questões referentes ao cinema brasileiro, que, de acordo com a Lei nº 13006, constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, conforme a opção de P1, tira um pouco a liberdade, visto que estamos vivendo um processo de globalização e temos o direito à fruição de obras fílmicas estrangeiras, mas concorda que o filme brasileiro favorece o processo educacional, possibilita múltiplas leituras e promove competências comunicativas na aula de Língua Portuguesa, através de leituras diversas dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramentos, montagem, roteiro, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo. Afirma utilizar diversos filmes apropriados para determinados temas trabalhados em sala de aula, exibindo o filme inteiro ou apenas o trecho que interessa no contexto da aula. Sobre a indicação de filmes, indicaria filmes sem apelos sexuais ou xingamentos, mas que valorizassem a nossa cultura. No entanto, não respondeu de que forma ou de quais formas o cinema pode ser utilizado.

Para P2, sobre a exibição de filmes, é preciso refletir sobre as diversas possibilidades de utilizar o cinema na escola, pois é um componente favorecedor do processo educacional, porque contempla múltiplas leituras, promove competências comunicativas na aula de Língua Portuguesa, através de leituras diversas dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramentos, montagem, roteiro, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo. Utiliza diversos filmes apropriados para determinados temas trabalhados em sala de aula, exibindo o filme inteiro ou apenas um trecho que interessa no contexto. Quanto à forma ou formas que o cinema pode ser utilizado na escola, respondeu:

A exibição de filme em sala de aula é um excelente recurso colaborador no processo de multiletramento do discente. As imagens, as falas, o discurso, entre outros aspectos devem se explorados pelo professor por meio de atividades orais ou escritas. É possível integrar o assunto do filme ao assunto da aula. Pode-se também estudar o gênero filme, sua situação de produção, estrutura composicional e estilo. (Resposta de P2).

Na questão sobre a exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, P3 escolheu a opção: o cinema já vem sendo usado nas escolas. Sobre o cinema favorecer o processo educacional, assinalou a opção: sim, porque possibilita múltiplas leituras. Sobre promover as competências

comunicativas na aula de Língua Portuguesa, assinalou a opção: sim, através das leituras dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramentos, montagens, roteiros, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo. Sobre como inserir uma obra fílmica em sua aula, escolheu a alternativa: usar diversos filmes apropriados para determinados temas trabalhados em sua aula, exibindo o filme inteiro ou apenas alguns trechos que interessa no contexto. Sobre qual filme nacional indicaria na escola: filmes inspirados em literatura, pois dialogam com a obra literária. Sobre a questão de o multiletramento desenvolver um pensamento complexo, assinalou: sim. Quanto à forma ou de quais formas o cinema pode ser utilizado, respondeu:

Como forma complementar em vários conteúdos trabalhados. Como motivação para debater e discussões sobre temas do momento, possibilitando o desenvolvimento em produções textuais e mesmo recriações fílmicas com base em obras relevantes. Além de fomentar o acesso à cultura nacional. (Resposta P3).

P4, sobre a questão da exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, escolheu a opção: é preciso refletir sobre as diversas possibilidades de usar o cinema na escola. Sobre o cinema favorecer o processo educacional, assinalou: sim, porque possibilita múltiplas leituras. Sobre promover as competências comunicativas na aula de Língua Portuguesa, assinalou a opção: sim, através das leituras dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramentos, montagens, roteiros, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo e também uso se houver um intertexto com o assunto que estiver trabalhando. Sobre qual filme nacional indicaria na escola: filmes inspirados em literatura, pois dialogam com a obra literária, filmes sem apelos sexuais ou xingamentos, mas que valorizassem a nossa cultura. Sobre a questão de o multiletramento desenvolver um pensamento complexo, assinalou: sim. Quanto à forma ou de quais formas o cinema pode ser utilizado, deu a seguinte resposta, que foi gravada em vídeo:

[Olá! Sou professora de língua portuguesa, gosto muito de trabalhar com cinema. O filme ele não deve ser utilizado na sala de aula como um passatempo, nós precisamos fazer um planejamento, geralmente os filmes de longa duração, são mais de duas horas; dois horários de aula. Então, eu costumo cortar o filme, algumas partes desnecessárias, eu costumo cortar. E após a exibição do filme, eu gosto também de abrir uma discussão com os

alunos e às vezes, faço uma ficha de avaliação também, a ficha de avaliação, eu não costumo usar em todas as vezes que eu utilizo o filme, porque fica algo obrigatório, mas é essencial o trabalho de filme em sala de aula, agora então que faz parte da lei de Diretrizes e Bases da Educação. Obrigada!]
(Resposta retextualizada de P4).

P5, sobre a questão da exibição de filmes de produção nacional como componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, escolheu a opção: é preciso refletir sobre as diversas possibilidades de usar o cinema na escola. Sobre o cinema favorecer o processo educacional, assinalou: sim, porque possibilita múltiplas leituras. Sobre promover as competências comunicativas na aula de Língua Portuguesa, assinalou a opção: sim, através das leituras dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramentos, montagens, roteiros, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo e também uso diversos filmes apropriados para determinados temas trabalhados em sala de aula, exibindo o filme inteiro ou apenas um trecho que interessa no contexto. Sobre qual filme nacional indicaria na escola: filmes sem apelos sexuais ou xingamentos, mas que valorizassem a nossa cultura. Sobre a questão de o multiletramento desenvolver um pensamento complexo, assinalou: sim. Quanto à forma ou de quais formas o cinema pode ser utilizado, deu a seguinte resposta:

O trabalho com o cinema enriquece o fator interpretação a partir de discussões, seminários, mesa-redonda, pesquisas, quiz; além disso, possibilita as facetas com outros atributos: corporal, musical, a depender do foco de abordagem pré-estabelecido. (Resposta P5).

As respostas dos professores corroboram o complemento fílmico em práticas pedagógicas. Sabe-se que muitos professores já exibem filmes em suas aulas, no entanto o filme brasileiro parece não ser muito explorado em decorrência de cenas inadequadas ou vocabulário inadequado ou por desconhecimento de nossas produções fílmicas. Contudo há filmes brasileiros que não contêm elementos ditos inadequados, a depender da classificação etária, oferecendo inúmeras possibilidades em práticas pedagógicas. Há também várias estratégias para se pensar o trabalho com os filmes brasileiros, a depender do enfoque que se queira dar ao trabalho pedagógico. Exibir filmes brasileiros não significa que a escola não poderá exibir filmes estrangeiros.

4.3.2 Letramento literário e fílmico na concepção do discente

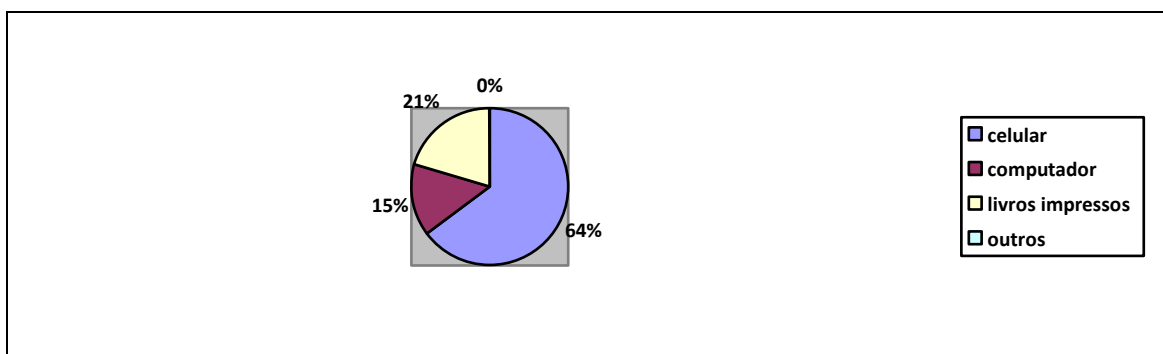
No dia 1º de agosto, iniciamos a primeira etapa do projeto: *O Cinema Brasileiro na Aula de Língua Portuguesa – O gênero discursivo “indicação de filmes” e sua interatividade com o leitor*. Assim, aplicamos na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, turma A, um questionário com dez questões sobre a percepção do aluno em relação à leitura literária e fílmica, 30 (trinta) alunos responderam e 05 (cinco) alunos haviam faltado. No dia seguinte, mais 04 (quatro) alunos responderam ao questionário, apenas 01 (um) aluno da turma não apareceu; é um aluno que se ausenta muito das aulas, por isso ficou sem responder.

As expectativas eram grandes quanto à produção inicial dos vídeos sobre indicação de filme brasileiro, pois, como é rotina nesta turma, a presença constante dos aparelhos celulares possibilitaria a viabilização da última questão do questionário: gravar um vídeo, indicando um filme brasileiro; no entanto, não foi viável. Tudo transcorreu normalmente nas questões objetivas, mas apenas um aluno da turma se dispôs a fazer o vídeo. Na hora, o aparelho celular travou e o vídeo não foi produzido. Uma aluna se comprometeu a produzi-lo em casa e a enviá-lo pelo WhatsApp, para que tivéssemos acesso.

Não enviou o vídeo, e, na aula seguinte, mostrou timidamente o vídeo que havia feito sobre o filme nacional *O Menino e o Mundo*. Observamos o vídeo com atenção, já na sala de vídeo, contudo não o exibimos para os demais alunos.

Procuramos apresentar o resultado do questionário aos alunos, aplicado na semana anterior. De acordo com as respostas dadas por eles; o suporte que eles mais usam para ler é o celular (22 alunos), logo depois o computador, e livros impressos são os suportes menos utilizados.

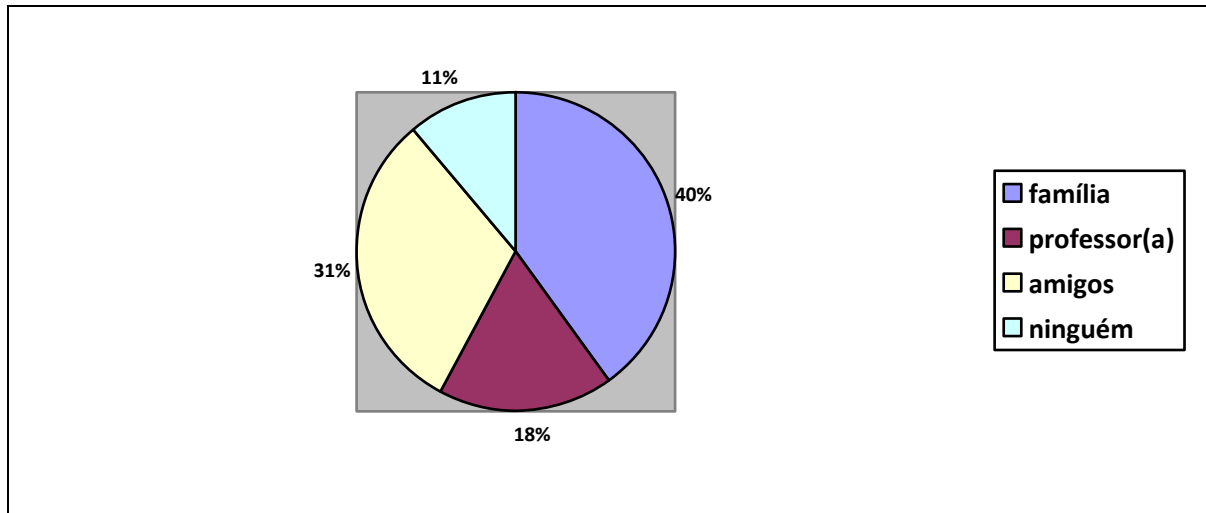
Gráfico 1 – Índices dos Suportes de Leitura do 9º ano A.



Fonte: Elaboração própria

Quem os incentiva a ler são amigos, família, professores. Apenas uma minoria não recebe incentivo. Pelos índices desta turma, a escola precisa mobilizar mais as estratégias de leitura.

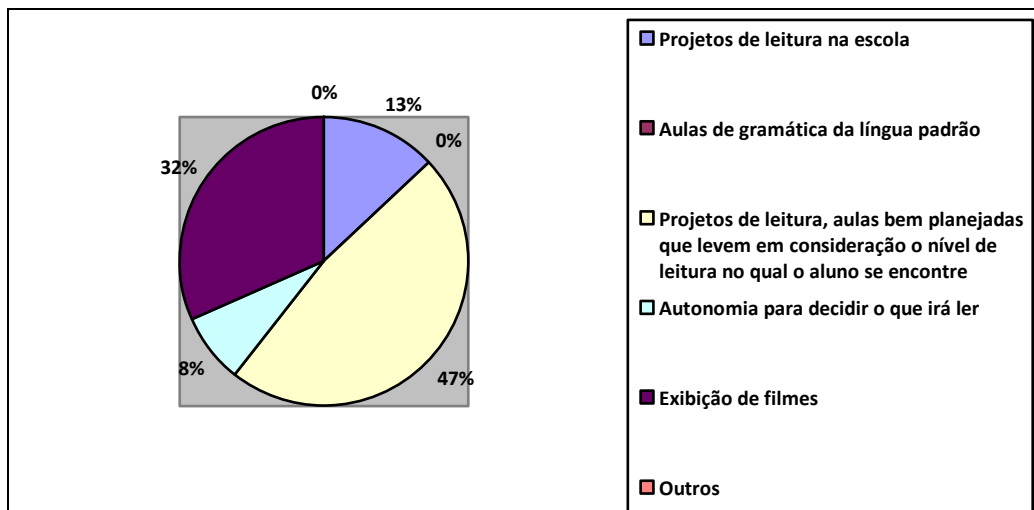
Gráfico 2 – Índices sobre quem incentiva a leitura na turma do 9º A.



Fonte: Elaboração própria

Mesmo com esse incentivo, apenas recomendar a leitura não tem surtido efeito, pois, quando se trata da leitura de obras literárias, muitos não se sentem atraídos, pois afirmaram que o que mais os afasta da leitura são histórias desinteressantes e um vocabulário complexo, mas que bons projetos de leitura e incentivo através de políticas públicas poderiam mudar o nível de leitura dos alunos.

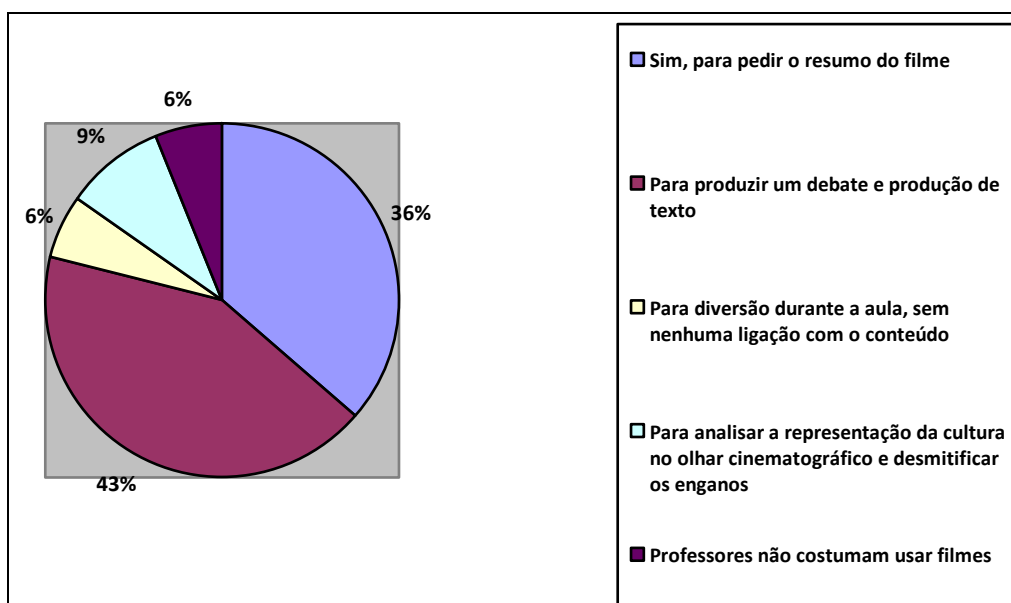
Gráfico 3 – Índices de formas para ampliar a bagagem cultural



Fonte: Elaboração própria

Os alunos afirmaram, em maioria, que os gêneros textuais que os atraem são romances e indicação de filme, e uma minoria aprecia contos e fábulas. Quanto à leitura fílmica, afirmam que, em anos anteriores, os professores utilizavam filmes em suas aulas para solicitar resumos e promover debates.

Gráfico 4 – Índices de trabalhos com filmes na turma 9º ano A



Fonte: Elaboração própria

A maioria dos alunos afirma que o cinema nacional pode contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, mas não se lembra de nenhum filme nacional que possa ser usado em sala

de aula. Poucos alunos mencionaram títulos de filmes da comédia brasileira, e alguns confundiram filmes estrangeiros, considerando-os de produção nacional, a exemplo dos filmes *O Menino do Pijama Listrado* e *Mãos Talentosas*. Percebemos dificuldades em distinguir filmes brasileiros de estrangeiros. Citaram também os filmes brasileiros: *Os Dois Filhos de Francisco* e *Cidade de Deus*.

4.3.3 Proposta metodológica para se trabalhar com o gênero discursivo “Indicação de filme brasileiro”

A estrutura de base de uma SD é constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final, conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Entretanto, esta sequência didática não segue fielmente essa proposta, visto que o gênero “Indicação de filme”, ora em estudo, engloba outros gêneros discursivos para ganhar sentido na comunicação social. Os módulos não ficam apenas na análise do modelo didático do gênero. Há a necessidade de leitura e conhecimento de componentes discursivos literários e fílmicos, para que o discente compreenda o que está indicando, e isso não descarta a importância do diagnóstico dos problemas apresentados na primeira produção, os quais deverão ser analisados e também trabalhados nos módulos.

Essa sequência didática sofreu ainda adaptação em decorrência do tempo disponível para a aplicabilidade do projeto, em decorrência do tempo de espera pela autorização do comitê de ética para o início da aplicação do projeto de pesquisa em pauta. Além disso, a metodologia de leitura dos gêneros literário e fílmico requer momentos diferenciados de leitura, visto que o projeto se pautou mais no sentido semiótico. Dessa forma, levou-se em consideração para a sequência didática a adaptação das propostas de Cosson (2014) e Solé (1989), por ser uma atividade interdisciplinar e devido à eficácia que tais propostas vêm trazendo para o ensino da leitura. Outro ponto modificador da sequência didática foram as demandas dos sujeitos-pesquisados durante a execução do processo.

Na disciplina: Texto e Ensino do Profletras – UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), em 2015, o Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros apresentou a proposta: formulários em células para organizar o passo a passo de uma sequência didática, a fim de que a descrição detalhada possibilitasse uma melhor organização do processo de ensino e

aprendizagem nos momentos de execução do projeto. Essa proposta, no momento da aplicação desta sequência, sofreu também algumas alterações em virtude do primeiro motivo elencado anteriormente.

DESCRIÇÃO	
AUTOR	Naijane Aparecida dos Santos
ORIENTADOR	Professor Claudio Cledson Novaes
TÍTULO	O CINEMA BRASILEIRO NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: o gênero discursivo “Indicação de filme” e sua interatividade com o leitor.
TEMA	O gênero textual “indicação de filme”, que pode aparecer na esfera oral ou escrita, visa atender às demandas comunicativas do nosso tempo com relação à escolha de um filme; para tanto, há nesse gênero textual observações importantes sobre a trama do filme, entretanto não se revela tudo e nem o desfecho do filme.
RESUMO	A Sequência Didática sobre indicação de filme partirá de um diálogo entre a obra literária <i>A Máquina</i> e o filme homônimo brasileiro inspirado nessa obra, a fim de aproximar e garantir aos nossos alunos também o direito de acesso ao nosso patrimônio cultural e promover o desenvolvimento de leitura em níveis e sentidos diversos que culminem com a produção de textos sobre a indicação de filmes.
PÚBLICO	9º ano do Ensino Fundamental
TEMPO ESTIMADO	20 horas aula
OBJETIVOS	Desenvolver uma sequência didática sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”, para que os alunos tenham autonomia de se expressarem, tendo o cinema brasileiro como estímulo para o gosto literário e o aprimoramento do uso oral e escrito da língua portuguesa. Fazer uso adequado de aparelhos tecnológicos que possibilitem a exibição de filmes de forma atrativa. Ler a obra literária e fílmica intitulada <i>A Máquina</i> , discutindo a construção literária nas imagens cinematográficas da obra adaptada. Desenvolver as competências de leitura, oralidade e escrita. Desenvolver, no Colégio Estadual Luiz Viana Filho, Jequié-Ba, uma sequência didática envolvendo a obra literária escrita no papel e a escrita da câmera no trabalho com o cinema em um exercício crítico sobre o gênero indicação de filme. Produzir vídeos ou textos escritos sobre o gênero textual “Indicação de filme” a partir do exercício de leitura de filme, evidenciando um olhar crítico. Criar um blog no qual serão postados vídeos ou produções escritas sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”.
JUSTIFICATIVA	Trabalhar o gênero discursivo “Indicação de filme” permitirá aos alunos participar de práticas sociais efetivas, favorecendo a interatividade social através dos celulares ou outros dispositivos tecnológicos a que eles tenham acesso, pois, com a democratização do cinema, as câmeras de vídeos estão nos celulares e os alunos estão envolvidos por todas as novidades que a tecnologia vem desenvolvendo nesses suportes tecnológicos, e isso vem tirando o foco das práticas de ensino e aprendizagem tradicionais.
PRODUTO FINAL	Indicação de filme brasileiro. Disponível em:

	<p><https://indicacaodefilmenacional.wordpress.com/2016/09/11/a-maquina-2/>.</p>
<p>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</p>	<p>Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (BAKHTIN, 1952-1953). As maneiras de utilização da língua são tão variadas como as diversas atividades humanas e isso não atrapalha a unidade nacional da língua. A língua acontece no uso de enunciados orais e escritos. Os enunciados refletem as condições específicas, as finalidades de uso e não somente isso, mas fundem estilo, conteúdo temático, construção composicional, sendo específicos de determinadas esferas da comunicação. Cada esfera da comunicação elabora seus enunciados estáveis de comunicação que são denominados gêneros do discurso.</p> <p>Uma progressão curricular possível consideraria não somente a complexidade dos parâmetros do que os alunos utilizaram para buscar os textos e fatos selecionados, mas levaria em conta também a complexidade da forma como os estudantes se posicionam diante do material escolhido, partindo da mera disponibilização, evoluindo para uma frase-comentário, até chegar à produção de trechos mais significativos e densos de análise e crítica. (BARBOSA; ROVAI, 2012, p. 14).</p> <p>“Como uma das marcas identitárias de grupos sociais, o uso das diferentes linguagens, ao mesmo tempo constitui e manifesta a diversidade cultural [...]. Contraposições entre o padrão e as variações, o culturalmente valorizado e o “marginal”, o hegemônico e o contra hegemônico, o tradicional e a vanguarda.” (BARBOSA; ROVAI 2012, p. 42-43).</p> <p>A educação do olhar com a leitura cinematográfica envolve o leitor na aventura secreta e discreta entre literatura e cinema. O diálogo assume condição política, ao evidenciar conceitos e saberes novos para o acesso ao texto, problematizando normas e disciplinas escolares tradicionais. Nesse sentido, o cinema, como instrumento educativo, implica a exteriorização do pensamento do leitor através da intimidade com as imagens objetivas, como num ato de busca por significados para além dos visíveis, algo pouco exercitado na escola. Normalmente, o ensino da leitura se encerra na busca do significado dos códigos semânticos e sintáticos da língua no texto literário, reforçando as hierarquias entre linguagens. (NOVAES; REIS, 2013, p. 72).</p>
<p>REFERÊNCIAS</p>	<p>BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. <i>Estética da criação verbal</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).</p> <p>BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. <i>Gêneros do discurso na escola: discutindo princípios e práticas</i>. São Paulo: FTD, 2012.</p> <p>NOVAES, Claudio Cledson; REIS, Mírian Sumica Carneiro. Pedagogia do olhar: a potência comparativa no diálogo cinema, literatura e cultura audiovisual. <i>Revista Brasileira de Literatura Comparada</i>, Campina Grande, PB, n. 22, p. 67-87, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579570.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.</p> <p>XAVIER, Ismail. <i>O olhar e a cena: Melodrama, Hollywood, Cinema Novo</i>, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.</p>

MÓDULO DE APRESENTAÇÃO DO GÊNERO – 08/08 – 1º Encontro

ETAPA 02					
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
Expor os resultados da pesquisa coletados na sondagem sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”.	Conversa inicial	Escuta	10 minutos		
	Apresentação do resultado	Criar hipóteses	20 minutos		
	Refletir sobre o acesso das pessoas à cultura literária e fílmica.	Análise e deduções	20 minutos.		O professor mediará as discussões
Explicar a sequência dos módulos do projeto.			25 minutos		
Falar sobre a filmagem dos vídeos			15 minutos		
Explicar que será criado um blog no (https://wordpress.com/), no qual serão postados os vídeos sobre o gênero discursivo “Indicação de filme”.			10 minutos		
Perceber o uso do gênero “Indicação de filme” nas relações sociais cotidianas.	Identificar situações de uso		10 minutos		
	Identificar a arquitetura do gênero textual: Indicação de filme	Analisar as principais características do gênero em estudo.			
	Avaliar as atividades		10 minutos		

	desenvolvidas, apresentando sugestões.				
--	--	--	--	--	--

MÓDULO DE RECONHECIMENTO DO GÊNERO – 15/08 – 2º Encontro

ETAPA 02					
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
Refletir sobre a relevância do gênero em estudo, a fim de contribuir com as escolhas culturais e filmicas.	Expor vídeo de indicação de filmes e slides.	Demonstrar calma e atenção. Capacidade de analisar e comparar.	50 minutos	https://www.youtube.com/watch?v=2y0YTSpUko8	
		Observar detalhes.			
	Avaliação da atividade.	Responder com atenção.	25 minutos	Folhas xerografadas	
			20 minutos		

MÓDULO DE RECONHECIMENTO DO GÊNERO – 16/08/16 – 3º Encontro

ETAPA 02				
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS
Identificar as principais características do gênero discursivo “Indicação de filme”.	Exibir o trailer do filme <i>O Menino e o Mundo</i>	Demonstrar calma e atenção. Capacidade de observar, analisar e comparar e conversar sobre os temas.	50 minutos	https://www.youtube.com/watch?v=17x8oi_1GBo
	Audição da canção “Aos Olhos de uma criança”.	Observar detalhes.		
	Responder a atividade 1 do caderno de atividades.	Ler, compreender e responder.	25 minutos	Folhas xerografadas
	Avaliação da atividade.	Responder com atenção.	25 minutos	Folhas xerografadas

MÓDULO DE RECONHECIMENTO DO GÊNERO – 22/08 – 4º Encontro

ETAPA 03					
----------	--	--	--	--	--

OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
Produzir um texto sobre indicação de filmes, visando influenciar as escolhas dos seus interlocutores.	Distribuir fotogramas e cartazes de filmes para os alunos lerem e analisarem em dupla, com a mediação do professor.	Demonstrar calma e atenção. Capacidade de analisar e comparar. Observar detalhes	50 minutos	Textos xerografados sobre indicação de filmes com níveis de linguagem variados. Fotogramas de filmes.	Os alunos pediram para assistir ao trailer de alguns filmes nacionais: <i>O Menino no Espelho</i> , <i>Tainá</i> , <i>Antes que o Mundo Acabe</i> , <i>Que horas Ela Volta</i> .
	Após observar a imagem com atenção, pensar em uma indicação do filme que poderia ser bem atrativa aos seus interlocutores e depois escrever o texto.	Criar um texto e fazer uso da língua materna de forma lógica e coerente.	30 minutos	Folhas xerografadas	
	.Avaliar as atividades desenvolvidas.		20 minutos		

PRODUÇÃO INICIAL - 23/08/16 - 5º Encontro

ETAPA 03					
OBJETIVOS	AÇÕES/ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES	
1 Aprofundar o conteúdo do gênero discursivo; Identificar as características do gênero discursivo “Indicação de filme”; Responder a atividade nº 2 do caderno de atividades.	Comparar os resultados da produção anterior do gênero discursivo “Indicação de filme” para que o aluno perceba a importância de conhecer os componentes do filme para poder indicar com mais propriedade. Fazer colagens ou desenhos, representando a impressão que tiveram sobre o título do livro.	20 minutos	Cartolinas, cola, tesoura sem ponta, lápis coloridos e revistas.	De acordo com Isabel Solé (1998), a motivação para a leitura se consegue através de planejamento e das escolhas de material adequado.	
	Os alunos apresentam os cartazes, explicando como seria uma	20 minutos	Máquina fotográfica.	O professor mediará a apresentação dos	

	sequência fílmica baseada no livro <i>A Máquina</i> na opinião deles.			alunos e fotografará os cartazes.	
	O professor comentará sobre as produções dos alunos, a fim de motivá-los para a leitura da obra.	10 minutos	.		
2	Apresentar a obra literária: <i>A Máquina</i>	Expor informações sobre o autor e a época na qual foi escrita a obra.	10 minutos	Slides	
		Entregar os livros para os alunos examinarem a capa e a ilustração.	10 minutos	Obra literária <i>A Máquina</i>	Os alunos responderão a uma atividade escrita sobre a análise da capa do livro.
		Comparar a capa com as imagens que eles fizeram nos cartazes.	10 minutos		

MÓDULO 1 – 29/08/2016 – 6º Encontro

ETAPA 03						
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES	
1	Continuar lendo o romance, identificar pontos de conflito na história.	Roda de conversa informal sobre a leitura dos capítulos anteriores. Leitura individual oral.	Confirmar expectativas.	10 minutos 30 minutos	Obra literária <i>A Máquina</i> . Lençol.	O professor mediará as discussões. Será feito um teatro das sombras
		Instigar os alunos a lerem, questionando-os	Buscar confirmações de expectativas.	5 minutos		
		Comentar oralmente os pontos identificados.	Expor com clareza as ideias	5 minutos		
2	Identificar figuras de linguagem presentes na obra literária <i>A Máquina</i> .	Compreender as figuras de linguagem presentes na obra literária	Escrever com clareza as ideias que foram adaptadas	10 minutos 10 minutos	Slides Folhas xerografadas	
		Apresentar o resultado da reescrita.	Pronunciar as palavras de forma clara e audível.	10 minutos		

3	Orientar a leitura extraclasse do livro para os alunos que ainda não terminaram a leitura; Escrever livremente as impressões sobre o livro.	Combinar o período da leitura extraclasse da obra literária <i>A Máquina</i> .	Analisar situações.	5 minutos		
		.	.			
		.	.	10 minutos	Folhas xerografadas	

MÓDULO 2 – 30/08/16 – 7º Encontro

ETAPA 03					
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
1	Motivar os alunos para a exibição do filme <i>A Máquina</i> .	Colar um cartaz do filme em dia anterior.			Cartaz
2	Exibir filme <i>A Máquina</i> .	Exibição do filme	Focar a atenção em detalhes importantes do filme.	95 minutos	

MÓDULO 2 – 05/09/2016 – 8º Encontro

ETAPA 04					
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
1	Refletir sobre os temas presentes no filme.	Congelar algumas imagens do filme	Diferenciar o olhar em foco e periférico.	50 minutos	Data show Pens drive
		Reflexão: O filme substitui o livro?	Leitura e comparação	5 minutos	
		Conversa sobre a temática fílmica	Levantar hipóteses.	5 minutos	
2	Identificar tipos de planos;	Exibição do filme.	Focar a atenção em detalhes importantes do	40 minutos	Xérox com termos da linguagem De acordo com Aumont e Marie (2013, p. 10), o

Ler alguns fotogramas e identificar a possível construção de sentidos.		filme.		cinematográfica.	objetivo de análise é apreciar melhor a obra, clarificar a linguagem cinematográfica.
--	--	--------	--	------------------	---

MÓDULO 3 – 06/09/16 – 9º Encontro

ETAPA 05					
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	COMPETÊNCIAS	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
1	Reconhecer as marcas linguísticas presentes no vídeo; Identificar as características do gênero textual “Indicação de filme”, em vídeo.	Exibição do vídeo: “Top 10 Melhores Filmes Nacionais de Todos os Tempos”. Analisar as marcas linguísticas presentes no gênero.	20 minutos 17 minutos	Data show, computador, internet.	Top 10 Melhores Filmes Nacionais de Todos os Tempos. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ICFZRJwCj_Q >.
		Comparar com o texto escrito produzido anteriormente.	13 minutos		
		Identificar elementos importantes no gênero em estudo.			
2	Escrever o gênero discursivo: indicação de filme sobre o filme <i>A Máquina</i> , levando-se em consideração a obra literária.	Construir o texto pensando na arquitetura textual do gênero em estudo. Levantar elementos característicos da linguagem.	20 minutos		O professor levará as produções para fazer leitura extraclasse para futuras orientações.
		Indicar traços comuns nos gêneros e diferenças.	20 minutos		
3	Avaliar os pontos positivos e negativos do módulo.		10 minutos		

PRODUÇÃO FINAL – 12/09/2016 – 10º Encontro

ETAPA 06

OBJETIVOS		AÇÕES/ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS	OBSERVAÇÕES
1	Ler uma resenha crítica sobre o filme <i>A Máquina</i> .	Organizar os alunos em grupo.	10 minutos	Textos xerografados	
		Ler o texto com atenção.	20 minutos		
2	Identificar problemas referentes às características do gênero.	.Analisar e comparar os textos: resenha e indicação de filme.	20 minutos		
3	Retextualizar a indicação de filme, seguindo os pontos elencados no roteiro.	.Reescrever, modificar.	50 minutos	Folhas xerografadas.	Os alunos digitarão os textos que serão postados no blog.
					Os textos passarão por modificações até esta etapa.

4.3.4 Desenvolvendo a Sequência Didática – Relato de experiência

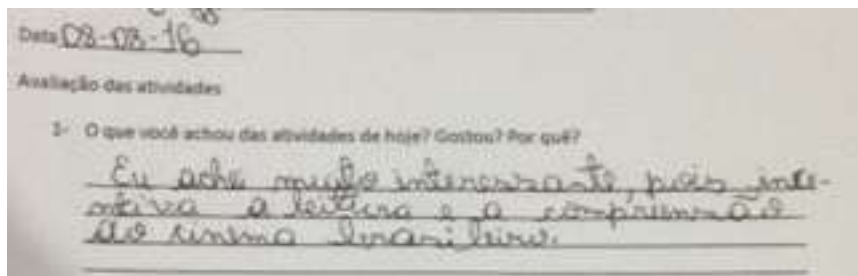
A seguir, será descrito todo o desenvolvimento da sequência didática que contou com a participação dos 35 alunos do Colégio Estadual Luiz Viana Filho. A maior parte dos encontros ocorreu na sala de vídeo do referido colégio, onde há uma estrutura tecnológica que facilitou a aplicação da sequência.

No primeiro encontro, 08/09/16, apresentamos aos alunos os resultados obtidos com a pesquisa inicial e analisamos cada opinião dada por eles sobre esses resultados. Referente à questão da leitura, enfatizamos que, se a leitura não fosse interessante, não leriam mesmo. Conversamos sobre as dificuldades de identificar os filmes brasileiros, pois confundiram alguns títulos. Por exemplo, o filme *O Menino do Pijama Listrado* foi considerado de produção brasileira.

Na continuidade, apresentamos o projeto, explicamos as etapas da sequência didática que seriam desenvolvidas nas aulas a partir daquele momento. Para isso, trouxemos ao conhecimento dos alunos o objetivo geral do estudo do gênero “Indicação de filme”: Produzir o gênero discursivo “Indicação de filme”, para que os alunos tivessem mais autonomia para se expressarem, tendo o cinema brasileiro como estímulo para o gosto literário e o aprimoramento do uso oral e escrito da língua portuguesa.

Na sequência, ocorreu o Módulo de Apresentação do gênero, com os objetivos específicos: Refletir sobre a relevância do gênero em estudo, a fim de contribuir com as escolhas fílmicas; perceber o uso do gênero “Indicação de filme” nas relações sociais cotidianas; valorizar o cinema nacional.

Figura 2 – Avaliação da atividade



Fonte: Resposta do discente – 9º ano A

No segundo encontro, 15/0816, após conversa inicial, houve a exibição de um vídeo no qual há uma indicação de filme feita por uma profissional reconhecida nos meios de comunicação, para que os alunos observassem que o gênero “Indicação de filme” circula em revistas eletrônicas de reconhecimento nacional, como no caso da revista *Veja*.

No primeiro momento, aconteceu uma conversa informal sobre o vídeo que seria exposto. Não se tratava de uma indicação de filme nacional, mas seria necessário que os alunos observassem como a jornalista enfatizava diversos pontos do filme, para que os espectadores fossem motivados a assistir ao filme.

O objetivo neste dia foi: refletir sobre a relevância do gênero em estudo, a fim de contribuir com as escolhas culturais fílmicas. O vídeo exibido tratava da indicação do filme *A Rede Social*, comentado pela jornalista brasileira Isabela Boscov, especializada em crítica cinematográfica. O vídeo foi exibido em parte, pois houve um problema na metade da exibição. O vídeo estava incompleto, os alunos reclamaram, mas continuamos com a proposta, analisamos o que foi exibido naquele dia, e seguiram-se os questionamentos aos alunos sobre o vídeo: a jornalista os convenceu a assistir ao filme? Por quê? Fizemos um levantamento da linguagem usada, do tema abordado, do elogio ao filme, das imagens expostas em destaque durante a fala da jornalista. Após o levantamento inicial, os alunos foram questionados sobre as situações de uso desse gênero, se eles já indicaram algum filme,

se algum dos alunos já havia recebido alguma indicação de filme brasileiro, e qual é a importância de se indicar um filme. Alguns deles reconheceram que, quando se indica um filme sem contar a trama, o cinéfilo não perde tempo procurando um filme que valha a pena assistir, que traga conhecimentos relevantes ou que sirva para o entretenimento, a depender dos seus interesses. Discutiu-se também sobre o discurso construído pela jornalista, como sendo uma voz que busca atender aos interesses econômicos de alguém, e não somente aos interesses do espectador.

Após esse momento, os alunos pediram para que esse filme fosse exibido. Explicamos que o nosso objetivo era analisar o gênero textual, e não assistir ainda ao filme. Os alunos fizeram uma avaliação escrita e se envolveram nas atividades.

No final, eles pediram que o vídeo fosse exibido por completo na aula seguinte. E a maioria aprovou a proposta do encontro.

Figura 3 – Avaliação da Atividade

Professora: Thayane Data: 16/09/2016
 Avaliação das atividades
 1- O que você achou das atividades de hoje? Gostou?
 a) (x) b) () c) () d) (x)
 2- Apresente sugestões para trabalharmos com indicação de filmes e leitura. Como poderíamos fazer leitura de filmes na sua opinião?
trazer um filme para sala de aula e discutir a importância dele

Fonte: Resposta do discente – 9º ano A

No 3º Encontro, no dia 16/09/2016, iniciamos a aula com a exibição do vídeo anterior completo. Fizemos algumas considerações sobre o assunto, visto que ele está vivo na realidade dos alunos. Nisso, chamaram a atenção dos alunos o fato de o brasileiro Eduardo Saverin ajudar a criar o algorítmico que fizesse o *facemash* funcionar e os excessos de repetições para elogiar o filme americano feitos pela jornalista, de modo que isso se refletiu nos textos que alguns alunos fizeram posteriormente.

Na sequência, exibimos o trailer do filme nacional: *O Menino e o Mundo*, de Alê Abreu e acessamos na internet a letra da canção do filme *Aos Olhos de uma criança*, Emicida, para ajudá-los a compreender melhor a proposta da indicação fílmica no tocante ao tema e a

perceber a complexidade do mundo na percepção de uma criança ampliando a compreensão sobre a argumentatividade do texto para persuadir o cinéfilo a assistir ao filme supracitado.

Seguindo a proposta da aula e os objetivos traçados, foi entregue a primeira atividade do caderno pedagógico para os alunos responderem. Ao assinalar as questões, a maioria deles alunos não dominava as características principais do gênero “Indicação de filme”, mas tinha consciência de que o gênero servia para motivar os interlocutores a assistir a determinados filmes.

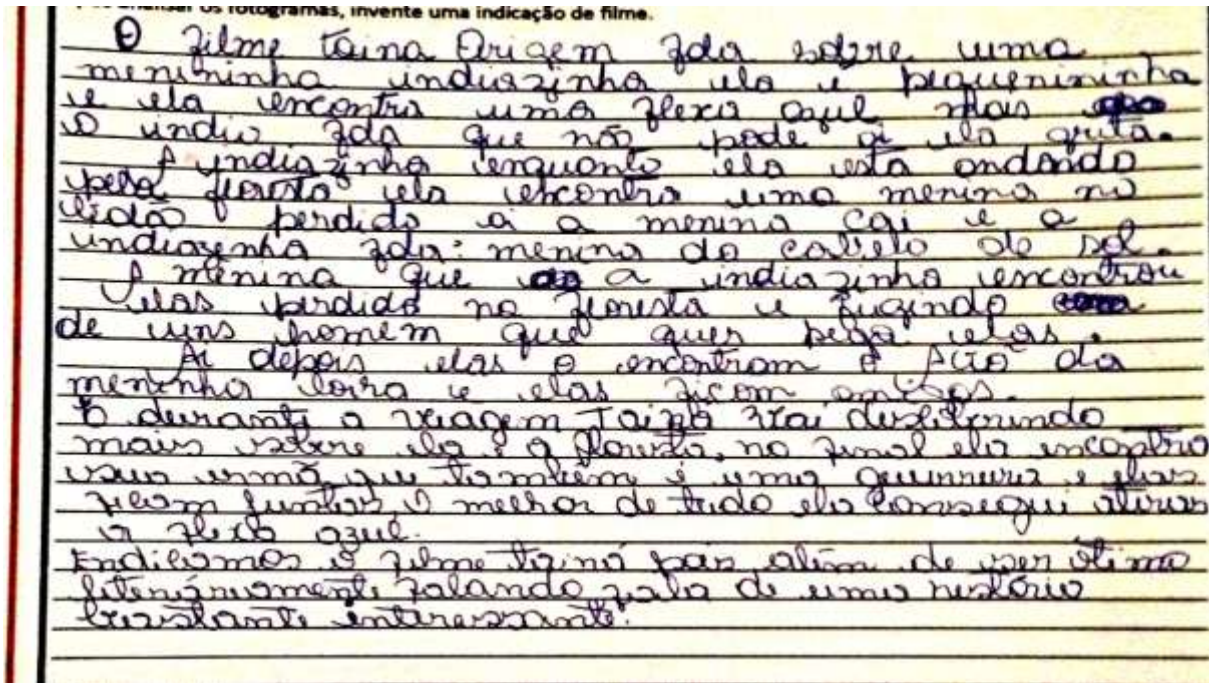
No terceiro encontro, distribuímos diferentes fotogramas de filmes brasileiros adequados ao Ensino Fundamental para que os alunos criassem, em duplas, uma indicação de filme. Após observarem as imagens com atenção, pensaram em uma sequência do filme que poderia ser bem atrativa aos seus interlocutores e depois escreveram em dupla o texto. Para isso, foram exibidos alguns trailers dos filmes, a pedido dos alunos. Essa ação não fazia parte da proposta pedagógica, mas, de acordo com as necessidades dos alunos na construção de conhecimentos, os planejamentos devem ser flexíveis. Foi muito produtiva e positiva esta aula. Os alunos se envolveram muito, participaram ativamente, fazendo comentários sobre os filmes que já haviam assistido e comentários sobre os filmes que eles nem sabiam serem filmes brasileiros. Depois de finalizarem a escrita, fixaram os cartazes dos filmes nas paredes da sala e colaram em torno do cartaz a palavra: cinema. O ambiente ganhou um ar diferente, mais voltado para a ideia do projeto.

Os filmes desconhecidos provocaram dificuldades na hora da escrita, mas isso foi necessário para que sentissem a necessidade de assistir ao filme para conseguirem indicar. Em alguns casos, eles usaram a imaginação para escrever o texto, mesmo sem ter assistido ao filme. O trailer do filme *A Máquina* não foi exibido, para não quebrar a expectativa e não atrapalhar as atividades sobre a leitura do livro que se seguiriam posteriormente.

No 4º encontro, trouxemos os resultados da produção anterior do gênero discursivo “Indicação de filme” para que o aluno percebesse a importância de conhecer os componentes do filme para conseguir indicá-lo com mais propriedade. A aula foi organizada em slides, apresentando, primeiro, um conceito de indicação de filme; depois, as características do gênero discursivo escrito, de acordo com o Quadro 1: “Características do gênero Indicação de Filme: aspectos figurativos”, em que foram expostos dois textos produzidos pelos alunos, mantendo-se o anonimato.

Nesta atividade, avaliando a primeira produção, procuramos fazer o aluno refletir sobre as escolhas enunciativas que fizeram em relação à imagem do filme que comporia o discurso no gênero estudado. O texto estaria de acordo com a imagem? Será que os dois componentes, texto e imagem, atrairiam o interlocutor? Quem seria esse interlocutor? Qual o perfil dele? Os enunciados discursivos estariam bem construídos? Será que o interlocutor assistiria ao filme indicado? Por quê?

Figura 4 – Primeira produção do gênero “Indicação de filme”⁷



Fonte: Texto produzido por A18 e A32

Figura 5 - Primeira produção do gênero “Indicação de filme”⁸

⁷ O filme Taina Origem fala sobre uma menina indiazinha ela é pequeninha e ela encontra uma flexa azul mais o índio fala que não pode ai ela grita.

A indiazinha enquanto ela está andando pela floresta ela encontra uma menina no balão perdido ai a menina cai e a indiazinha fala: menina do cabelo de sol.

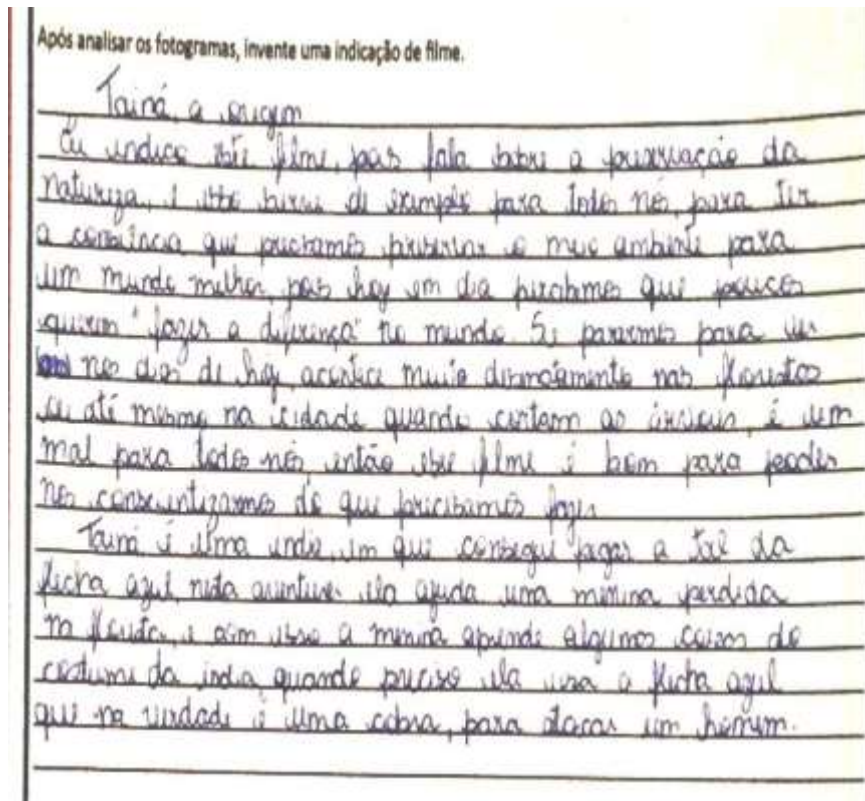
A menina que a indiazinha encontrou elas perdida na floresta e fugindo de uns homem que quer pegar elas.

Ai depois elas o encontra o Avô da menina loira e elas ficam amigas.

E durante a viagem Taina vai descobrindo mais sobre ela e a floresta, no final ela encontra sua irmã que também é uma guerreira e elas ficam juntas, O melhor de tudo ela conseguiu atirar a flexa azul.

Endicamos o filme tainá pois além de ser ótimo literariamente falando fala de uma história bastante interessante.

⁸ Tainá, a origem



Fonte: Texto produzido por A12 e A25

Esses textos foram colocados em slides, analisamos cada ponto das características do gênero “Indicação de filme”, e eles perceberam que havia escolhas importantes e mudanças, pois, se resumissem o filme todo, o interlocutor poderia perder o interesse e não assistir ao filme. Deveriam, portanto, resumir pontos que aguçassem o interesse e apontassem motivos e temas. A linguagem e a construção linguística também precisariam ser reelaboradas, em decorrência dos problemas apresentados. Uma aluna perguntou por que havia colocado o texto dela. Explicamos que, no termo de assentimento, já havia essa proposta, e que, ao

Eu indico este filme, pois fala da preservação da natureza e isso serve de exemplo para todos nós, para ter mais consciência que precisamos preservar o meio ambiente para um mundo melhor, pois hoje percebemos que poucos querem “fazer a diferença” no mundo. Se pararmos para ver nos dias de hoje acontece muitos desmatamento nas florestas ou até mesmo nas cidades quando cortam as árvores, é um mal para todos nós, então esse filme é bom para conscientizarmos do que precisamos fazer.

Tainá é uma índia, em que consegue pegar a tal da flecha azul, nesta aventura ela ajuda uma menina perdida na floresta, e com isso a menina aprende algumas coisas do costume da índia, quando preciso ela usa a flecha azul que na verdade é uma cobra, para atacar um homem.

assiná-lo, esse uso do texto foi concedido. Alguns alunos apontaram mais os problemas referentes à norma padrão da língua.

Nos textos anteriores, enquanto figuras de um discurso, percebe-se que os alunos conseguem trabalhar com alguns elementos do gênero “Indicação de filme”. Resumem o filme e o indicam, mas não aparece a sequência injuntiva ou o tipo textual, de acordo com Marcuschi (2008), que comporia o material linguístico e mobilizaria o interlocutor de forma mais direta. Além disso, há problemas relacionados ao uso da norma culta. No texto dois, há a preocupação em enfatizar a temática do filme. Também não houve preocupação com o perfil do interlocutor, nem com o suporte em que seria publicado.

Na sequência, foi aplicada a atividade número 2, do caderno pedagógico, para os alunos identificarem as características da indicação de filmes em textos, e percebemos que a maioria não conseguiu compreender o que seriam as sequências linguísticas da questão nº 2. Para facilitar a compreensão do sentido, pedimos que eles copiassem os trechos do texto em estudo na atividade em que havia as palavras aconselhando ou pedindo que a pessoa assistisse ao filme. A dificuldade, então, estava no nível da linguagem, pois, após a explicação, eles conseguiram responder à questão proposta.

No quinto encontro, no dia 23/08/16, os alunos iniciaram o estudo da obra literária *A Máquina*. De acordo com Isabel Solé (1998), a motivação para a leitura se consegue através de planejamento e das escolhas de material adequado. Nessa perspectiva, primeiro, houve a criação das hipóteses, e procuramos despertar o interesse dos alunos para a leitura da obra literária *A Máquina*, mediante a construção, em grupo, de hipóteses sobre o título do livro, criando imagens que foram pintadas em cartolinas brancas e fixadas na sala de aula para posterior confirmação dessas hipóteses ao término do livro.

Figura 6 – Hipótese sobre o título do livro *A Máquina*



Fonte: Imagem produzida em grupo – 9º ano A

Figura 7 – Hipótese sobre o título do livro: *A Máquina*.



Fonte: Imagem produzida em grupo – 9º ano A

Figura 8 – Hipótese sobre o título do livro *A Máquina*.



Fonte: Imagem produzida em grupo – 9º ano A

Figura 9 – Hipótese sobre o título do livro *A Máquina*.



Fonte: Imagem produzida em grupo – 9º ano A

Percebe-se nas imagens construídas pelos alunos que todas as hipóteses possuem estreita relação com os sentidos que a obra literária e a fílmica oferecem ao leitor.

Na continuidade, apresentamos a obra literária aos alunos, a biografia da autora e aplicamos uma atividade, a fim de realizar uma leitura da capa.

Figura 10 – Capas do livro *A Máquina*



Os livros foram entregues aos alunos, para que examinassem a capa e a ilustração, comparando-as com as imagens que eles fizeram nos cartazes. A capa feita antes do filme chamou a atenção de duas alunas, pois a antena da televisão, sendo levada por um homem, à frente, tendo ao fundo uma cidade, revela já a temática do romance sobre o desenvolvimento tecnológico e a manipulação da TV sobre os telespectadores, com interesses comerciais e financeiros. A capa feita após o filme traz Antônio à frente, na figura de herói. Atrás dele, uma mulher, Karina, por quem Antônio é apaixonado, a ponto de satisfazer-lhe todos os desejos.

Após essa atividade, ficou combinado que eles teriam uma semana para realizar a leitura, e que, na semana seguinte, trariam o livro para que fizéssemos a continuidade do trabalho em sala de aula.

No 6º encontro, no dia 29/08/16, para motivá-los, criamos, primeiramente, um teatro das sombras: uma tela feita com um lençol branco por trás do qual eles realizaram leituras dramatizadas da obra em estudo, *A Máquina*, com as luzes apagadas no local do público. Por trás do lençol, usaram a lanterna do celular para clarear. Isso fez com que os mais tímidos tivessem chance de se apresentar. Algumas alunas quiseram se apresentar e, para motivá-los, perguntava aos demais de quem seria a voz dos que estavam lendo.

Após essa etapa, que não demorou muito, pois apenas um grupo de alunas leu, conversamos sobre o livro e o sentido figurado de determinados enunciados, os exageros das expressões e aproveitamos para trabalhar a identificação das figuras de linguagem. Após isso,

houve a distribuição de uma xérox com informações sobre figuras de linguagem, conceitos e características. Eles já tinham conhecimento sobre algumas das figuras de linguagem, já reconheciam várias figuras de linguagem.

Inicialmente, a discussão concentrou-se no título da obra, visto que o título *A Máquina* possui vários sentidos, constituindo um conjunto de metáforas. Isso ficou evidente nas hipóteses do título que eles construíram antes: a mão de obra seria a máquina do passado, a primeira máquina; o corpo humano seria a própria máquina. No desenho “meio homem, meio máquina”, que também ganha outras significações, e o coração, o motor que movimenta a vida. Na imagem do palhaço que eles fizeram, há uma ampulheta da passagem do tempo no corpo. Nas hipóteses presentes nas imagens, houve uma relação com a temática do livro.


Demos continuidade explorando outros aspectos: no início do livro, o princípio da criação, em que há um intertexto com o primeiro livro da bíblia, o Gênesis, o verbo, a palavra que preexiste às coisas; a repetição das palavras; a hipérbole representada na atitude de Antônio, ao trazer o mundo para Nordestina, cidadezinha sem futuro no interior de Pernambuco, que, na ficção, nem constava no mapa; o narrador-personagem que se desmembra em dois: o Antônio do futuro (o velho) e o narrador do presente (o novo).

Todas as figuras de linguagem identificadas no livro foram comentadas, exemplificadas. Depois, entregamos uma ficha para que os alunos escrevessem livremente a impressão que tiveram sobre o livro, contassem os detalhes que lhe chamaram a atenção, se a obra havia atendido às expectativas e por quê. Nesse dia, poucos alunos haviam lido o livro integralmente e não conseguiram realizar essa proposta de escritura. Combinamos, então, que eles teriam mais um tempo para responder a essa atividade e poderiam realizá-la em casa, pois no dia seguinte aconteceria a exibição do filme brasileiro *A Máquina*.

Essa atividade de escrita livre segue a sugestão apresentada por Cosson (2014) sobre o letramento de obras literárias de longa extensão: realizar a leitura extraclasse e escrever livremente sobre a obra literária.

Os alunos que ainda não haviam terminado a leitura poderiam continuá-la. Ao final da leitura do romance, eles escreveriam um texto, registrando as percepções que tiveram sobre a leitura do livro.

Figura 11 – Impressões sobre o romance *A Máquina*⁹

 Na semana passada, você levou o romance: *A Máquina*, de Adriana Falcão para a sua casa, será que você o leu? Caso tenha lido, expresse livremente a sua impressão sobre o livro, conte detalhes que chamaram a sua atenção. O livro atendeu as suas expectativas? Por quê?

A Máquina

É um romance que tem como características uma leitura poética, de fácil compreensão.

O que mais me chamou atenção foi o amor sem limites que Antonio tinha por Karina, capaz de atender todos os seus desejos, até mesmo o considerado impossível que é lhe trazer o mundo, a criação das máquinas também chamou a minha atenção.

Apesar de todo o profissionalismo de Adriana Falcão, eu espero mais em relação ao livro, lembrando que o livro não me desagradou, porém não atendeu as minhas expectativas.

Fonte: Texto produzido por A10.


⁹ *A Máquina*

É um romance que tem como característica uma leitura poética de fácil compreensão.

O que mais me chamou atenção foi o amor sem limites que Antonio tinha por Karina, capaz de atender todos os seus desejos, até mesmo o considerado impossível que é lhe trazer o mundo, a criação das máquinas também chamou a minha atenção.

Apesar de todo o profissionalismo de Adriana Falcão, eu espero mais em relação ao livro, considerando que o livro não me desagradou, porém não atendeu as minhas expectativas.

Figura 12 – Impressões sobre o romance *A Máquina*¹⁰

 Na semana passada, você levou o romance: *A Máquina*, de Adriana Falcão para a sua casa, será que você o leu? Caso tenha lido, expresse livremente a sua impressão sobre o livro, conte detalhes que chamaram a sua atenção. O livro atendeu as suas expectativas? Por quê?

O livro fala sobre um casal que mora numa cidade longe de tudo, longe do "mundo" e Antônio, para provar seu amor por Karina e ele cumpriu o que prometeu, ele conseguiu levar o mundo para Nordestina.

O livro atendeu, mas não totalmente. Eu gosto bastante de ler livros, só que não desse gênero, não desse "jeito". Eu gosto de ler livros mais atuais, livros que estão em febre.

O que me chamou atenção foram as atitudes de Antônio, que atendia todos os desejos da amada dele.

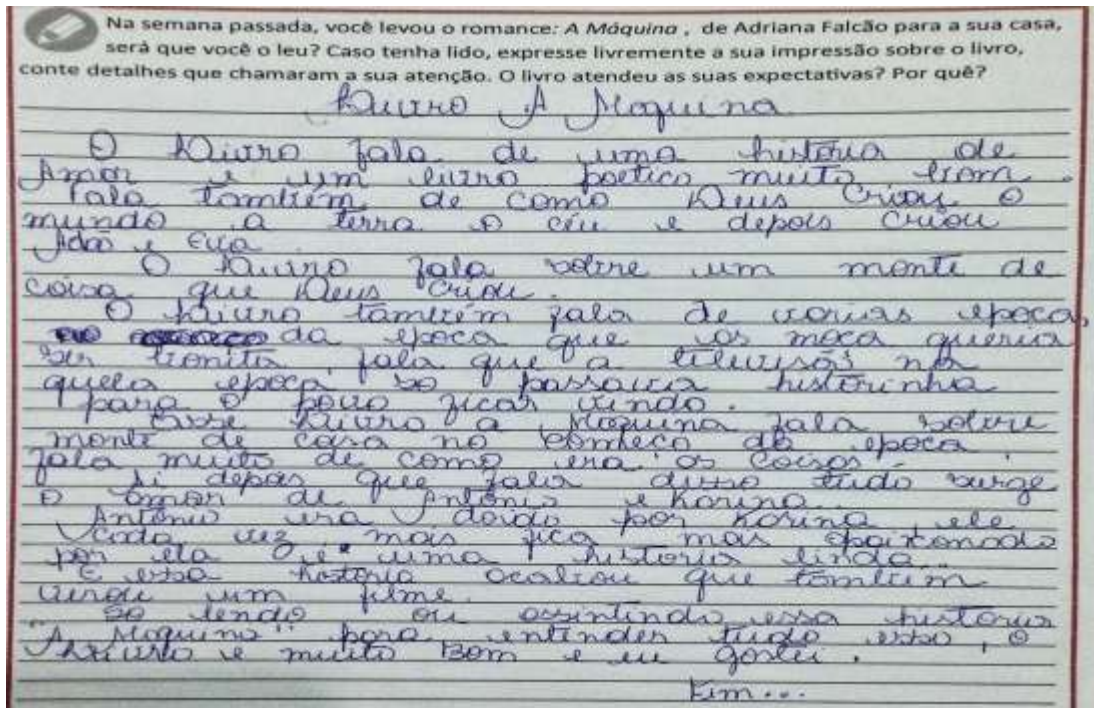
Fonte: Texto produzido por A26.

¹⁰ O livro fala sobre um casal que mora longe de tudo, longe do "mundo" e Antônio para provar seu amor por Karina e ele cumpriu o que prometeu, ele conseguiu levar o mundo para Nordestina

O livro atendeu, mas não totalmente. Eu gosto bastante de ler livros, só que não desse gênero, não desse "jeito". Eu gosto de ler livros mais atuais, livros que estão em febre.

O que me chamou atenção foram as atitudes de Antônio, que atendia todos os desejos da amada dele.

Figura 13 – Impressões sobre o romance *A Máquina*¹¹



Fonte: Texto produzido por A32

11

Livro *A Máquina*

O Livro fala de uma história de Amor e um livro poético muito bom. Fala também de como Deus criou o mundo a terra o céu depois criou Adão e Eva.

O livro fala de um monte de coisa que Deus criou.

O Livro também fala de varias épocas da época que as moça queria ser bonita, fala que a televisão naquela época so passava historinha para o povo ficar vendo.

Esse Livro fala sobre monte de coisa no começo da época, fala muito de como era as coisas.

Ai depois que fala disso tudo surge o amor de Antônio e Karina..

Antônio era doido por Karina, ele cada vez mais, fica mais apaixonado por ela é uma historia linda.

E essa história acabou que também virou um filme.

Só lendo ou assistindo essa história "A Máquina" para entender tudo isso, o Livro e muito Bom e eu gostei.

Fim...

Sobre a leitura do livro *A Máquina*, após o tempo estendido, a maioria (26 alunos) leu o livro. Os que leram relataram que não demoraram muito tempo, quando se propuseram a ler, pois a leitura era fácil. Dois alunos informaram que não gostaram do livro, mas a maioria gostou, achou a história interessante. Um aluno que estava muito envolvido na Feira de Ciências disse haver pegado o resumo da história na internet para ler, pois estava sem tempo disponível.

O que fora planejado anteriormente sobre a leitura da obra literária não aconteceu conforme estava previsto. A leitura dos primeiros capítulos ocorreria durante o momento das aulas, e os demais capítulos seriam lidos extraclasse. A proposta de trazer alguns desafios para os alunos responderem após a leitura desses primeiros capítulos foi alterada para a leitura dramatizada do teatro das sombras, devido ao fator tempo e à dificuldade que alguns alunos desta turma têm para ler em público.

No dia da exibição do filme, foi colocado, na porta da sala de vídeo, um cartaz do filme *A Máquina* com as palavras: “Hoje Cinema”. Foi preparado o clima de cinema. Na cantina, o diretor autorizou que se fizesse a pipoca. Em relação às cortinas, que seriam feitas em TNT, o diretor do CELVF já havia providenciado meios para que a sala de vídeo ficasse mais escura na hora da exibição de filme. Nesse dia, os recursos audiovisuais estavam em pleno funcionamento.

Por conta da duração do filme, tivemos uma conversa inicial sobre o objetivo de assistirmos ao filme: seria para realizarmos uma leitura e produzirmos uma indicação de filme, não seria apenas para entretenimento. Após isso, iniciei a exibição do filme.

Figura 14 – Foto do momento da exibição do filme *A Máquina*



Fonte: Elaboração própria

Quando se assiste a um filme, há muita informação dada numa imagem que muitas vezes o olho humano não consegue acompanhar em todos os detalhes. Todos os códigos são postos em jogo na narração fílmica. Para que se tenha uma visão mais clara desses detalhes, é preciso fazer uma análise dessa linguagem cinematográfica. De acordo com Aumont e Marie (2013), o objetivo da análise é apreciar melhor a obra, clarificar a linguagem cinematográfica, mas ficamos no nível da leitura semiótica de alguns fotogramas.

No dia da exibição fílmica, alguns alunos saíram para o ensaio da apresentação da Feira de Ciências, o colégio estava bastante movimentado e os alunos estavam preocupados com a apresentação da abertura da Feira, que seria no dia seguinte, numa quarta-feira. Isso afetou um pouco a exibição do filme em relação à frequência, pois três alunas saíram para o ensaio da dança, que coincidia com o horário no qual o filme estava sendo exibido.

Antes de finalizar o filme, o sinal tocou e alguns alunos queriam que houvesse a continuidade da exibição do filme, no entanto a metade da turma já havia saído para a fila da merenda e o final do filme ficou para o dia seguinte.

No oitavo encontro, no dia 05/09/16, após a exibição do final do filme, fizemos a leitura fílmica de alguns elementos, pois fazer análise fílmica é atividade muito complexa. Iniciamos falando sobre os temas presentes no filme: o amor, a invenção das palavras e das coisas, a migração, o progresso, e o metafilme, que conta a própria história do cinema até o momento que a TV aparece e domina os espectadores. *A Máquina* seria a própria indústria cinematográfica. Nas palavras de Bernadeth (1980),

Tudo isso constitui um complexo ritual a que chamamos de cinema e que envolve mil e um elementos diferentes, a começar pelo seu gosto para este tipo de espetáculo, a publicidade, pessoas e firmas estrangeiras e nacionais que fazem e investem dinheiro em filmes, firmas distribuidoras que encaminham os filmes para os donos das salas e, finalmente, estes, os exibidores que os projetam para os espectadores que pagaram para sentar numa poltrona e ficar olhando as imagens na tela. Envolve também a censura, processos de adaptação do filme aos espectadores que não falam a língua original. (BERNADETH, 1980, p. 4).

Percebemos na construção fílmica a demonstração dessas palavras. Para realizarmos a leitura dos fotogramas que se seguem, fomos pausando alguns fotogramas do filme que anteriormente já estavam previstos para análise, conforme o planejamento. No começo do filme, o desenho de um coração no centro do relógio remete às histórias em quadrinhos e a

um tempo anterior ao aparecimento do cinematógrafo. O relógio serve como elemento primordial para simbolizar a passagem do tempo na história, mas não é o único elemento na construção do tempo, que é invisível. O coração é um signo forte na construção simbólica do filme, pois o sentimento “amor” está no centro das atitudes desmedidas do personagem protagonista, que é capaz das atitudes mais surpreendentes para ficar ao lado da sua amada: doar a própria vida ao expor o corpo para ser estraçalhado por setecentas lâminas, caso não fosse ao futuro buscar o mundo para Karina. Há nesse símbolo um forte sentido sagrado, representando o Amor incomparável de Jesus Cristo, mediante a doação da própria vida para a salvação da humanidade.

O enquadramento da câmera vai contribuir para a percepção destes detalhes, pois se aproxima do objeto:

Fotograma 1 – Plano detalhe



Fonte: *A Máquina*, 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>

Fotograma 2 – Ângulo baixo



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>

No fotograma 2, a câmera faz um enquadramento de baixo para cima, mostrando Antônio subindo as escadas. Neste caso, o ângulo baixo confere a Antônio uma visão de poder na construção da própria história, pois tudo que ele narra está sob seu controle, é uma narração subjetiva.

Com o material xerografado contendo denominações dos termos da linguagem cinematográfica que foi distribuído em sala de aula, os alunos teciam comentários e identificavam planos e ângulos.

De acordo com Napolitano (2013), ao fazer uma decupagem, há um número imenso de fotogramas. Nesse estudo, foram selecionadas algumas imagens, conforme já informado, e foram mostradas as marcas da história do cinema que o filme ia construindo. Considerando que o processo fotográfico faz parte da evolução dos conhecimentos sobre o cinema, encontramos essas marcas em vários momentos, como o retrato que dona Nazaré, mãe de Antônio, tentava tirar com todos os filhos, mas o choro de Antônio a fez desistir, até o momento em que, sendo este já adulto, ela consegue obter a fotografia com toda a família. Quando se lê o romance, o número dos filhos é um enigma.

Fotograma 3 – Plano de conjunto



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

Adriana Falcão construiu um verdadeiro enigma quanto ao número de filhos de Dona Nazaré. No filme, parece que obtiveram o resultado do cálculo, pois a luz não destaca todos os filhos, gerando ainda uma incerteza com relação ao número de filhos. Esse conjunto de

filhos no fotograma representa a alta taxa de natalidade nas famílias da região nordeste. Há outras leituras possíveis, de caráter religioso. A criança no colo da mãe lembra O Menino Jesus, refazendo a imagem da cena presente na pintura renascentista. O irmão que olha para o alto como se olhasse para o céu é mais uma referência ao sagrado. No romance, Antônio é o filho mais velho; no filme, nesse momento, o filho mais novo.

No fotograma seguinte, observa-se que a família de Antônio continuou aumentando, e o enigma continua em relação ao número dos membros da família.

Fotograma 4 – Plano de conjunto



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

Mostramos os enquadramentos no filme, os ângulos e os alunos iam fazendo a identificação, acompanhando com atenção. Os alunos se interessaram muito.

Fotograma 5 – Ângulo alto



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

Nesse fotograma, mais uma marca do cinema: a imagem invertida, o espelho. Esse processo representa a captura da imagem pela máquina, em referência à história do cinema e ao processo técnico: a imagem refletida é como se fosse um espelho tal qual o cinema para muitos. Outra leitura possível é uma alusão ao mito de Narciso.

Fotograma 6 – Plano geral



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

Nesse enquadramento, denominado “Plano Geral”, observamos uma visão geral que mostra outro plano geral dentro da imagem, como se quisesse expor como se dá a linguagem cinematográfica, mostrando o espaço onde acontece a cena. Karina indo embora – essa cena

se aparece duas vezes no filme.

No fotograma seguinte, observamos o plano próximo, em que a câmera mostra a figura humana da metade do tórax para cima. Neste momento, vimos o fotograma da cena que mostra Antônio encontrando-se com Karina. Ela do lado de dentro e ele do lado de fora, mais uma referência ao cinema como se fosse o encontro entre o filme e o cinéfilo. Um complementado o outro. E a janela, mais uma técnica do cinema.

Fotograma 7 – Plano Próximo



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

Fotograma 8 – Plano detalhe – *Close up*



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

No plano anterior, as emoções do personagem são visíveis num hemisfério da face, há um trabalho com a luz na construção do sentimento do personagem.

Pedimos aos alunos que olhassem com muita atenção a imagem seguinte e respondessem o que eles percebiam nesta imagem:

Fotograma 9 – Plano Próximo



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfwY>>.

Com o fotograma impresso não é possível perceber, mas quando se pausa o próprio filme, como foi feito, percebem-se vários códigos que ficam muitas vezes ocultos quando a imagem está em movimento. Os alunos responderam que eram as orelhas do Mickey Mouse, o famoso rato da Disney. Nessa imagem, mais uma marca da história do cinema. Em 1940, Walt Disney se firmaria no cinema com o desenho animado. Perguntamos o que significava essa imagem? Qual o sentido? Pois, nesse momento, Antônio se encontrava num hospício. Surgiu a ideia, em alguns comentários, de que Antônio não estava bem, estava acuado como se fosse um rato. Questionados se o que eles viam como orelhas do Mickey eram orelhas mesmo, visto que já haviam assistido ao filme, não conseguiram responder. Mostrei-lhes, então, o fotograma seguinte:

Fotograma 10 – Plano médio



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

O que formava as orelhas do Mickey eram retratos antigos. Os alunos ficaram impressionados como o enquadramento da imagem pode criar outros sentidos em determinadas situações. As cadeiras brancas com os lugares vazios esperavam outras pessoas que foram internadas posteriormente.

Chegando quase ao final:

Fotograma 11 – Plano Geral



Fonte: *A Máquina*, 2006. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nsVji6CwfWY>>.

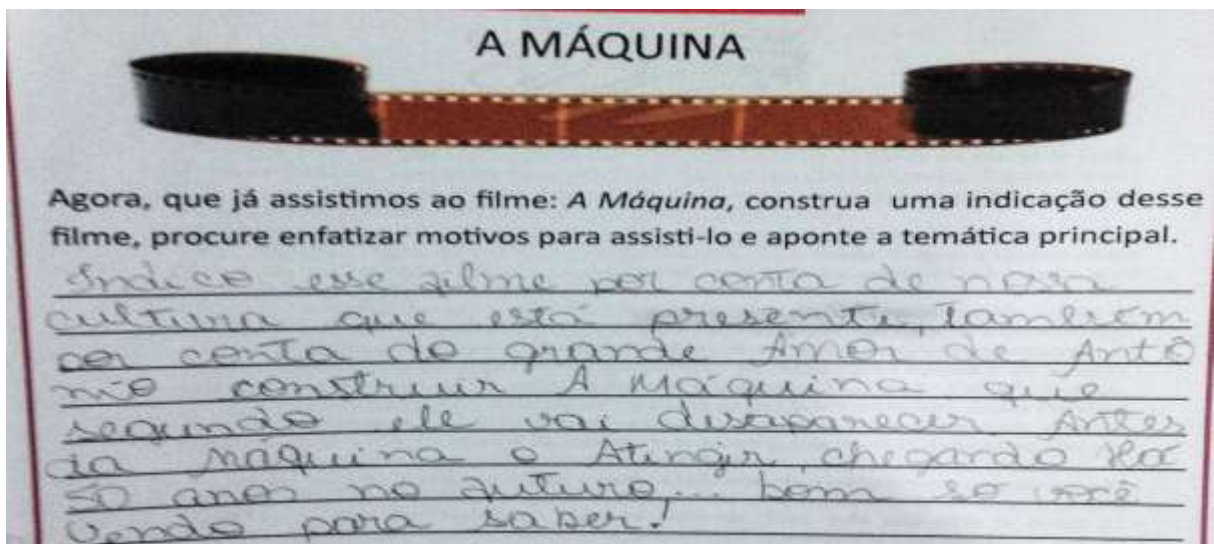
Nesse plano geral, o entardecer representa o final da vida, momento no qual Antônio encontra uma segunda chance de reconstruir toda a sua vida. Encontra-se consigo mesmo, ouve os conselhos da experiência e volta ao passado, construindo uma vida diferente para ele

e para Nordeste. Nesse momento, os alunos ficaram interessados pelo fato de Antônio ser o senhor do tempo. Cada aluno também é senhor do seu tempo, para fazer as escolhas de cada momento de sua vida. Foi um momento no qual eles perceberam a importância do tempo nas coisas que fazemos, e, inclusive, um aluno falou que a professora ainda poderia fazer as próprias escolhas. Falamos sobre a montagem, que hoje é denominada edição, e duas alunas comentaram que não gostaram do filme. Uma afirmou que, pelo título, esperava mais, e a outra explicou que não gostou da forma como o filme falava sobre a Bíblia.

Então conversamos com as alunas e explicamos que a obra literária e fílmica são obras ficcionais. Há uma verossimilhança com a Bíblia, mas não se trata de uma reprodução do primeiro livro da Bíblia, e elas parecem ter compreendido o que foi explicado.

Após essa análise, uma folha xerografada foi entregue para que os alunos escrevessem a indicação desse filme. Seguem, adiante, algumas produções feitas.

Figura 15 – Indicação de filme¹²



Fonte: Texto produzido por A29

Ao término, as produções escritas foram recolhidas para que as analisássemos.

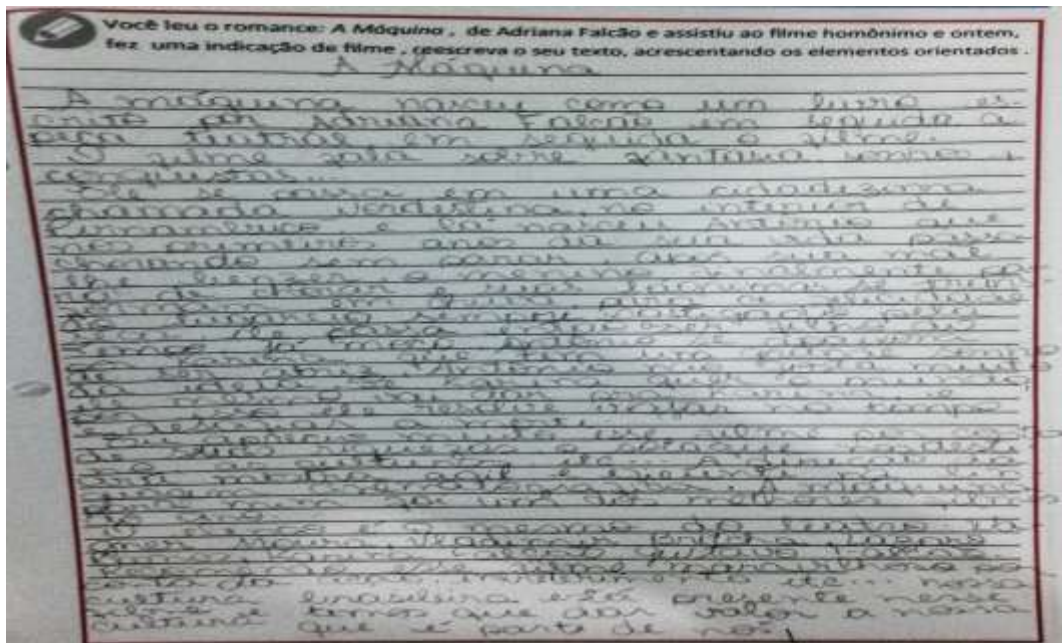
¹² Indico esse filme por conta da nossa cultura, que está presente, também por conta do grande amor de Antônio construir A Máquina que segundo ele vai desaparecer Antes da Máquina o atingir, chegando Há cinquenta anos no futuro... bom só você vindo para saber.

Percebemos a necessidade de retomar o assunto, para que eles percebessem que precisariam escolher enunciados mais estratégicos, a fim de motivar o interlocutor.

Na aula seguinte, o 9º Encontro, no dia 06/09/2016, houve a exibição de um vídeo sobre indicação de filme, com o objetivo de identificar as características do gênero discursivo: “Indicação de filme”, solicitando que os alunos reescrevessem a indicação do filme.

Após a exibição do vídeo, foi entregue uma crítica do filme *A Máquina* para que eles lessem, comparassem com o que haviam produzido anteriormente e acrescentassem novas ideias ao texto escrito anteriormente. Eles fizeram a leitura silenciosa da crítica, e, após isso, conversamos sobre quais enunciados positivos eles poderiam acrescentar. Alguns fizeram essa atividade em dupla, como no texto que se segue:

Figura 16 – Indicação de filme¹³



Fonte: Texto produzido por A29

Os alunos fizeram as produções textuais em pequenos grupos, e, com isso, notei que alguns tentaram copiar trechos da crítica do filme e de textos dos colegas, mas conversamos para que eles refletissem e expusessem as próprias ideias. Percebemos, no conjunto de leitura e estratégias utilizadas, que os alunos evoluíram na escrita dos enunciados, como no caso dos

¹³ A Máquina

A Máquina nasceu como um livro escrito por Adriana Falcão, em seguida a peça teatral, em seguida o filme.

O filme fala sobre fantasia, sonhos e conquistas.

Ele se passa em uma cidadezinha chamada Nordestina, no interior de Pernambuco e lá nasceu Antônio que nos primeiros anos da sua vida passa chorando sem parar. Após sua mãe lhe benzer, o menino finalmente para de chorar e suas lágrimas se transformam em chuva para a felicidade do lugarejo, sempre castigado pela seca. Ele passa então a ser o filho do tempo. Já moço, Antônio se apaixona por Karina que tem um grande sonho de ser atriz. Antônio não gosta muito da ideia. Se Karina quer o mundo, ele mesmo vai dar para Karina, e por isso resolve viajar no tempo e desafiar a morte.

Eu aprecio muito esse filme por conta de suas riquezas, o sotaque nordestino, as culturas, etc. A direção de arte mostra-se ágil e eficiente na linguagem cinematográfica. A Máquina para mim foi um dos melhores filmes do ano.

O elenco é o mesmo do teatro. Vladimir Brichta, Lázaro Ramos, Karina Falcão, Gustavo Falcão. Recomendo esse filme maravilhoso por conta da ação, entretenimento, etc... Nossa cultura brasileira está presente nesse filme e temos que dar valor a nossa cultura que é parte de nós



textos da aluna anterior. O trabalho colaborativo é importante, os alunos avançaram. Há casos de alunos da turma que, neste ano, não haviam feito nenhuma atividade e, nesta sequência didática, responderam as atividades propostas.

No 10º encontro, no dia 12/09/2016, houve a apresentação aos alunos, no data show, do blog em que seriam postadas as indicações do filme *A Máquina*, e foi solicitado, mais uma vez, que retextualizassem os textos que apresentaram mais problemas.

No final, pedimos que digitassem os textos em casa e os enviassem para o endereço do e-mail informado, a fim de que os textos fossem postados no blog. O texto adiante foi um dos textos produzidos e enviados pelos alunos para ser publicado no blog:

Indicação de filme

A máquina (2006)

Filme nacional dirigido por João Falcão, o romance possui apenas 90 minutos de duração que passam despercebidos. No elenco, Paulo Autran, Gustavo Falcão, Euclides Pegado, Vladimir Brichta, Mariana Ximenes. O filme se passa em uma cidadezinha chamada Nordestina, em Pernambuco, que nem consta no mapa. Antônio de dona Nazaré, um jovem rapaz, que trabalha de consertar ventiladores, é apaixonado pela Karina da rua de baixo, uma bela jovem, que sonha em conhecer o mundo e ser atriz. Então, Antônio, resolve ir atrás do mundo para levá-lo até a jovem, para não perdê-la, e vai à televisão, desafiar o tempo, levando a mídia do mundo inteiro para Nordestina, para que todos o testemunhassem indo até o futuro e voltando. Ele vai ao futuro e volta, mas ninguém percebe, a não ser o próprio Antônio. 50 anos se passaram e Antônio encontra consigo mesmo, e quando ele volta ao passado ele consegue provar que foi ao futuro e consegue ter o amor de Karina.

Fonte: Texto produzido por A 33.

Alguns alunos apresentaram dificuldades nessa solicitação de envio, em virtude de não terem e-mail. Pedimos que enviassem pelo Facebook. Poucos enviaram as produções digitadas que foram postadas no blog. Mesmo assim, solicitamos que continuassem enviando as indicações do filme *A Máquina*. A imagem seguinte do blog em que foram postadas algumas indicações ainda está em construção. Posteriormente, teremos lá indicações de outros filmes brasileiros e outras informações.

Figura 17 – O Blog: Indicação de Filme Brasileiro.



Fonte: Indicação de filme brasileiro. Disponível em:

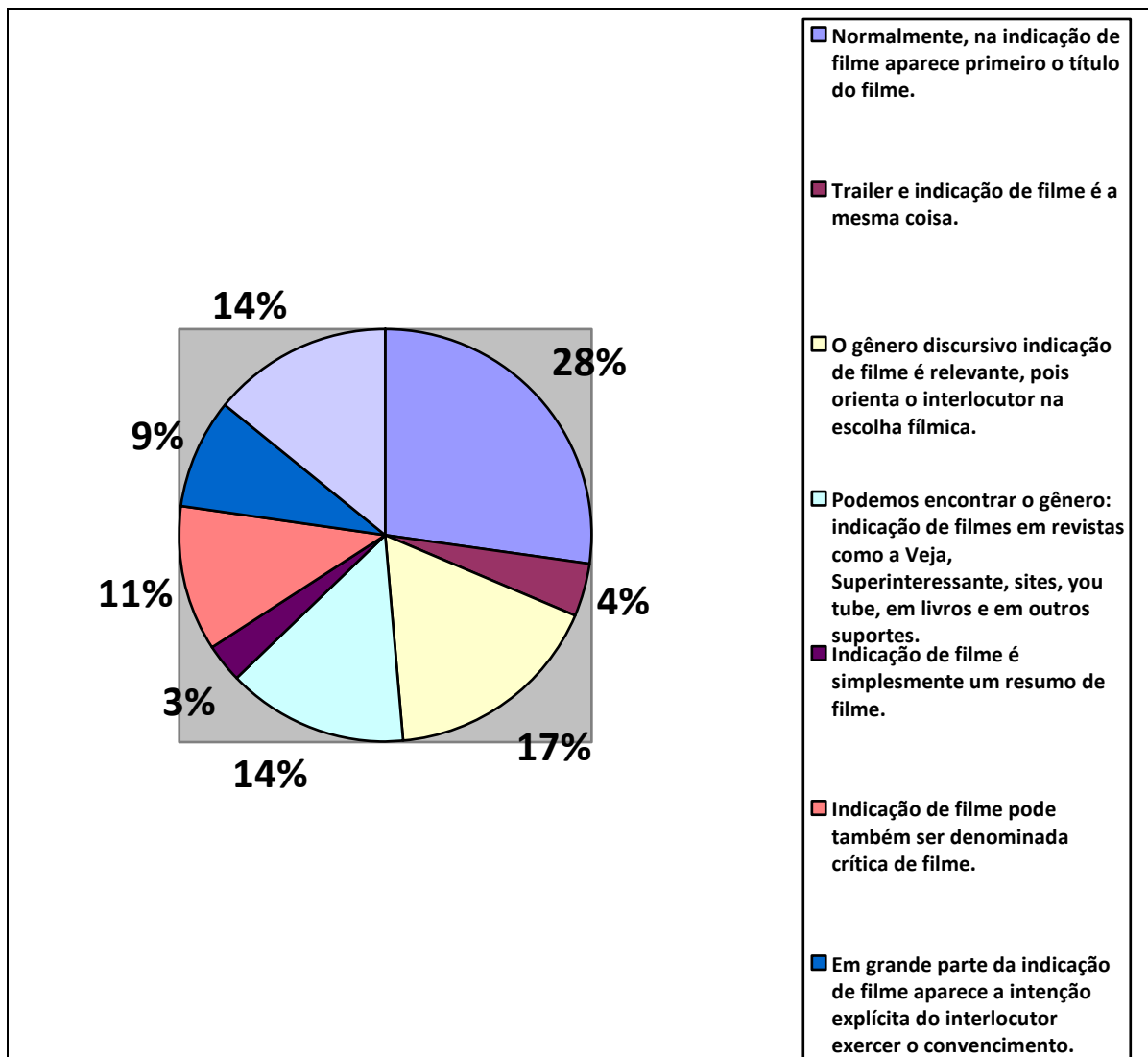
<<https://indicacaodefimenacional.wordpress.com>>.

4.3.5 Análise dos gráficos referentes ao caderno de atividades

Durante a execução da sequência didática, aplicamos duas atividades do caderno de atividades desenvolvido na disciplina “Produção de Material Didático”, ministrada pelo Professor Patrício Nunes Barreiros, as quais estão em consonância com o estudo do gênero “Indicação de filme”, e obtivemos boa aceitação por parte dos alunos e bons resultados.

Adiante, apresentamos os gráficos, expressando os índices de compreensão sobre as atividades que foram desenvolvidas. Como se verificou na atividade 1 sobre a identificação do gênero “Indicação de filme”, a maioria dos alunos demonstrou saber que o título é importante na indicação do filme, pois atrai a atenção do leitor. Apenas uma minoria achava que o gênero em estudo era um resumo de filme e outra parte dos alunos pensou que seria uma crítica. Houve certa dificuldade em encontrar as marcas de identidade deste gênero em estudo inicialmente, mas uma boa parte sabia da importância do gênero na escolha de um filme. Quanto à estrutura da atividade, em termos de índices de acertos, foi uma atividade que apresentou baixo nível de dificuldade, pois a maioria conseguiu identificar as características principais.

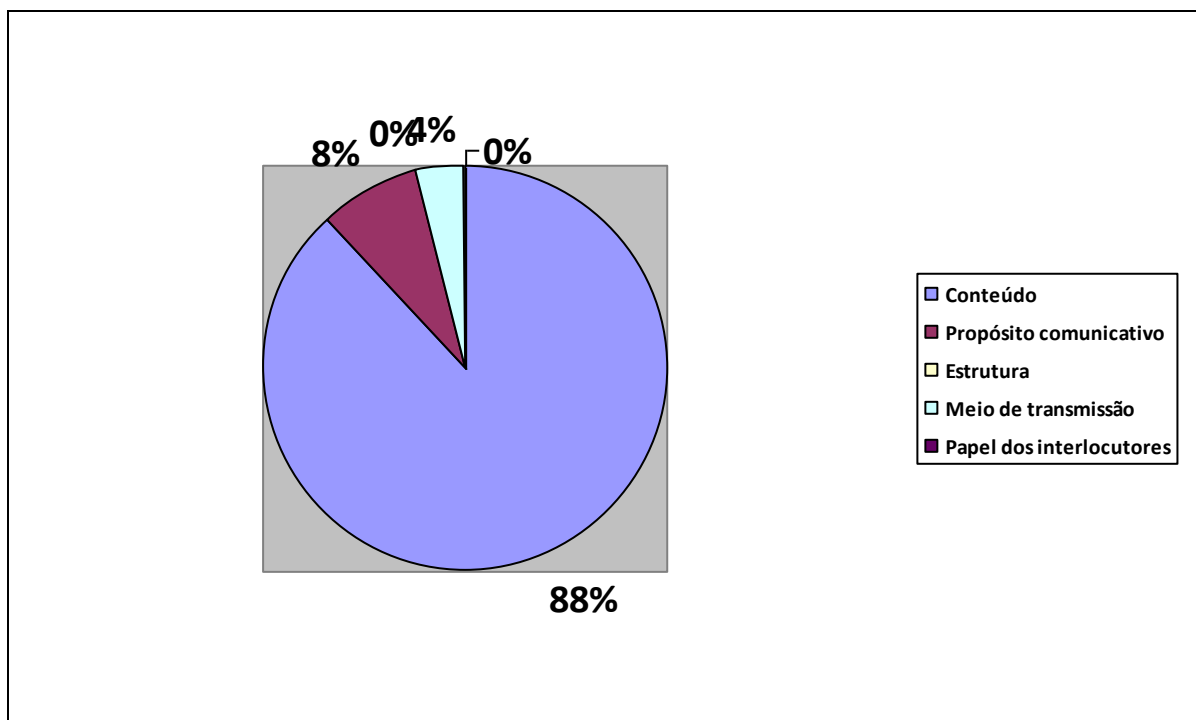
Gráfico 5 – Atividade 1: identificação do gênero indicação de filme



Fonte: Elaboração própria

Na questão que versava sobre o nome do gênero, percebemos, conforme o gráfico seguinte, que o título do texto aponta o conteúdo principal que mobilizará o interlocutor a ter uma atitude responsiva diante do que é apresentado na indicação de filme. Os alunos perceberam que o que justifica, principalmente o título, neste caso da indicação de filme é o conteúdo do texto.

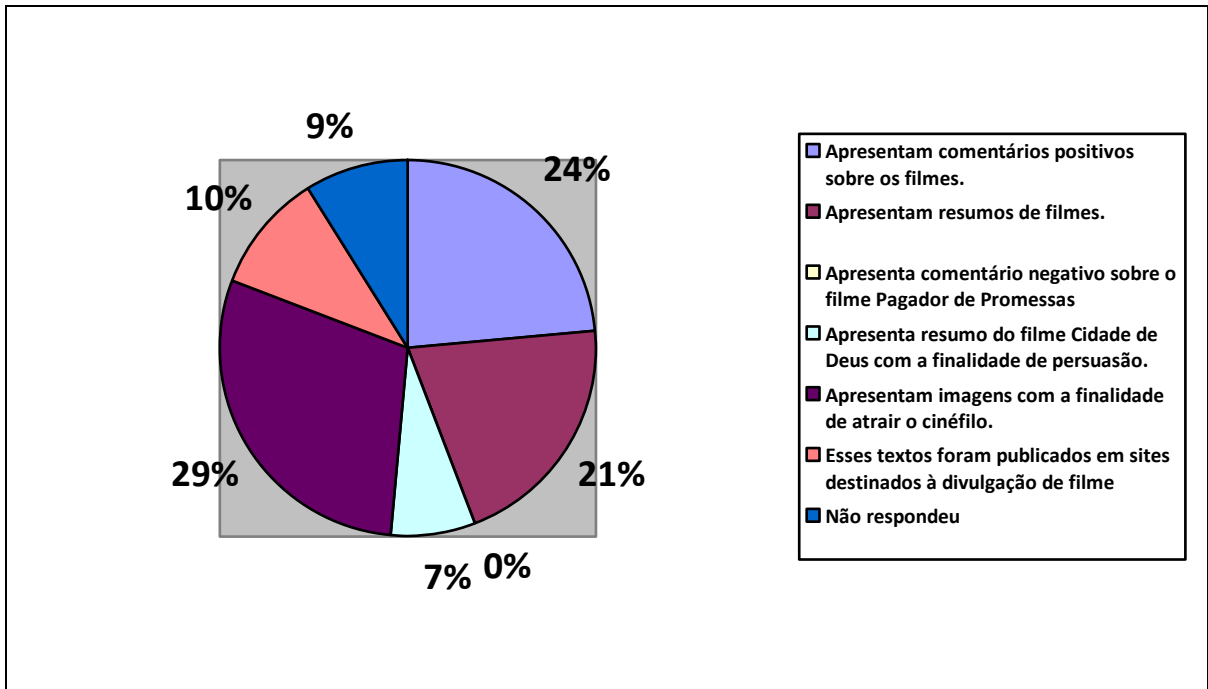
Gráfico 6 – O que justifica o nome do gênero textual



Fonte: Elaboração própria

Na atividade 2, do caderno de atividades, quando foram colocados para fazer a leitura de indicações de filmes, a fim de identificarem as características, houve um avanço. A maioria já identificava as características principais do gênero, outra parte identificava o suporte de publicação dos textos.

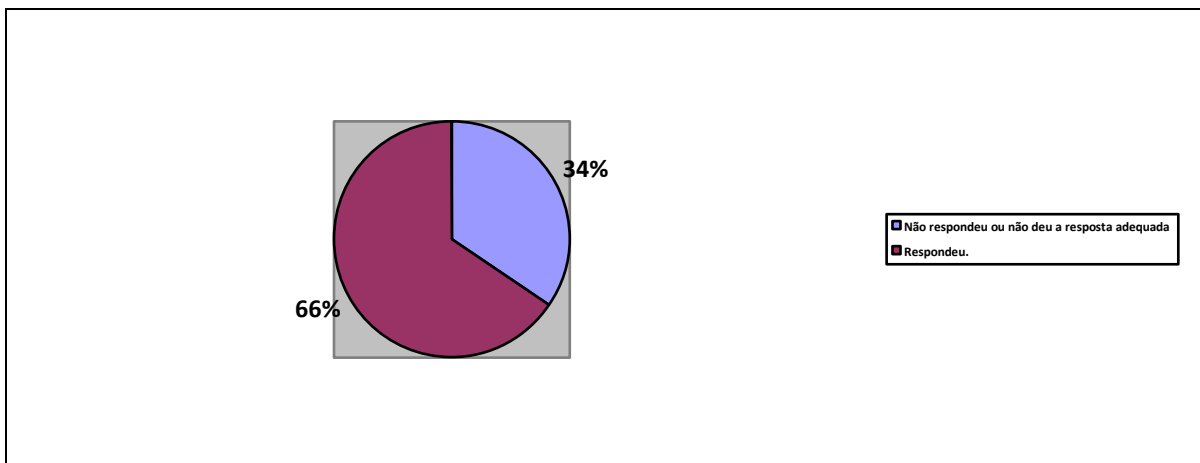
Gráfico 7 – Identificando as características do gênero



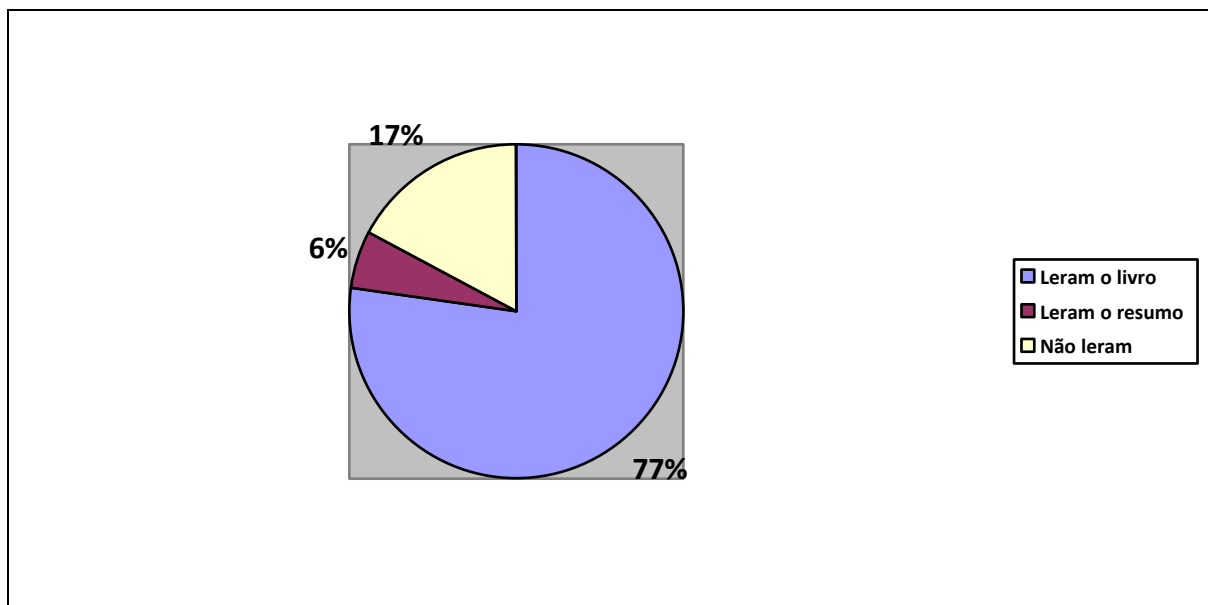
Fonte: Elaboração própria

No gráfico seguinte, observamos que a maioria dos alunos conseguiu identificar o momento no texto em que o autor se dirige diretamente ao interlocutor para realizar o convencimento.

Gráfico 8 – Algumas sequências linguísticas nas quais o autor se dirige ao leitor nas indicações de filme:



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 9 – Leitura do romance *A Máquina*

Fonte: Elaboração própria

Nesse último gráfico, o qual contempla também uma atividade prevista no caderno de atividades, temos os índices de leitura da turma. A maioria leu o romance *A Máquina*. Isso foi muito positivo, pois, na primeira unidade, quando houve a proposta da leitura de um romance mais denso, somente dois alunos realizaram a leitura sugerida. Sabemos que os recursos tecnológicos e os celulares ao alcance dos alunos a todo o momento favorecem a leitura, mas a escola precisa propiciar uma diversidade de gêneros discursivos, os quais contenham outros códigos. A leitura literária é imprescindível, porque aguça a imaginação e toca na parte mais sensível do ser humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fizemos, neste trabalho, um percurso sobre pontos que possuem relações com o gênero discursivo “Indicação de filme”, pois ele se constitui através da leitura de outros gêneros discursivos. Na indicação de filme, não se trata apenas de apresentar os modelos com algumas diferenças para produzi-lo. O aluno precisa compreender a situação social e perceber as intenções e os usos das diferentes linguagens que compõem o processo comunicativo.

Na turma, do 9º A, no primeiro momento da pesquisa, constatamos que a escola ainda não consegue exercer influência sobre a maioria dos alunos na questão da leitura. Mesmo assim, os alunos estão lendo e o suporte principal de leitura é o celular. Logo, os níveis de leitura e escrita estão aquém dos desejados. Diante disso, percebe-se que todo tipo de leitura é importante, a depender das funções e objetivos de cada leitura, entretanto é preciso haver a interferência maior da escola quanto ao incentivo de outras leituras literárias e fílmicas para o avanço em outros níveis da linguagem.

Ao aplicarmos a sequência didática, houve um maior envolvimento dos alunos com a leitura literária e fílmica. A maioria dos alunos conseguiu ler o livro todo, possivelmente pela leveza e riqueza da trama, pois, na 1ª unidade, na leitura de um romance mais denso, apenas uma minoria havia feito a leitura.

A intenção inicial era que os alunos gravassem vídeos, indicando filmes brasileiros, mas isso não aconteceu. Por estarem constantemente com os celulares, pensamos que eles fariam os vídeos sobre indicação de filme, mas os alunos ficaram intimidados. Os termos de assentimento que pais e alunos assinaram parecem ter causado certo bloqueio, mesmo com todos os esclarecimentos dados. Apesar de terem tentado, os alunos foram muito críticos e não aprovaram o resultado. Logo, o celular na mão do aluno nem sempre é garantia de trabalho pedagógico.

Quando abordamos o cinema brasileiro, percebemos depreciação e desconhecimento por parte de alguns alunos, o que possui raízes históricas, pois o cinema brasileiro possui uma história de desafios individuais desde a sua origem, e, paralelamente a isso, teve finalidades didáticas desde o século passado, com construções fílmicas voltadas aos interesses educacionais, seguindo os modelos de construção de um cidadão ideal dentro da nação

brasileira. Com a Lei nº 13006, agregada à LDB 9394/96, voltam à pauta várias questões educacionais sobre o cinema brasileiro e a educação no tocante às finalidades educativas contemporâneas.

No caso do cinema brasileiro, há muito a se tentar compreender sobre a nossa cultura. As imagens do nosso cinema possuem a força desses registros em diferentes épocas. A depender do foco de estudo, esses registros podem ajudar na compreensão da nossa realidade, no entanto é preciso ter consciência da construção do processo ficcional fílmico para não entendê-lo como representação real da vida histórica e cultural.

No momento em que os alunos foram convidados a compreender os significados possíveis das obras literária e fílmica, aconteceu um envolvimento satisfatório, assim como quando estavam produzindo as indicações de filmes escritas.

No caso do gênero discursivo em estudo, indicar e sugerir são ações que acontecem nas práticas sociais. A produção discursiva transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional. Os nossos alunos precisam sair dessa metodologia de repetição de modelos sem reflexão. Quem indica algum objeto de conhecimento – um livro, um filme – precisa conhecê-lo. Portanto, a intenção de se trabalhar com o gênero discursivo “Indicação de filme” foi uma forma de não apenas trabalhar o modelo textual, mas de integrar outros componentes que favoreçam outros aspectos comunicacionais.

Compreendemos que todo o caminho da leitura trilhado na sequência didática está repleto de aprendizagens, e isso pode não aparecer totalmente na escritura da figura textual, mas faz parte das experiências de cada discente, as quais serão evidenciadas em outros momentos, visto que o tempo de execução da sequência didática foi condensado para atender aos prazos da academia.

Tentar buscar os motivos de quem indica, quer seja um livro, quer seja um filme, ou outro objeto de conhecimento, é algo subjetivo, mas indicar um filme da produção do nosso país torna-se importante principalmente por tentar ouvir a voz contemporânea dos nossos alunos sobre o cinema brasileiro. Inicialmente, ficou plausível que a nossa cultura cinematográfica não se encontra em evidência na vida deles.

Nosso objetivo inicial de utilizar o gênero discursivo para potencializar a leitura e a escrita encontrou uma boa receptividade por parte dos alunos envolvidos, demonstrando que partir de uma referência que faz parte da vida do aluno, como a indicação de filme, pode envolvê-los no processo de aprendizagem proposto.

No caso dos professores que responderam aos questionários, a receptividade em relação aos filmes demonstra que o estudo pode se ampliar e trazer boas práticas no ensino e aprendizagem, mas que é preciso avançar nas estratégias pedagógicas para envolver os alunos.

A Lei nº 13006 indica a obrigatoriedade do complemento curricular “Filme nacional” na Educação Básica, porém, dada a complexidade da questão, é preciso estudo e planejamento para que seja regulamentada da forma adequada nas instituições escolares; entretanto esse trabalho com o gênero discursivo “Indicação de filme” foi uma etapa que possibilitou um diálogo com os nossos discentes sobre um filme brasileiro, *A Máquina*. Houve quem, de imediato, questionasse a exibição desse filme, sugerindo outro, como *Cidade de Deus*, que seria bem mais interessante, e ainda quem tentasse colocar trailer de um filme americano, mas esse momento da sequência didática foi guardado para compreender um pouco sobre o nosso cinema.

Quando se indica o filme, qual a característica que se faz mais presente? O elenco, a trilha sonora, a montagem, a luz, os planos, os temas? Pelo que percebemos, a trama é quem enreda, e, no caso, a mais perceptível foi sobre o amor, que ficou bastante marcada nas produções textuais dos alunos, bem como a oportunidade e esperança de se construir a vida de uma forma mais feliz. Dessa forma, parece que o que enreda o ser humano é o ato de contar histórias, antes mesmo de se inventar a máquina de contar histórias, pois quando os alunos produziram o gênero “Indicação de filme”, os enunciados narrativos foram bem marcados como principal argumento de convencimento, enquanto as sequências injuntivas quase não apareceram.

Finalizamos, assim, não apresentando uma receita pronta, mas trazendo uma sugestão de trabalho que pode ser adaptada à realidade da comunidade escolar, da turma de alunos, e do professor que poderá começar a desenvolver um trabalho com o componente curricular “Filme brasileiro”, sabendo que há inúmeras possibilidades de viabilizar a exibição dos filmes brasileiros na escola, formando cineclubes, produções de filmes, paródia de filmes, estudo de gêneros discursivos do domínio fílmico, dentre inúmeras outras possibilidades.

Por fim, tentando responder ao questionamento inicial do projeto, parece ser possível potencializar mais a leitura e a escrita através do gênero discursivo “Indicação de filme”, visto que houve avanços nesta etapa do trabalho, dada as possibilidades e os avanços apresentados pelos alunos envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. *Fragmentos Filosóficos*, 1947. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Dial%C3%A9tica-do-Esclarecimento-Adorno.pdf>>. Acesso em: 31 out. 15.

A MÁQUINA. Direção: João Falcão, Produção: Diler Trindade. Rio de Janeiro (BR): Globo Filmes, 2006. Disponível em: <<http://www.cineclick.com.br/a-maquina>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

A PROBLEMÁTICA do cinema infanto-juvenil brasileiro. *Revista Cinema*, 20 ago. 2014. Disponível em: <<http://revistadecinema.uol.com.br/2014/08/a-problematica-do-cinema-infanto-juvenil-brasileiro/>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *A análise do filme*. 3. ed. Texto de Grafia: Lisboa, 2013.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Formas de tempo e de cronotopo no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988. p. 211-362.

BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. *Gêneros do Discurso na Escola: rediscutindo princípios e práticas*. São Paulo: FTD, 2012.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Parma, 2005.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é Cinema*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BORGES, Danielle dos Santos. *A retomada do cinema brasileiro: Uma análise da indústria cinematográfica nacional de 1995 a 2005*. 2007. 170 f. [Tese] (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona, 2007. Disponível em: <http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2014/12/a_retomada_do_cinema_brasileiro.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. *Lei 9.394/96*, de 20 de novembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em 20 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2015.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: Educ, 1999.

CALHADO, Cyntia; FINK, Camila. Os anos 90 e o modelo de incentivo cultural pós-Embrafilme. *Caleidoscópio*, nov. 2008. Disponível em: <http://www.cinecaideoscopio.com.br/anos_90_modelo_de_incentivo_cultural.html#artigo_content>. Acesso em: 21 out. 2016.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, Mário Alves. *Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard*. Belo Horizonte: Crisálida, 2010.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

ENTENDA cancelamento da estreia de 'A entrevista', após ataque hacker. *GI*, 19 dez. 2014. Disponível em: <<http://glo.bo/13GG63v>>. Acesso em: 16 mar. 2015.

FALCÃO, Adriana. *A máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

FIELD, Syd. *O Manual do Roteiro*. 14. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1982.

FRANCO, Marília da Silva. O trabalho com a linguagem audiovisual na sala de aula. *Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP)*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/71.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

FREQUENT, Adriana. *Cinema e educação: a lei 13.006*. Rio de Janeiro: Produção Universo, 2015. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/portal/livros/Cinema%20e%20eduCa%C3%A7%C3%A3o%20a%20lei%2013.006.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.

GOLEMAN, Daniel. *Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LEITE, Sidney Ferreira. *Cinema brasileiro: das origens à retomada*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

LOUSADA, Eliane Gouvêa. A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para análise de textos. In: SILVA, Cleide Lúcia da Cunha Rizério e; PIRIS, Eduardo Lopes; CARLOS, Josely Teixeira. *Abordagens metodológicas em estudos discursivos*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 5-20. Disponível em: <<http://eped.fflch.usp.br/sites/eped.fflch.usp.br/files/Livro%20II%20EPED.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

MACHADO, Anna Rachel. Uma experiência de assessoria docente e de elaboração de material didático para o ensino de produção de textos na universidade. In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Org.). *Linguagem e Educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 93-121.

MACHADO, Anna Raquel; LOUSADA, Eliane Gouvêa; TARDELLI, Lília Santos Abreu; *Resenha*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MARCUSHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NOVAES, Claudio Cledson; REIS, Mírian Sumica Carneiro. Pedagogia do olhar: a potência comparativa no diálogo cinema, literatura e cultura audiovisual. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Campina Grande, PB, n. 22, p. 67-87, 2013. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415579570.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2015.

PIRES, Eloiza Gurgel. Cinema e Educação: o deslocamento poético do olhar na construção do conhecimento, *RUA – Revista do Universitário Audiovisual*, São Carlos, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/cinema-e-educacao-o-deslocamento-poetico-do-olhar-na-construcao-do-conhecimento/#comments>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

O MANIFESTO dos pioneiros da Educação Nova (1932). *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, p.188-204, ago. 2006 [n. especial]. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em 30 nov. 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SIRINO, Salete Paulina Machado. *Cinema Brasileiro: o Cinema Nacional produzido a partir da Literatura Brasileira e uma reflexão sobre suas possibilidades educativas*. 2004. 179 f.

[Dissertação] (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2004. Disponível em: <http://www.pitangui.uepg.br/propesp/ppge/dissertacoes/salete_sirino.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2015.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, O que é letramento. *Diário do grande ABC*, Santo André, 29 ago. 2003. Disponível em: <<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico, a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIOS:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
 Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900
 Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletrasuefs.wordpress.com

O gênero discursivo: “indicação de filme” e sua interatividade com o leitor.

Percepção do docente

- 1- Os gêneros discursivos devem ser trabalhados em sala de aula?
 Sim
 Não.
 Às vezes.
- 2- Em sua compreensão gênero discursivo e gênero textual são equivalentes?
 Sim.
 Não.
 O gênero textual possui modelos de acordo com as esferas sociais e o gênero discursivo está voltado mais para a língua viva.
 não sei.
 outros _____
- 3- Quais os gêneros discursivos são trabalhados em suas aulas de Língua Portuguesa?
 carta notícia resenha crítica requerimento ofício
 poema
 outros conteúdos _____

- 4- Em suas aulas ocorre o desenvolvimento das competências leitoras do aluno, incentivando a leitura através das seguintes atitudes:
- a) desenvolvendo projetos de leitura.
 - b) levando os alunos à biblioteca da escola.
 - c) indicando livros atrativos aos alunos
 - d) outros _____
- 5- Em sua opinião, o que deve ser feito para que os alunos progredam em níveis de leitura mais complexos?
- Trabalhar a leitura de forma gradativa.
 - Respeitar o estágio de leitura no qual o aluno se encontra.
 - Utilizar estratégias adequadas para o aluno ampliar o potencial de leitura.
 - Dar autonomia ao aluno para ler.
- 6- A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, agora é lei. Sobre isso, deduz-se que:
- a) É mais uma lei que não vai ser cumprida.
 - b) O cinema já vem sendo usado nas escolas.
 - c) É preciso refletir sobre as diversas possibilidades de usar o cinema na escola.
 - d) Esse recorte, cinema nacional, tira um pouco a liberdade, visto que estamos vivendo um processo de globalização e temos o direito à fruição de obras fílmicas de outros países.
 - e) Outros: _____
- 7- O filme nacional é um componente curricular favorecedor do processo educacional? Por quê?
- Sim, porque possibilita múltiplas leituras.
 - Não, porque não trabalha com os conteúdos que a escola precisa ministrar.
- 8- O cinema pode promover as competências comunicativas na aula de Língua Portuguesa? De que forma?
- Sim, através das leituras diversas dos fotogramas, sequências fílmicas, enquadramento, montagem, roteiro, tema e tantos outros que encaminham para um olhar crítico sobre o mundo.
-

Não, pois você será apenas o espectador de uma obra de arte fílmica que foi feita para fruição.

10-Como você insere uma obra fílmica em sua aula?

Uso para preencher o tempo da aula.

Uso se houver um intertexto com o assunto que estou trabalhando.

Uso diversos filmes apropriados para determinados temas trabalhados em sala de aula, exibindo o filme inteiro ou apenas um trecho que interessa no contexto.

Uso o filme para trabalhar gêneros discursivos.

9- Se fosse indicar um filme nacional para ser exibido na escola, qual indicaria? Por quê?

Nenhum, pois todos tem xingamento e pornografias.

Filmes inspirados em literatura brasileira, pois dialogam com a obra literária.

Filmes sem apelos sexuais ou xingamentos, mas que valorizasse a nossa cultura.

10- O multiletramento pode desenvolver um pensamento complexo?

Sim Não Não sei o que é multiletramento.

11-De que forma ou de quais formas o cinema pode ser utilizado na escola?(Resposta escrita ou vídeo no celular que será enviado para o meu whatsapp: 988560852)

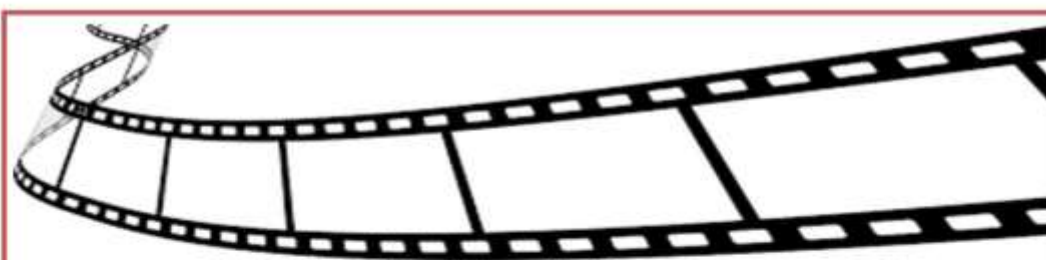
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900.
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: profletras@uefs.br
www.profletrasuefs.wordpress.com

O gênero discursivo “indicação de filme” e sua interatividade com o leitor.

Percepção do discente

- 1- No seu dia a dia, em quais suportes você costuma ler?
 - a) celular b) computador livros impressos
 - outros _____
- 2- Quem o incentiva a ler?
 - a) família
 - b) professor(a)
 - c) amigos
 - d) ninguém incentiva.
- 3- Em sua opinião, o que é necessário para que um aluno amplie a sua bagagem cultural?
 - Projetos de leitura na escola.
 - Aulas de gramática da língua padrão.
 - Projetos de leitura, aulas bem planejadas que levem em consideração o nível de leitura no qual o aluno se encontra.
 - Autonomia para decidir o que irá ler.
 - Exibição de filmes
 - Outros _____
- 4- Os gêneros textuais que mais lhe interessam são:
 - a) romance
 - b) conto
 - c) fábulas
 - d) Indicação de filme
 - e) outros _____

- 5- O que dificulta a leitura, em sua opinião?
- O vocabulário do texto.
 - Obras literárias desinteressantes.
 - Falta de políticas públicas e projetos na escola direcionados à leitura.
 - Falta de metodologia nas aulas de leitura.
- 6- O sentido da palavra leitura não se aplica apenas a textos impressos. Então, vamos refletir um pouco sobre a leitura fílmica, quando se assiste a um filme é possível realizar uma leitura?
- sim não
- 7- Os seus professores costumam usar filmes nas aulas? De que forma?
- Sim, para pedir o resumo do filme.
 - Para produzir um debate e produção de texto.
 - Para diversão durante a aula, sem nenhuma ligação com o conteúdo.
 - Para analisar a representação da cultura no olhar cinematográfico e desmitificar os enganos.
- 8- A exibição de um filme pode ajudar na aprendizagem do aluno?
- a) sim, há sempre um tema relacionado com a vida que produz reflexões.
 - b) não, filme é para ser exibido em outro espaço adequado e não na escola.
 - c) talvez, se o professor fizer um diálogo adequado da obra fílmica e uma proposta adequada de estudo.
 - d) outros _____
- 9- Há algum filme nacional que trouxe algum conhecimento para você? Qual o título do filme?
- Sim, _____
 - Não, nenhum filme nacional traz conhecimentos.
 - Não me lembro.
- 10- O cinema nacional pode promover a aprendizagem na aula de Língua Portuguesa? Como? Que filme você indicaria? (Gravar um vídeo no celular)



O CINEMA NACIONAL NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA
O gênero discursivo “indicação de filmes” e sua interatividade com o leitor



CADERNO DE ATIVIDADES

NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

Feira de Santana
2016

AGRADECIMENTOS

A Deus!

Amor maior que a tudo conduz com sábia direção.

Ao colega e às colegas generosas que souberam partilhar em momentos cruciais.

Aos professores da UEFS que primam pela excelência.

Aos meus filhos e meus familiares de Feira de Santana que me acolheram com carinho.



NAIJANE APARECIDA DOS SANTOS

Caderno de atividades da sequência didática do projeto: **O Cinema na aula de Língua Portuguesa O Gênero Discursivo “indicação de filmes” e sua interatividade com o leitor**, apresentado ao Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros para fins avaliativos na disciplina: Produção de Material Didático, do Programa de Pós-Graduação – Profletras da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Feira de Santana

2016



Apresentação

A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular integrado à proposta pedagógica das escolas brasileiras. Em junho de 2014, foi criada a lei nº 13.006, através de um projeto proposto pelo senador Cristovam Buarque que torna obrigatória a exibição de filmes brasileiros, por no mínimo duas horas mensais.

A indústria cinematográfica americana durante muito tempo abrange um vasto espaço de exibição de filmes. Percebe-se que, as escolas brasileiras já fazem há um bom tempo a aplicabilidade de filmes como ferramenta pedagógica, observa-se, no entanto, que a produção hollywoodiana garante primazia nessas propostas e as produções nacionais ficam muitas vezes descartadas pela pouca valorização da nossa cultura nacional.

Neste sentido, este caderno de atividades traz uma proposta pedagógica de sequência didática, atendendo a solicitação do Professor Dr. Patrício Barreiros, ministrante da disciplina Produção de Material Didático, Profletras, numa perspectiva engajada com a valorização do cinema nacional, levando-se em consideração a classificação etária e o que pode ser adequado a integrar a proposta pedagógica de uma escola no tocante ao componente curricular de Língua Portuguesa em sala de aula.

Quando se pensa no gênero discursivo: filme, são várias as possibilidades de inserção a serem refletidas e viabilizadas nas escolas, mas neste estudo, orientado pelo Professor Dr. Claudio Cledson Novaes, cujo título é “O Cinema Nacional na aula de Língua Portuguesa e o gênero discursivo “indicação de filme” em interação com o leitor”, pensou-se primeiro na disseminação e valorização do cinema nacional, desfazendo ideias preconcebidas por muitos que não valorizam o nosso cinema nacional e no espaço escolar onde se pode aprofundar conhecimentos sobre essa arte, “A sétima arte” classificação dada por Ricciotto Canudo, crítico francês, em 1911 e publicado em um artigo com o título *‘La Naissance d’un sixième art. Essai sur Le cinématographe’*, no qual coloca, de fato, o cinema como uma arte, a sétima, a arte total, pois reúne linguagem, expressão, poesia, dimensão plástica, pintura, arquitetura, escultura, ritmo, música e movimento.

Desta forma, neste caderno de atividades, o gênero discursivo em estudo será indicação de filmes, escolhido entre várias outras possibilidades, porque possibilita uma interação entre os sujeitos sociais, a fim de que haja apreciação do que há de melhor na produção fílmica brasileira e nessa intenção venha junto o desenvolvimento de outras possibilidades cognitivas de leitura de imagens, imagens em movimento, oralidade, escrita, utilização adequada das ferramentas tecnológicas que estão ao nosso dispor e que precisam ser utilizadas com conhecimento e ética.



brasileiro

9º ANO

1

APRESENTAÇÃO DO GÊNERO

INDICAÇÃO DE FILME

Refletir, comparar e analisar.



LEIA

Em 1898, Afonso Segretto, imigrante italiano, filmou cenas do porto do Rio de Janeiro e tornou-se o nosso primeiro cineasta.

<http://dc.itamaraty.gov.br/cinema-e-tv/historia-do-cinema>



ASSISTA

https://www.youtube.com/watch?v=l7x8oi_1GBo



ATIVIDADE

1- Após a leitura da imagem, do texto anterior, exibição do trailer do filme e conversa com os colegas, assinale as opções que ajudam na identificação do gênero indicação de filme.

O Menino e o mundo

A premiadíssima animação de Alê Abreu traz elementos estéticos muito diferentes do que as crianças e jovens estão acostumados. Trata-se de um trabalho quase artesanal e por isso pode até causar certo estranhamento, porém é também uma experiência muito inspiradora quer seja pela música e trilha sonora (porque os sons do filme são fundamentais), quer seja pela visualidade. Como poucas obras, é um filme importante para todas as idades, pois há muitas camadas de leituras possíveis. Para crianças pequenas, pode ser uma experiência estética inédita. À medida que aumenta a idade do espectador, mais elementos da densidade dramática podem ser compreendidos. Fundamental para educadores (pais e professores), pois trata com sensibilidade como uma criança vê e sente o mundo dos adultos.

<http://educacaointegral.org.br/noticias/15-filmes-nacionais-para-ver-cada-momento-desenvolvimento-criancas-jovens/>

- A) Normalmente, na indicação de filme aparece primeiro o título do filme.
- B) Trailer e indicação de filme é a mesma coisa.
- C) O gênero discursivo indicação de filme é relevante, pois orienta o interlocutor na escolha filmica.
- D) Podemos encontrar o gênero: indicação de filmes em revistas como a Veja, Superinteressante, sites, you tube, em livros e em outros suportes.
- E) Indicação de filme é simplesmente um resumo de filme.
- F) Indicação de filme pode também ser denominada crítica de filme.
- G) Em grande parte da indicação de filme aparece a intenção explícita do interlocutor exercer o convencimento.
- H) Já que a intenção explícita é o convencimento, o interlocutor busca ressaltar os elementos positivos do filme.
- I) Sinopse, resumo e indicação são gêneros textuais com a mesma finalidade.
- J) A leitura de indicação de filme facilita a vida do cinéfilo, pois ele terá conhecimento de aspectos positivos do filme antes de assisti-lo.
- K) A indicação de filme pode apresentar resumo do filme, opinião, temas relevantes imagem ou trailer.

2- O nome do gênero textual: Indicação de filme pode ser justificado plausivelmente pelo(a):

- A) Conteúdo
- B) Propósito comunicativo
- C) Estrutura
- D) Meio de transmissão
- E) Papel dos interlocutores



3- Agora que você já sabe um pouco sobre as características do gênero indicação de filme, se fosse resumí-las para efeito de reconhecimento, o que você colocaria como características principais para reconhecê-lo em diversos suportes:

9º ANO

2

Indicação de Filme

Identificando as características do gênero discursivo indicação de filme

Indicação de Filmes

Olá, pessoal!

Sei que gosto é como sovaco: cada um tem o seu. Mas muitos filmes aos quais assisti são muito bons em suas produções, qualidade e, principalmente, mensagem. Todos esses que relaciono abaixo muito me emocionaram, e gostaria de compartilhar com vocês. Infelizmente, como digo sempre nas aulas - que são muito curtíssimas, vale salientar -, não há tempo suficiente de mostrá-los. Mas deixo a dica pa-

Texto |

Pagador de Promessas, de Anselmo Duarte



O cinema brasileiro contemporâneo tem rendido muita porcaria (essas comédias esrachadas, que mais parecem telenovelas globais com uma hora e meia de duração, são vergonhosas), mas muita coisa boa também (“Lavoura Arcaica”, de Luiz Fernando Carvalho, “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, “O Som ao Redor”, de Kleber Mendonça Filho, e as duas partes de “Tropa de Elite”, de José Padilha, são ótimos exemplos de cinema nacional de qualidade). Apesar disso, faço gosto em citar “O Pagador de Promessas”, de 1962. Eis aí um filme mais lembrado pela premiação que levou (a Palma de Ouro em Cannes) que propriamente assistido. Na verdade, a película de Anselmo Duarte, que narra a jornada do Zé do Burro, o campônio que atravessa o sertão baiano a carregar a cruz redentora de sua promessa, é uma bonita representação da riqueza cultural brasileira, sem descuidar da crítica mordaz à burocracia eclesiástica que corrói a fé ao erguer muros discriminatórios e excludentes dos devotos.

<http://www.revistabula.com/1800-15-filmes-que-sao-diamantes-para-o-cerebro/>

Texto II

Cidade de Deus (Cidade de Deus - 2002)



Cidade de Deus marcou época e definiu um estilo na história do cinema brasileiro. Baseado no romance de Paulo Lins, o filme é uma saga urbana que acompanha o crescimento do conjunto habitacional de Cidade de Deus, entre o fim dos anos 60 e o começo dos anos 80, pelo olhar de dois jovens que moram na comunidade: Buscapé, que sonha se tornar fotógrafo, e Dadinho, que se torna um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro. Nos anos 70, Dadinho muda o nome para Zé Pequeno e passa a controlar o tráfico de drogas em Cidade de Deus. Nos anos 80, Zé Pequeno encontra um rival: Mané Galinha, que quer vingança pelo estupro de sua namorada e pela morte de seu irmão. Estoura a guerra na Cidade de Deus. Nesse meio tempo, Buscapé, que sempre sonhou ser fotógrafo, consegue sua primeira câmera profissional. Registrar esta guerra será a grande chance de sua vida. Elenco afiado e direção apurada fizeram de Cidade de Deus um dos filmes de maior sucesso do cinema nacional.

<http://cinema10.com.br/materias/os-melhores-filmes-baseados-em-fatos-reais>



ATIVIDADE

1- Assinale as opções que estão de acordo com os textos anteriores:

- A) Apresentam comentários positivos sobre os filmes.
- B) Apresentam resumos de filmes.
- C) Apresenta comentário negativo sobre o filme Pagador de Promessas
- D) Apresenta resumo do filme Cidade de Deus com a finalidade de persuasão.
- E) Apresentam imagens com a finalidade de atrair o cinéfilo.
- F) Esses textos foram publicados em sites destinados à divulgação de filmes.

Texto III

Para a primeira #quintacult do ano eu escolhi um filme que me deixou extremamente LOUCA para compartilhar e indicar, principalmente porque ele me fez refletir MUITO. E nada melhor do que uma história fictícia com um enredo bem surreal, mas que traz uma lição incrivelmente significativa para nossa vida: como lidarmos com o tempo e com o amor/carinho/respeito pelas pessoas ao nosso redor. Chega de filosofia da Klyo e vamos ao que interessa.

Quero que após você ler minha “dica”, saia correndo para assistir “About Time”, que é o título original do filme, mas que foi traduzido no Brasil como “Questão de Tempo”.

O filme aparenta ser uma comédia romântica, mas que para mim foge do romantismo e embarca num drama que te leva a pensar em muitas relações suas com as pessoas (e pensar em relações amorosas fica a cargo do espectador). O filme é do diretor Richard Curtis (o mesmo de “Um lugar chamado Notting Hill” e “Simplesmente amor”, dois filmes que eu adoro).

A história gira em torno do personagem britânico Tim Lake (Domhnall Gleeson), que recebe a revelação de um segredo do seu pai (Bill Nighy) ao completar 21 anos: todos os homens de sua família têm o poder de voltar no tempo e viver novamente algum momento específico do passado. E viver esse momento de uma forma completamente diferente de como ele foi vivido antes.

Por mais que no início o personagem encare a notícia com um pouco de deboche, isso faz com que o assunto “viagem no tempo” seja visto de forma mais simplista e não como algo extraordinário (como geralmente é mostrado nos filmes). E então quando Tim tenta voltar no tempo pela primeira vez e consegue, ele começa a acreditar na história do pai. Ainda assim o filme continua passando a ideia de que o poder de viajar no tempo só é uma característica normal da família Lake, e não uma anormalidade, assim não se torna o FOCO principal do filme, você se fixa de verdade na história.

Tim começa suas viagens no tempo, sempre com a esperança de encontrar o amor da sua vida. Até que ele finalmente conhece Mary (Rachel McAdams), e como é de se esperar, algumas viagens ao tempo acabam mudando o curso dos acontecimentos. E o personagem acaba tendo que mudar várias vezes alguns acontecimentos do passado, e faz de tudo para que dê certo com Mary.

E, mesmo que se a história se foque (a priori) no romance do casal, como eu disse acima, não senti tanto o tom de romantismo. Por mais que o casal receba a maior atenção do enredo, outros aspectos da vida do protagonista também são levados em consideração, sua relação com o homem que o hospeda em sua casa, seu amor e admiração pela irmã mais nova e sua relação com o pai (que para mim é a melhor parte do filme)

Entre várias voltas no tempo, a história se desenrola nos levando a cada momento a uma reflexão diferente sobre o que fazemos com cada pequeno instante de nossas vidas, afinal, NÓS não podemos voltar no tempo para consertar nada e nem para reviver um bom momento. Mas não vou contar mais, pois não quero dar spoilers.

Só sei que é um filme que vale a pena ser assistido, principalmente por abordar diversos assuntos, como o tempo, família, felicidade, o valor dos detalhes, dos momentos. Uma verdadeira lição de vida.



2-Copie do texto anterior, algumas sequências linguísticas ; partes do texto, nas quais o autor se dirige ao leitor:

3- Analise os três textos anteriores que se referem a filmes e identifique a suporte de gênero, finalidade, perfil do interlocutor e principais características do gênero:

SUORTE DE GÊNERO (Local da publicação)	FINALIDADE (Para quê?)	PERFIL DO INTERLO- CUTOR (Quem é o lei- tor?)	CARACTERÍSTICAS PRIN- CIPAIS DO GÊNERO DIS- CURSIVO: INDICAÇÃO DE FILME

9º ANO

3

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

INDICAÇÃO DE FILME

Análise e influência



Observe os fotogramas abaixo e explique. Recomenda o filme? Por quê?





Imagens disponíveis em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+do+filme+nacionais&espv=2&biw=1366&bih=599&tbm=isch&imgil=1hkKPyWO1hZvM%253A%253Bbr4Ngsq16VxB1>



9º ANO

4

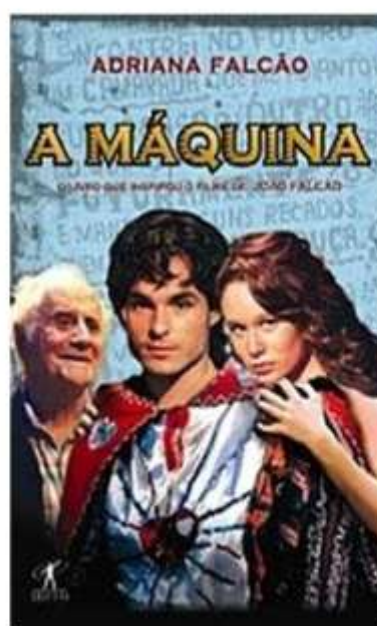
APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

INDICAÇÃO DE FILME

Obra literária que inspira filme



LEIA



ATIVIDADE

1-Preencha com informações adequadas:

A) Autora: _____ Obra Literária _____

B) São dois livros diferentes? Porquê?

C) Por que as imagens dos livros são diferentes?

D) Destaque elementos importantes na ilustração das capas para a compreensão da história?



PROFLETRAS

08

9º ANO INDICAÇÃO DE FILME

9º ANO

5

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO

INDICAÇÃO DE FILME

Obra literária que inspira filme



HORA DOS DESAFIOS

O que será?

*Não tinha terra, não
tinha céu, não tinha bi-
cho, não tinha gente,
não tinha nada.*

*Vende-se mesa de
fórmica, vendo fiteiro,
vendo gado*

De onde ou quanto será?

*Lá de onde Antônio
vem é longe que só a
gota. Longe que só a
gota pra trás. Já vir
de longe pra trás é vir*

*Pra dona Nazaré era seu filho mais ve-
lho. Toda a noite dona Nazaré pedia a
Deus por um filho seu, de modo que a
cada um cabiam dois pedidos por mês
mais um terço de pedido. Na falta de
pedido retalhado, deixava juntar três
meses e então fazia mais um, inteiro,
pra cada filho.*



PROFLETRAS

09

9º ANO

INDICAÇÃO DE FILME

9º ANO

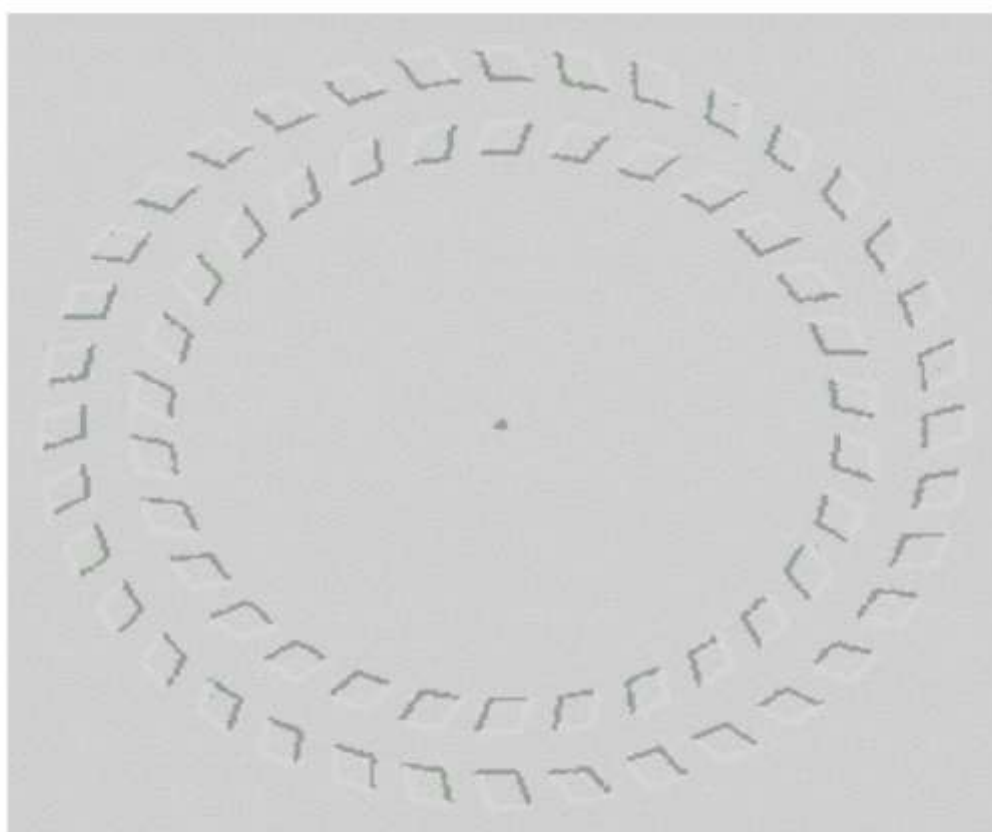
6

INDICAÇÃO DE FILME

MÓDULO I

Desenvolvendo a competência do olhar.

Olhe fixamente para o ponto central e balance a cabeça para frente e para trás.



1 - Responda:

A) O que sentiu? _____

B) Percebeu algum movimento na imagem?

C) Por que isso aconteceu:?

D) Como você explicaria o movimento da imagem?

2- Olhe rapidamente e depois olhe atentamente e explique o que representa a imagem seguinte:



<http://www.manualdomundo.com.br/2014/04/iluses-de-tica-para-bugar-o-seu-crebro/>

3– De acordo com o que você observou , escreva sobre o que representa as imagens que visualizamos antes, elas representam a realidade? Por quê? A metáfora do ralo representaria o que para você?



ASSISTA

<https://www.youtube.com/watch?v=pCXXAs2MSt4>

<https://www.youtube.com/watch?v=RDJ4nQ1Tejw>

Após assistir esses vídeos anteriores sobre cinema, assinale as opções seguintes, buscando um entendimento sobre a sétima arte, o cinema:

- A) Cinema é imagem em movimento e não precisa do cérebro humano para compor a ilusão do movimento.
- B) O cinema tem origem na criação da fotografia.
- C) Os irmãos Lumière são os inventores do cinema.
- D) O olho humano é fundamental na criação da ilusão do movimento das imagens.
- E) Cinema não é arte, visto que a indústria cinematográfica hollywoodiana fatura bilhões.
- F) Cinema é arte e incorpora outras artes
- G) No início o cinema era mudo. O cinema sonoro surge em 1927.
- H) O cinematógrafo, aparelho inspirado na engrenagem de uma máquina de costura, registrava a impressão de movimento.
- I) Justaposição de planos cria uma narrativa no cinema.



9º ANO

7

INDICAÇÃO DE FILME

Analisando o filme.

LEITURA FÍLMICA



A MÁQUINA

Agora, que já assistimos ao filme: *A Máquina*, construa uma indicação desse filme, procure enfatizar motivos para assisti-lo e aponte a temática principal.



REFERÊNCIAS

- AUMONT, J; MARIE, M. **A Análise do Filme**. 3ª ed. Texto de Grafia, Lisboa, 2013.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER M. **Dialética do Esclarecimento** Fragmentos Filosóficos, 1947. Disponível em: <http://charlezine.com.br/wp-content/uploads/Dial%C3%A9tica-do-Esclarecimento-Adorno.pdf> Acesso em: 31/10/15
- BAKHTIN, M. M., 1895-1975. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução MarinaAppenzellerl. — 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior)
- BARBOSA, J. P./ ROVAL, C. F. **Gêneros do Discurso na Escola: discutindo princípios e práticas**, 1ª ed. São Paulo, FTD, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF, 1998a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 28/02/2015
- BRASILMEC. **Programa Nacional do Livro Didático 2017**. Disponível em: file:///C:/Users/Work/Downloads/pnld_2017_edital_consolidado_10062015.pdf Acesso em: 18/03/2016
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**. Organização: MACHADO, A.; R.; MATENCIO, M.; de L.; M.; (Org.). Mercado das Letras, Campinas-SP, 2006.
- COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**, 2 ed, 5ª impressão, Contexto, São Paulo, 2014.
- COUTINHO, M. A. **Escrever com a câmera: a literatura cinematográfica de Jean-Luc Godard**, Belo Horizonte: Crisálida, 2010.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- FALCAO, J. **A MÁQUINA**, A. Distribuidor: Globo filmes, 2006, 90 min. Disponível em: <http://www.cineclick.com.br/a-maquina> Acesso em: 14/11/2015.
- FREQUEST, A. **Cinema e educação: a lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**, Produção: Universo, 2015 Disponível em: http://www.cineop.com.br/Livreto_Educacao10CineOP_WEB.pdf Acesso em: 24/10/2015
- MACHADO, A. R. **Linguagem e Educação O Ensino e a Aprendizagem de Gêneros Textuais**. TARDELLI, S.; A.; CRISTOVÃO, V.; L.; (orgs), Mercado das Letras, São Paulo, 2009
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, L.; TARDELLI, S.; A. **Resenha**. Parábola Editorial, São Paulo, 2004.
- MARCUSHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. Parábola Editorial, São Paulo, 2008.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. 5 ed. Contexto, São Paulo, 2013.



REVISTA CINEMA. **A problemática do cinema infanto-juvenil brasileiro.** Disponível: <http://revistadecinema.uol.com.br/2014/08/a-problematica-do-cinema-infanto-juvenil-brasileiro/>. Acesso em 15 de março de 2015.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** Parábola Editorial, São Paulo, 2012

ROJO, H.R. **Letramentos escolares: coletânea de textos nos livros didáticos de Língua Portuguesa.** Perspectiva. Florianópolis, v. 28, n. 2, jul/dez. 2010. Disponível em: Acesso em 28 jan. 2013

SIRINO, S. P. M. **Cinema Brasileiro: o Cinema Nacional produzido a partir da Literatura Brasileira e uma reflexão sobre suas possibilidades educativas.** Ponta Grossa, 2004.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura.** 6ª edição, Penso, Porto Alegre, 1998.

TERRA, E. **Leitura do Texto Literário.** Contexto, São Paulo, 2014.

WACHOWICZ, T. C. **Análise Linguística nos Gêneros Textuais,** 1ª edição, Saraiva, São Paulo, 2012;





A MÁQUINA — JOÃO FALCÃO, 2006

Com um roteiro alegórico, o filme conta a história de Antônio, um rapaz que mora em uma cidade chamada Nordestina, tão pequena que nem consta no mapa. Aos poucos, os habitantes do local começam a deixar a cidade para partir em busca do mundo. Quando a jovem Karina, por quem ele é apaixonado, decide ir embora, Antônio resolve construir uma máquina do tempo para ir até o futuro e trazer o mundo até ela.





Vidas Secas (Nelson Pereira dos Santos, 1963)

A adaptação do clássico de Graciliano Ramos ganhou uma indicação à Palma de Ouro e se tornou um marco do Cinema Novo. Em preto-e-branco, "Vidas Secas" narra a história de uma família no sertão nordestino, que lida diariamente com a fome, a sede e a morte.



Lisbela e o Prisioneiro (Guel Arraes, 2003)

Do mesmo diretor de “O Auto da Compadecida”, “Lisbela e o Prisioneiro” segue o mesmo estilo teatral, adaptando a peça de Osman Lins. Arraes tece uma fábula romântica sobre um malandro conquistador e uma mocinha sonhadora, que rege sua vida de acordo com os filmes de Hollywood.



O Pagador de Promessas (Anselmo Duarte, 1962)

Único vencedor brasileiro da Palma de Ouro em Cannes até hoje, e indicado ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, “O Pagador de Promessas” é uma adaptação da peça homônima de Dias Gomes. Leonardo Villar interpreta Zé do Burro, um homem simples que faz uma promessa num terreiro de Candomblé de carregar uma cruz para salvar seu burro, mas enfrenta o descontentamento da Igreja Católica.



TAINÁ—A ORIGEM—2013

Animados com o sucesso de *Tainá - Uma Aventura na Amazônia* (2001) e *Tainá 2 - A Aventura Continua* (2004), premiados no exterior e que fizeram - juntos - bem mais que um milhão de espectadores no Brasil, o produtor Pedro Rovai e a roteirista Cláudia Levay apresentam *Tainá - A Origem*. O propósito é mostrar para a molecada como tudo começou na vida da indiazinha, desde o significado do nome, passando pelo fato de ter sido criada pelo vô Tigê (Gracindo Jr.) até o porquê de seus grandes poderes de guerreira das selvas. Para dar um temperinho extra e botar os pequeninos para pensar (um pouquinho) nos perigos da destruição da natureza, pinta um vilão (Guilherme Berenguer) devidamente acompanhado de seus asseclas, dispostos a encontrar e destruir a Grande Árvore Sagrada. Enquanto eles pressionam um sábio vovô (Nuno Leal Maia) para revelar o paradeiro do mapa que os levará até lá, a netinha dele.





MEU PÉ DE LARANJA LIMA—2012

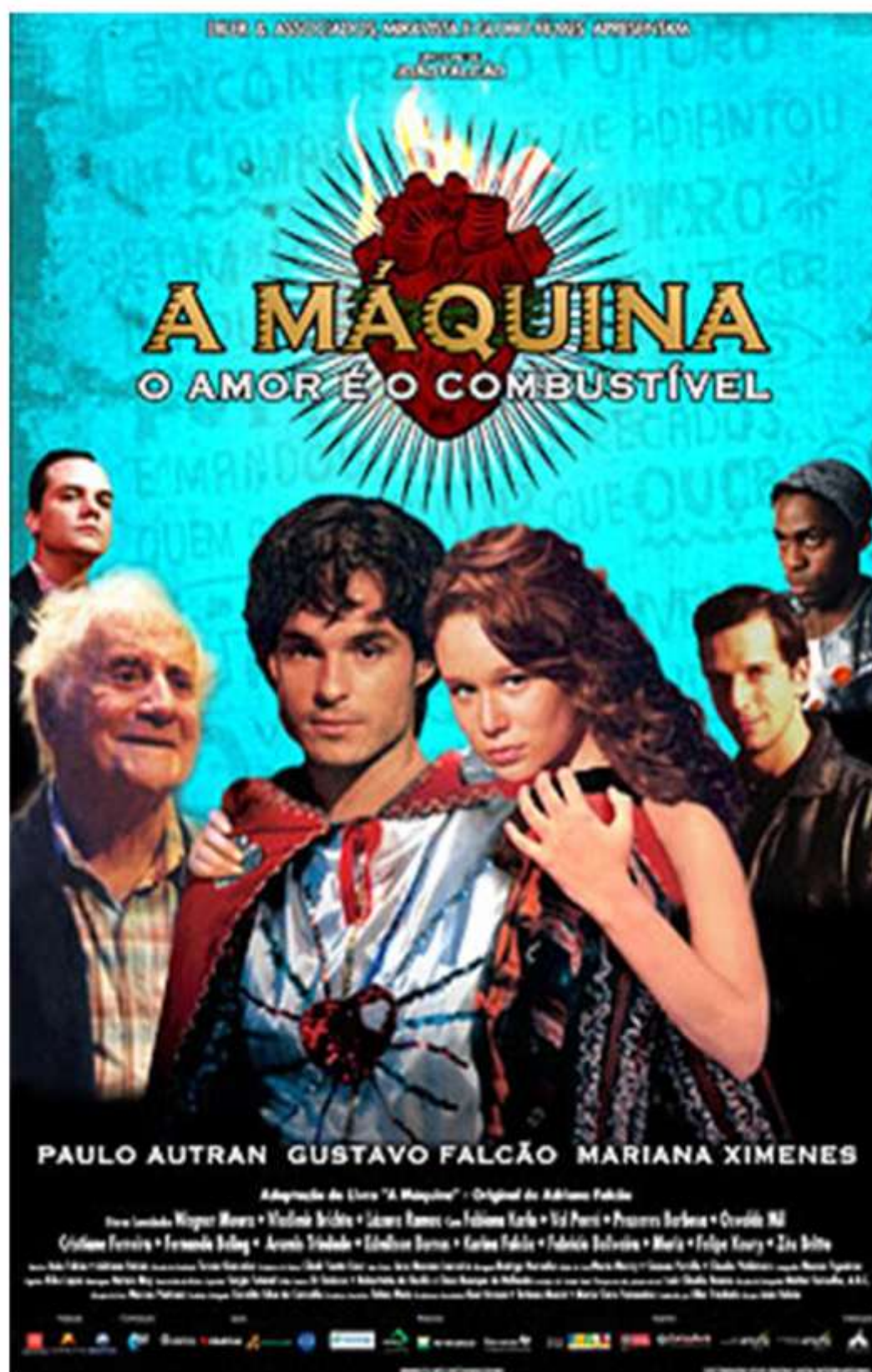
Um filme de drama brasileiro, de 2012, baseado no livro homônimo. Dirigido por Marcos Bernstein e estrelado por João Guilherme Ávila e José de Abreu, é a segunda adaptação cinematográfica da obra de José Mauro de Vasconcelos. O filme conta a história de Zezé, um garoto muito imaginativo, porém incompreendido e que por ser muito peralta, apanha de seu pai, que está desempregado. Com isso, eles são forçados a mudar para uma casa menor; na nova casa ele encontra um pé laranja lima, onde ele descansa e conversa com sua árvore, minguinho



QUE HORAS ELA VOLTA? - 2015

Val, uma mulher que deixou a filha no interior de Pernambuco e foi ser babá em São Paulo, atrás de estabilidade financeira. Treze anos depois, sua filha resolve ir para São Paulo tentar vestibular. Mas a menina não se comporta do jeito que os patrões de Val esperam.







PROFLETRAS

27

9º ANO

INDICAÇÃO DE FILME



VOCE TAMBEM
VAI QUERER ENTRAR
NESSA AVENTURA.



PROFLETRAS

28

9º ANO

INDICAÇÃO DE FILME

VIDAS SÊCAS

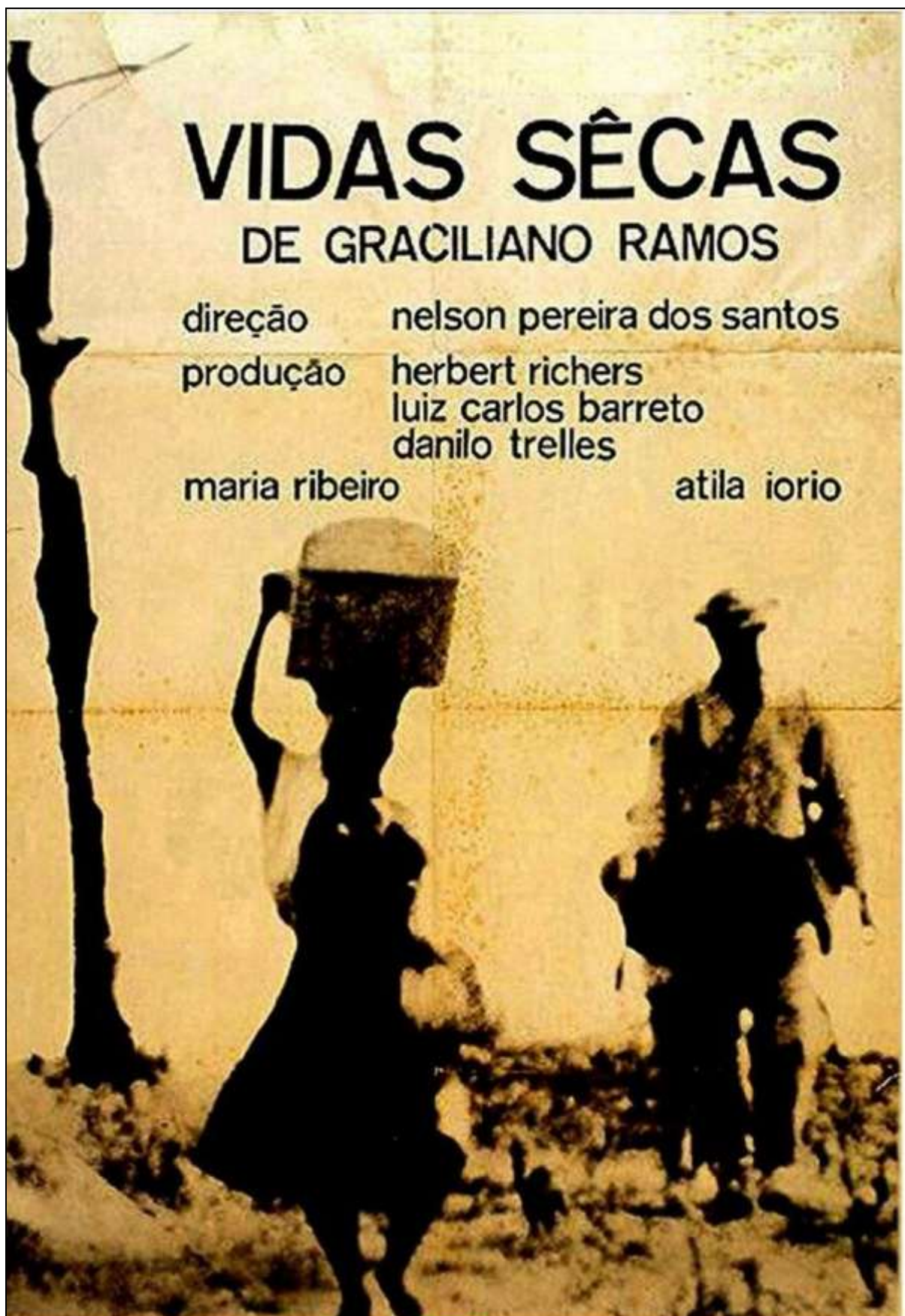
DE GRACILIANO RAMOS

direção nelson pereira dos santos

produção herbert richers
luiz carlos barreto
danilo trelles

maria ribeiro

atila iorio



PROFLETRAS

29

9º ANO

INDICAÇÃO DE FILME

Governo de Minas e **PETROBRAS**

Lino Facioff Mateus Solano Regiane Alves

o Menino no Espelho

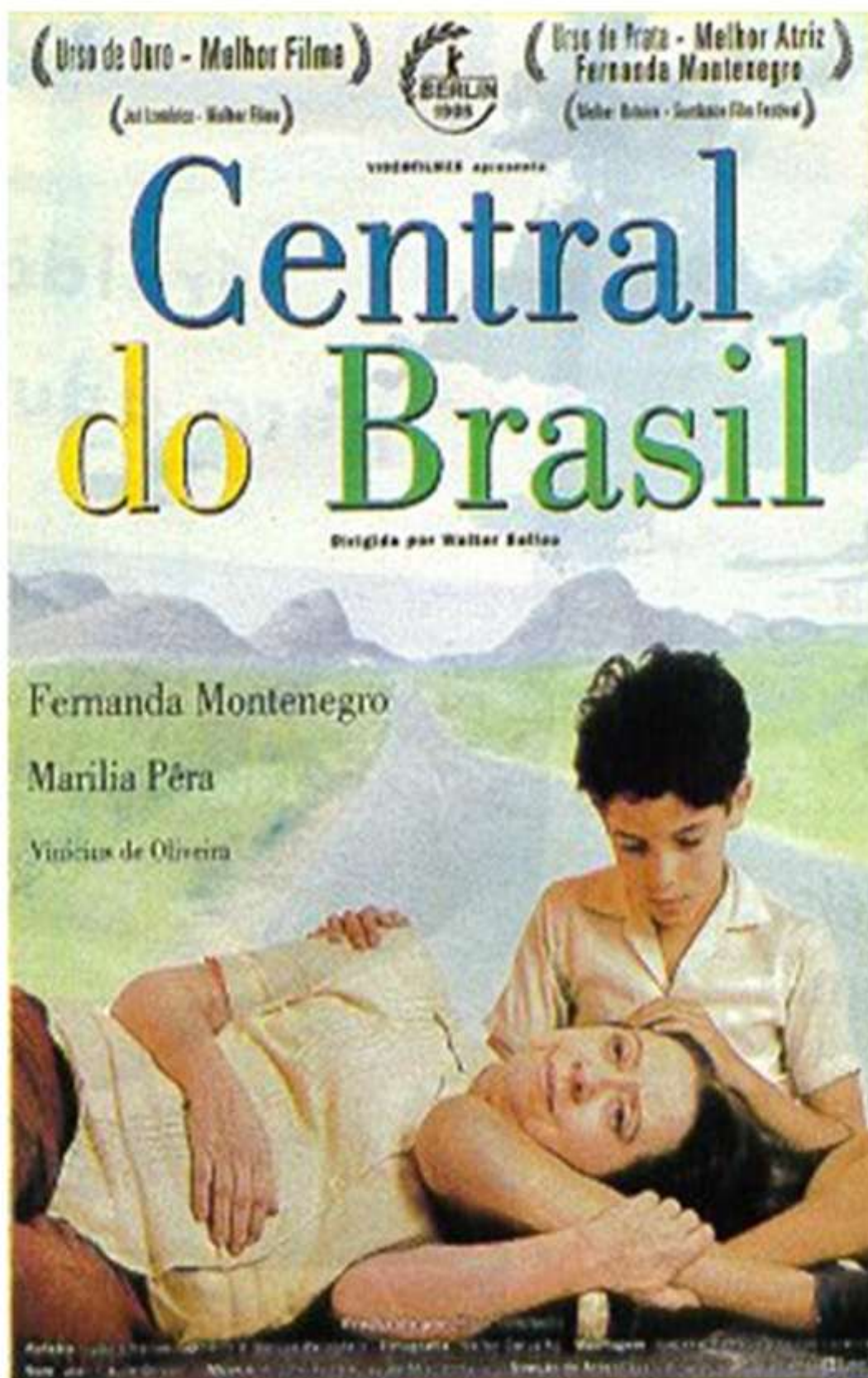
Da obra de Fernando Sabino

Uma produção de Cleber Carrara Um filme de Guilherme Szaja Zaha

Diego Blat Giselle Gross Laura Sotex Giovanna Bispuri Murilo Quirino Rayl Hood

CRISTIANO ABREU COMMERCI FÁBIO ANDRÉ CARRERA RUIZ JOSÉ ROBERTO FERREIRA ROLY PERISSINATO LILIAN ALICE ROSA VENTURA PRISCILLA BUENO THOMAS CUNHA
 VIVIANE MARIA SOARES SUSTANO CAMPOS CAROLINE PETRILLO JOÃO MIGUEL TOLBERTO NERY FERNANDES JOÃO VINÍCIUS CAVALHO ROBERTO LUIZ ALEXANDRE DAVILA JOÃO HENRIQUE
 EDITORA E CLASSE SOCIAL MONTAGEM DIRETOR DE FOTOGRAFIA ANDRÉ CARREIRA SUPERVISOR DE SOM CARLOS VIEIRA

9º ANO **INDICAÇÃO DE FILME**



PROFLETRAS

31

9º ANO

INDICAÇÃO DE FILME

passaro films, imovision e geotvobras apresentam um filme de MARCOS BERNSTEIN

BASEADO NO LIVRO MAIS VENDIDO DO BRASIL

do diretor de DO OUTRO LADO DA MOA e veterano de CENTRAL DO BRASIL e CRICK XAVIER

Meu Pé de Laranja Lima

JOSÉ DE ABREU JOÃO GUINERME ÁVILA EDUARDO DASCAR FERNANDA VIARNA EMILIANO QUEIROZ TINO GOMES TÍPICO CAÇO CIOCLEA

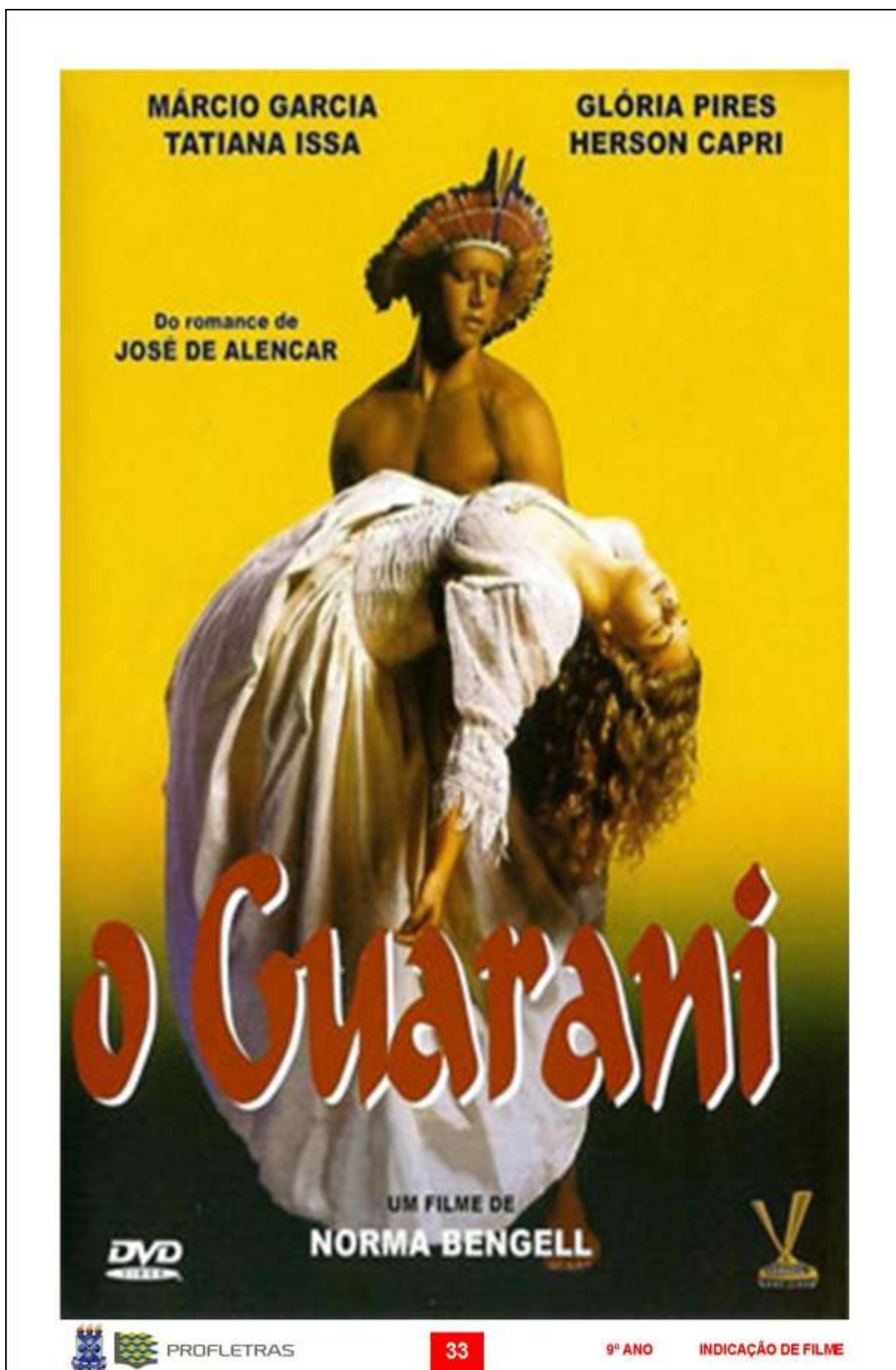
www.meupedeoranjelima.com.br

Verifique a classificação de indicativo

PROFLETRAS


32

9º ANO INDICAÇÃO DE FILME



...tem uma delicadeza bem-humorada que vai encantando o espectador...

BASEADO NO LIVRO DE MARCELO C. COPIHA




Direção de Ana Luiza Azevedo

antes que o mundo acabe

A descoberta de que o mundo é muito maior do que a gente pensa.



PEDRO FERREIRA EDUARDO CARREIRO DANCA NETO
 CAROLINE ESTRELA EDUARDO MOREIRA JULIANA KRUMHOLTZ
 MURILLO GARCIA FILME "ANTES QUE O MUNDO ACABE" DO TIPO "DIAZ"
 PRIMA ACTO DO TIPO "DIAZ" DO TIPO "DIAZ"
 com GUY ALVES BRAGA com ANA LUÍZA AZEVEDO
 com RICARDO COSTA com VIVIANE SPINELLI
 com PATRÍCIA FARIAS SHELBA AMARAL TUDO MUITO BOM
 LUCIANA LOPES com ANA LUÍZA AZEVEDO GUY ALVES BRAGA
 JONAS TORRES PAULO BALDIANI com ANA LUÍZA AZEVEDO



www.antesqueomundoacabe.com.br

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME



INDICAÇÃO DE FILME

ALUNO(A) _____ SÉRIE: 8ª A TURNO: MATUTINO

AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE MOTIVAÇÃO DO MÓDULO

1- Você já realizou alguma atividade em sala de aula que explorasse a capacidade do olhar?

 Sim Não

2- Se respondeu sim, explique como foi essa atividade?

3- Você gostou de realizar esse tipo de atividade?

 Sim Não

4- Você sentiu dificuldades em realizar em realizar essa atividade?

 Sim Não Mais ou menos

5- Para responder às questões você:

 Conseguiu responder sem ajuda. Pediu ajuda aos colegas, pois teve questão que não conseguiu responder sozinho. Deixou em branco, pois se você não compreende, é melhor não responder de qualquer jeito. Copiou a resposta do colega.

6- Para responder sobre o movimento da imagem, o que facilitou foi o fato de que você:

 Já tinha ouvido alguém falar sobre o assunto. Já tinha ouvido falar em ilusão de ótica. Leu na internet informações sobre movimento de imagens. Nunca ouviu, nem leu sobre o assunto, por isso não foi fácil.

7- Para responder sobre a representação da imagem.

 Primeiro, você visualizou a imagem de um olho. Primeiro, você notou que se tratava de um ralo de uma pia onde a água descia e no entorno ainda havia espuma de detergente. Não percebeu que se tratava de um ralo de pia. Não percebeu a aparência de um olho. Visualizou uma outra imagem.

8- Se visualizou uma outra imagem, explique o que viu:



ANEXOS

Título da Pesquisa: O CINEMA NACIONAL NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA O gênero discursivo indicação de filmes e sua interatividade com o leitor

Pesquisador Responsável: Naijane Aparecida dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55362816.3.0000.0053

Submetido em: 23/07/2016

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Situação da Versão do Projeto: Aprovado

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal:	Financiamento Próprio
--------------------------------	-----------------------

METÁFORA – COMPARAÇÃO

1-Aquele homem é um leão.

Estamos comparando um homem com um leão, pois esse homem é forte e corajoso como um leão.

2-A vida vem em ondas como o mar.

Aqui também existe uma comparação, só que desta vez é usado o conectivo comparativo: como.

O exemplo 1 é uma metáfora e o exemplo 2 é uma comparação.

Exemplos de metáfora.

Ele é um anjo.
Ela é uma flor.

Alegoria: é uma acumulação de metáforas referindo-se ao mesmo objeto; é uma figura poética que consiste em expressar uma situação global por meio de outra que a evoque e intensifique seu significado. Na alegoria, todas as palavras estão transladadas para um plano que não lhes é comum e oferecem dois sentidos completos e perfeitos – um referencial e outro metafórico.

Exemplos de comparação.

A chuva cai como lágrimas.
A mocidade é como uma flor.

Metáfora: sem o conectivo comparativo.
Comparação: com o conectivo (como, tal como, assim como)

7) METONÍMIA

Aqui também existe a comparação, só que desta vez ela é mais objetiva.

Ele gosta de ler Agatha Christie.
Ele comeu uma caixa de chocolate.
(Ele comeu o que estava dentro da caixa)

A velhice deve ser respeitada.
Pão para quem tem fome (“Pão” no lugar de “alimento”)

Não tinha teto em que se abrigasse (“Teto” em lugar de “casa”)

8) PERÍFRASE - ANTONOMÁSIA

A Cidade Maravilhosa recebe muitos turistas durante o carnaval.
O Rei das Selvas está bravo.
A Dama do Suspense escreveu livros ótimos.
O Mestre do Suspense dirigiu grandes clássicos do cinema.

Nos exemplos acima notamos que usamos expressões especiais para falar de alguém ou de algum lugar.

Cidade Maravilhosa: Rio de Janeiro
Rei das Selvas: Leão
A Dama do Suspense: Agatha Christie
O Mestre do Suspense: Alfred Hitchcock

Quando usamos esse recurso estamos empregando a perífrase ou antonomásia.
Perífrase, quando se tratar de lugares ou animais.
Antonomásia, quando forem pessoas

9) CATACRESE

A catacrese é o emprego impróprio de uma palavra ou expressão por esquecimento ou ignorância do seu real sentido.

Sentou-se no braço da poltrona para descansar.
A asa da xícara quebrou-se.
O pé da mesa estava quebrado.
Vou colocar um fio de azeite na sopa.

10) ANTÍTESE

Emprego de termos com sentidos opostos.

Ela se preocupa tanto com o passado que esquece o presente.
A guerra não leva a nada, devemos buscar a paz.

11) EUFEMISMO

Aquele rapaz não é legal, ele subtraiu dinheiro.
Acho que não fui feliz nos exames.

12-Paradoxo

Consiste em empregar palavras que, ainda opostas quanto ao sentido, se fundem num mesmo enunciado, resultando numa proposição aparentemente absurda, já que desafia, muitas vezes, a opinião compartilhada pela maioria.
Exemplo:

"A explosiva descoberta
Ainda me atordoa
Estou cego e vejo.
Arranco os olhos e vejo"
(Carlos Drummond de Andrade)

13-Sinestesia

Ocorre quando, numa enunciação, há uma mescla de diferentes sensações que são percebidas pelos órgãos de sentido.

Exemplo: Gosto quando mamãe canta. Ela tem uma voz macia e doce. (sentidos: voz = audição; macia = tato; doce = paladar)

14-Silepse

É uma figura de construção que ocorre quando se faz concordância com um termo oculto na oração, mas que é facilmente subentendido. A concordância é feita com a ideia que esse termo representa.

Exemplo: "Dizem que *os cariocas* somos poucos dados aos jardins públicos." (Machado de Assis)
(termo oculto = nós)

15-Ironia

Ocorre quando se diz o contrário do que se tem intenção de dizer para satirizar, criticar, questionar certo tipo de pensamento ou para ridicularizá-lo.
Exemplo: Aquele menino dela é *um santo*. Só derrubou minha coleção de discos de vinil três vezes.

16-Hipérbole

Consiste no exagero de uma ideia com a intenção de engrandecer ou diminuir a verdade dos fatos.
Exemplo: Já disse isso a você *um milhão* de vezes!



Figuras de linguagem

Aliteração - repetição de sons consonantais (consoantes)

"Boi bem bravo, bate baixo, bota baba, boi berrando" (Guimarães Rosa)

Assonância - repetição dos mesmos sons vocálicos (vogais)

"Ah! Plangentes violões, dormentes, morno" (Cruz e Souza)



Leitura fílmica

ÂNGULO ALTO - Enquadramento da imagem com a câmara focalizando a pessoa ou o objeto de cima para baixo.

ÂNGULO BAIXO - Enquadramento da imagem com a câmara focalizando a pessoa ou o objeto de baixo para cima.

ÂNGULO PLANO - Ângulo que apresenta as pessoas ou objetos filmados num plano horizontal em relação à posição da câmara.

CÂMARA OBJETIVA - Posicionamento da câmara quando ela permite a filmagem de uma cena do ponto de vista de um público imaginário.

CÂMARA SUBJETIVA - Câmara que funciona como se fosse o olhar do ator. A câmara é tratada como "participante da ação", ou seja, a pessoa que está sendo filmada olha diretamente para a lente e a câmara representa o ponto de vista de uma outra personagem participando dessa mesma cena.

CLÍMAX - Ponto culminante da ação dramática.

"CLOSE-UP" - Plano que enfatiza um detalhe. Primeiro plano ou plano de pormenor. Tomando a figura humana como base, este plano enquadra apenas os ombros e a cabeça de um ator, tornando bastante nítidas suas expressões faciais.

DECUPAGEM - Planificação do filme definida pelo diretor, incluindo todas as cenas, posições de câmara, lentes a serem usadas, movimentação de atores.

"FLASH-BACK" - Cena que revela algo do passado, para lembrá-lo, situar ou revelar enigmas.

"FLASH-FORWARD" - Cena que revela parcialmente algo que acontecerá após o tempo presente. O mesmo que flash para frente.

"INSERT" - Imagem breve, rápida e quase sempre inesperada que lembra momentaneamente o passado ou antecipa algum acontecimento. Os inserts podem ser variados ou repetidos, estes servindo, às vezes, de plot, o núcleo dramático ou algo que o simbolize.

"OFF" - Vozes ou sons presentes sem se mostrar a fonte emissora.

PANORÂMICA - (pan) Câmara que se move de um lado para outro, dando uma visão geral do ambiente, mostrando-o ou sondando-o.

PASSAGEM DE TEMPO - Artificio usado para mostrar que o tempo passou.

"PATHOS" - Drama, conflito.

PERCURSO DA AÇÃO - Conjunto de acontecimentos ligados entre si por conflitos que vão sendo solucionados através de uma história.

PERIPEÇIA - O mesmo que incidente, aventura. Excesso de ação, recurso marcadamente usado em telenovelas, em folhetins, no melodrama, na radionovela. O romance romântico abusou da peripecía: aí alguns críticos apontam a causa maior de seu sucesso junto ao público feminino, no século XIX.

PERSONAGEM - Quem vive a ação dramática.

PING-PONG - Tipo específico de montagem onde duas imagens semelhantes, em termos de ângulo, tamanho e posicionamento dentro do quadro, se alternam regularmente, mantendo a unidade da cena.

PLANO AMERICANO - Plano que enquadra a figura humana da altura dos joelhos para cima.

PLANO DE CONJUNTO - Plano um pouco mais fechado do que o plano geral.

PLANO DE DETALHE - Mostra apenas um detalhe, como, por exemplo, os olhos do ator, dominando praticamente todo o quadro.

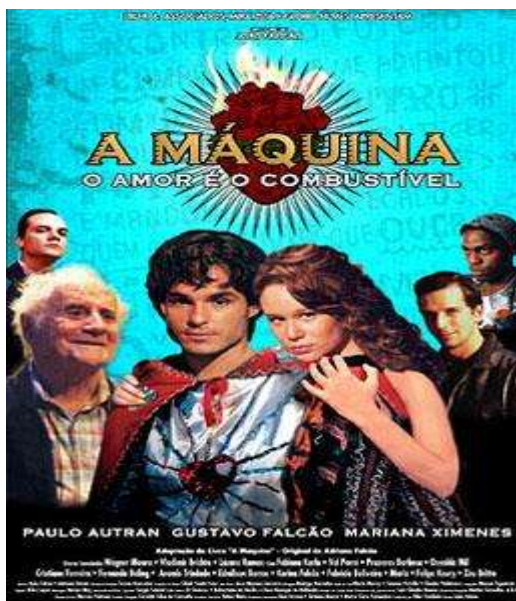
PLANO GERAL - Plano que mostra uma área de ação relativamente ampla.

PLANO MÉDIO - Plano que mostra uma pessoa enquadrada da cintura para cima.

PLANO PRÓXIMO - Enquadramento da figura humana da metade do tórax para cima.

MACHADO, Jorge (org.) Roteiro de Cinema. Manuais Online. Vocabulário do Roteirista. Disponível em: <http://www.roteirodecinema.com.br/manuais/vocabulario.htm>

22/05/2009 11h03
por Celso Sabadin



Ficha do Filme

É incrível como um país como o Brasil, dono de uma riquíssima tradição na arte de se contar histórias e "causos", explore tão pouco esta habilidade na área cinematográfica. Tentando suprir pelo menos um pouco esta falha, chega aos cinemas o ótimo **A Máquina**, uma fábula romântica rica em forma, conteúdo e recheada da deliciosa poética nordestina.

A Máquina nasceu como livro, assinado pela carioca Adriana Falcão. Depois veio a peça teatral, adaptada e dirigida pelo marido, o pernambucano João Falcão. E agora a história chega ao cinema, com roteiro de ambos e direção de João, marcando sua estreia na tela grande, após vários anos de experiência nos palcos e na TV.

Em clima de sonho, fantasia e realismo fantástico, o filme se passa na minúscula cidade de Nordestina, interior de Pernambuco. É lá que nasce Antonio, garoto que passa os primeiros anos de sua vida chorando sem parar. Após uma benzedeira de sua mãe, o menino finalmente para de chorar e suas lágrimas são magicamente transformadas em chuva, para a felicidade do lugarejo, sempre castigado pela seca. Ele passa, então, a ser considerado "O Filho do Tempo". Já moço, Antonio (agora vivido por Gustavo Falcão), apaixona-se pela bela e sonhadora Karina (Mariana Ximenes), que quer abandonar Nordestina e ganhar o mundo como atriz. Antonio não gosta da ideia: se sua amada quer o mundo, ele mesmo vai se encarregar de buscá-lo de presente para ela. Nem que para isso tenha de viajar no tempo e desafiar a morte.

Se a trama por si só já é bela e poética, a maneira pela qual ela é contada é um capítulo a . O sonoro linguajar nordestino, a riqueza da língua e dos sotaques, a precisão do texto, a cultura brasileira de raiz extravasando por todos os poros do filme, tudo isso pode (e deve) ser apreciado e aplaudido. Escancarando suas origens teatrais na cenografia e na direção de arte, ao mesmo tempo em que se mostra ágil e eficiente na linguagem cinematográfica, **A Máquina** é uma grande surpresa do nosso cinema e, desde já, candidato como um dos melhores filmes do ano.

O elenco é basicamente o mesmo do teatro, com Wagner Moura, Vladimir Brichta, Lázaro Ramos, Karina Falcão e Gustavo Falcão, com a inclusão de Paulo Autran e Mariana Ximenes, e fotografia de Walter Carvalho, o mesmo de *Central do Brasil* e *Lavoura Arcaica*. Quer mais? Um tema inédito especialmente composto por Chico Buarque de Hollanda.

Não estranhe se **A Máquina** lembrar um familiar sabor de Guel Arraes. Afinal, Falcão foi parceiro de Guel nos especiais *O Coronel e o Lobisomem*, *O Homem Que Sabia Javanês*, *Suburbano Coração* e *O Engraçado Arrependido*, da série Brasil Especial. Ele também escreveu e dirigiu *O Grande Amor da Minha Vida*, *Mulheres, Parece Que Foi Ontem*, *A Grande Noite* e *A Voz do Coração* para a série *Comédias da Vida Privada*. E assinou a minissérie *O Auto da Compadecida* e o roteiro para o filme.

Para quem ainda acha que o cinema não deve se deixar "impregnar" pela televisão (principalmente pela Globo), **A Máquina** prova que é hora de rever conceitos